Diário de Lisboa

Março 1980
Terça-feira

ANO 58.°
N.° 20 202
12$50

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Entrega de reservas prosseguia esta manhã

Governo mobiliza contra Reforma Agrária

Cumprindo o prometido o Governo Sá Carneiro prosseguiu hoje a sua ofensiva contra a Reforma Agrária. Ao fim da manhã, e perante o repúdio de cerca de 2000 trabalhadores agrícolas que se concentraram na freguesia da Salvada, a 11 km de Beja, o MAP entregou mais uma reserva, desta vez na UCP «Terra de Pão». O agrário José Maria Lampreia recebeu «de mão beijada» e com o apoio de forte dispositivo da GNR, 34,5 hectares melhor terra daquela UCP (terra de barro).

À hora de fecharmos esta edição a manifestação de protesto continuava, encontrando-se naquela localidade 38 reboques para ali transportados por trabalhadores das redondezas. Três outras viaturas foram impedidas de entrar na Salvada pelas forças da GNR. O tenente Faustino, que comanda aquela força militarizada, tentou isolar um dirigente sindical dos restantes manifestantes, numa atitude que causou protestos.

Durante o dia de ontem a ofensiva do MAP atingiu várias UCP's do distrito de Beja. Durante a demarcação de uma reserva na UCP «26 de Janeiro» dezoito pessoas ficaram feridas no decorrer de uma carga dos elementos da GNR destacados no local.

Ainda ontem o Governo emitiu uma nota a lembrar «métodos do passado» (como o PS a classificou). Nesse documento o Executivo Sá Carneiro declara que vai recorrer cada vez mais à GNR e também à Polícia Judiciária e ao Código Penal, para «assegurar as condições de execução da política do MAP». Numa nota, também a propósito do comunicado do Governo, o PCP classifica-o de «intolerável forma de pressão e ameaça sobre os trabalhadores da Reforma Agrária».

Pág. 5

"Pronunciamento militar"

Judiciária sem luz verde para investigar

A Polícia Judiciária ainda não iniciou quaisquer investigações respeitantes ao «pronunciamento militar», apuramos hoje junto daquela corporação. Segundo a mesma fonte, a iniciativa deverá, em princípio, partir da Procuradoria Geral da República, por solicitação de qualquer órgão de poder ou entidade que se considere com legitimidade para tal.

Em contacto esta manhã com a Procuradoria Geral da República fomos informados que no expediente normal não chegou qualquer indicação nesse sentido àquele órgão. No entanto, é muito provável (admitiu o mesmo informador) que a iniciativa se processe como assunto «confidêncial», o que significa que seja canalizada directamente para o Procurador-geral da República, conselheiro Arala Chaves.

A denúncia seguirá primeiramente para o Tribunal de Investigação Criminal, órgão competente para organizar o processo e só por determinação do Juiz de Investigação, a quem o caso for distribuído, a Polícia Judiciária procederá às investigações.

Apuramos também que no Tribunal de Investigação Criminal não existe qualquer denúncia sobre tal matéria.

Itália

Arménios atacam de novo

Dois mortos e uma dezena de feridos, tal é o balanço de mais um atentado ontem cometido em Roma, pelo Exército Secreto de Libertação da Arménia, contra a delegação das Linhas Aéreas Turcas. Na telefoto UPI/ANOP/«DL», polícias italianos observam os estragos causados pelas duas bombas que destruíram parte do edifício e o sangue que uma das vítimas ali deixou. Nos últimos anos diversas organizações de descendentes dos arménios vítimas do genocídio perpetrado pelos turcos em 1917 têm reivindicado a autoria de dezenas de atentados contra bens e pessoas turcas, entre as quais seis diplomatas desse país.

Pág. 16

11 Março de 75

Foi há cinco anos. Uma data polémica, um julgamento ainda por fazer. Há relatórios, há depoimentos, há um manancial de informações mais ou menos dispersas. Mas as responsabilidades continuam por apurar. Até quando?

Hoje há «Exclusivo»

A vitória explosiva da Frente Patriótica, na Rodésia, e os perfis políticos dos seus dois indiscutíveis dirigentes é o tema principal do «Exclusivo» de hoje, recheado de assuntos variados e do maior interesse: a presença das multinacionais em Porto Rico, a Europa na década de oitenta, a França e o Brasil na crise internacional, a monarquia holandesa a propósito da abdicação da rainha Juliana, as primeiras decisões de Indira, o futuro de El Salvador, etc.

RTP

Tempo de antena cancelado à CGTP

O tempo de antena a que a CGTP-IN tinha direito para divulgação do seu III Congresso (15 minutos ontem e 15 minutos hoje) foi cancelado por ordem «não se sabe bem de quem» – disse-nos, esta manhã, um porta-voz da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses.

Quando ontem se aguardava o primeiro quarto de hora de transmissão, à semelhança do que acontecera em 77 quando da realização do Congresso de Todos os Sindicatos, a CGTP foi informada que a transmissão tinha sido cancelada, embora tivesse sido anunciada nos jornais diários de ontem.

A CGTP reconhece que, com base num compromisso assumido entre a RTP e aquela Central Sindical, se deslocou ao Congresso uma equipa da Radiotelevisão constituída por numerosos profissionais, a qual concretizou a reportagem televisiva. Acontece, no entanto, que a primeira parte não foi ontem transmitida, não se prevendo tão pouco que o seja hoje, embora a favor da CGTP militem o artigo 40.° da Constituição e o articulado da Lei da Radiotelevisão.

Explicações vão ser exigidas a quem de direito.

Varela Gomes polémico

"Não simpatizo com Costa Gomes"

Pág. 6

CESCOPE: os cestos que a Guarda exporta

Pág. 7

concurso DL

1980

Fazemos 59 anos

Oferecemos 59 presentes

A colaboração dos nossos leitores e amigos é absolutamente necessária para o CONCURSO «DL»-1980 ser um novo êxito. O CONCURSO destina-se, como temos acentuado, a permitir a distribuição de 59 presentes de aniversário. Um presente por cada ano desde que teve início a publicação do «Diário de Lisboa» em 1921.

A colaboração dos leitores pode e deve ter duas formas: participarem no CONCURSO; divulgarem as informações relativas à realização do CONCURSO.

O CONCURSO é uma forma de festejarmos mais um aniversário do «Diário de Lisboa». Mas é sempre possível ligar o útil ao agradável. Neste caso, à festa comemorativa, o esforço colectivo para levarmos mais longe o «Diário de Lisboa».

Este é o nosso jornal independente da tarde. Este é o jornal que, na sua longa vida, tem dado provas de informação isenta, de responsabilidade democrática, de independência crítica e opinativa.

Este é o jornal que oferece presentes aos seus leitores e que não esquece, também, os seus vendedores.

O CONCURSO «DL» está aberto a todos. Todos podem concorrer. Todos – leitores e vendedores – poderão ser favorecidos pela sorte.

1980

concurso DL

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Conselhos de Informação continuam sem presidentes

A conferência dos presidentes dos Conselhos de Informação para a RTP, RDP, Imprensa e ANOP não conseguiu chegar a acordo sobre a distribuição das presidências daqueles Conselhos pelos quatro grandes partidos.

Tanto o PSD como o PS reivindicaram a presidência do CI para a RTP.

No final da reunião, Manuel Osório (PSD) afirmaria que o seu partido pretende a presidência do CI para a RTP «por ser o maior partido português». Júlio Antunes (CDS) disse, por seu turno, que a AD, como força política maioritária, deve poder escolher duas das quatro presidências, afirmação esta que suscitou o apoio de Manuel Osório.

Sebastião Garcia (PS) afirmou, depois, que até às próximas eleições, as presidências dos quatros CI's devem continuar a caber aos Partidos que as vêm ocupando. Só depois das próximas eleições é que deveria ser feita a redistribuição das presidências, de acordo com o número de deputados com que cada partido ficar.

Por sua vez, Jorge Lemos (PCP) considerou que enquanto não for possível encontrar novo consenso relativamente à distribuição dos presidentes, deverão actuar os que, até à data, estão em exercício, de acordo com o número de deputados de cada partido.

Sob patrocínio da UNESCO

Nova Ordem da Informação debate-se no México em Abril próximo

Dirigentes das principais organizações de profissionais de Informação do mundo analisarão, nos primeiros dias de Abril, no México, o papel do jornalista na 'Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação' (NOMIC).

A reunião, patrocinada pela UNESCO, será organizada pela Federação Latino-Americana de Jornalistas (FLAJ) e efectuar-se-á entre 1 e 3 de Abril.

Além de altos funcionários da UNESCO, participarão na reunião dirigentes das duas maiores organizações internacionais de jornalistas: a Organização Internacional de Jornalistas (OIJ) e a Federação Internacional de Jornalistas (FIJ), com sede, respectivamente, em Praga e Bruxelas.

Esta segunda reunião (a primeira efectuou-se em Paris em Abril de 78) contará com a presença de organismos regionais, tais como a Liga de Jornalistas Árabes, a Liga de Jornalistas Africanos, a Associação de Jornalistas da Ásia, a Liga de Jornalistas Católicos e a Federação Latino-Americana de Jornalistas.

Os temas da reunião são, em princípio, a nova ordem informativa internacional, a protecção e defesa do jornalista, a nova concepção de notícias, a situação do jornalista no mundo e a declaração da UNESCO sobre liberdade de Informação.

Guiné-Bissau: RDA ministra curso de jornalismo

Um curso intensivo de jornalismo, orientado por dois jornalistas da República Democrática Alemã, e dirigido aos profissionais guineenses está a decorrer em Bissau.

A RDA presta importante apoio ao sector da Informação da Guiné-Bissau, tendo no ano passado oferecido grande quantidade de material para reequipar as oficinas gráficas locais.

O director-geral da Informação, Arnaldo Araújo, observou na sessão inaugural do curso que «há uma profunda identidade de objectivos e de princípios» entre a Informação de ambos os países, factor «favorável à transmissão de conhecimentos».

Nos últimos anos, numerosos jornalistas guineenses têm feito estágios de aperfeiçoamento no estrangeiro, nomeadamente em Portugal e, mais recentemente, na Jugoslávia.

Encontro Internacional dos CI'S

Resultados foram positivos

O Conselho de Imprensa considerou «muito positivos» os resultados alcançados com a realização, em Lisboa, nos dias 29 de Fevereiro e 1 de Março, do Encontro Internacional de Conselhos de Imprensa.

Participaram no Encontro, além de actuais e antigos membros do Conselho de Imprensa e profissionais dos meios de Comunicação Social Portugueses, represetantes dos Conselhos de Imprensa da Suécia, Grã-Bretanha e Holanda e da Ordem dos Jornalistas Italianos.

Assim, o Encontro Internacional permitiu verificar que todos os Conselhos de Imprensa presentes e a Ordem dos Jornalistas Italianos actuam no sentido da defesa da liberdade da expressão de pensamento, bem como da definição de normas de conduta que assegurem o efectivo exercício do direito à Informação.

O Conselho de Imprensa considera que «o Encontro Internacional permitiu verificar que os Conselhos de Imprensa presentes e a Ordem dos Jornalistas Italianos prosseguem objectivos comuns, a despeito de serem diferentes as suas origens históricas e parcialmente diferentes as suas orgânicas, competências e atribuições».

Sindicato paralelo em perspectiva?

São esperadas mais demissões do Sindicato dos Jornalistas

Depois de Pacheco de Andrade, director do «Diário Popular», é Nuno Rocha, director do semanário «Tempo», que pede a demissão de sócio do Sindicato dos Jornalistas.

O primeiro, justificando a sua decisão, entende que o SJ se não deve pronunciar sobre a sua acção censória naquele vespertino, acção essa que já mereceu a crítica severa do Conselho de Imprensa e sobre a qual se irá pronunciar em breve o Conselho de Informação para a Imprensa. Este pedido de demissão surge como uma resposta à intenção do SJ em publicar um número extra do «Jornalismo», órgão daquela organização sindical, exclusivamente dedicado à prática de censura consumada por Pacheco de Andrade. Além disso, a demissão é também um estratagema para Pacheco de Andrade se eximir ao juízo ético do Sindicato.

Quanto a Nuno Rocha, presentemente ausente de Lisboa, admite-se que aposte na criação de um sindicato paralelo, hipótese subtilmente avançada por Pacheco de Andrade em artigo de fundo inserto no «DP», no dia 7 do corrente, intitulado «Sejamos claros», no qual afirma que outros jornalistas estariam na disposição de se demitirem do SJ.

Entretanto, e por nota publicada em «A Tarde», de apoio a Pacheco de Andrade, presume-se que também Torquato da Luz esteja disposto a abandonar o Sindicato. Finalmente, especula-se com nota de igual teor assinada por Helena Marques, redactora do «Diário de Notícias».

Aguarda-se, a todo o momento, uma posição do Sindicato dos Jornalistas, cujos corpos gerentes estiveram ontem à noite reunidos.

"Portugal-Hoje" já tem CR

Os quarenta jornalistas do matutino «Portugal Hoje» elegeram, pela primeira vez, um Conselho de Redacção.

O jornal foi fundado em 5 de Outubro passado, sendo geralmente considerado afecto ao Partido Socialista.

Concorreram ao acto duas listas, saindo vencedora a constituída por António Ribeiro, Vítor Marques, Carlos Albuquerque, Eduardo Guerra Carneiro e Fernando Almeida.

A outra lista integrava os nomes de José Rui Cunha, Almeida Ribeiro, Jorge Massada, Almeida Henriques e Jorge Oliveira.

Cartas do Terceiro Homem aos governantes deste País (II)

Cecília Barreira

Falámos na última carta, do Terceiro Homem sergiano, duma dimensão política, social e cultural inerente a uma visão mais esclarecida e humanística de encarar a relação político/homem.

Uma palavra, aparentemente simples, surge como um dilema de qualquer sociedade em construção/renovação na busca de formas cada vez mais perfeitas de justiça e igualdade social: **Democracia.** Mito esfíngico das sociedades contemporâneas, anatemizada pelas mais variadas experiências, teorias, contradições, tem sido impulsionada por uma luta cada vez mais aguda contra os sistemas do totalitarismo político ou social. A democracia não é uma só. É um nunca acabar de caminhos possíveis, pelo que dá margem às mais variadas cargas ideológicas na interpretação, na análise das experiências concretas, reinviadas para um espaço, para um tempo, para um corte vertical sincrónico na história de cada povo.

Diz-nos Sérgio: «O princípio da liberdade, bem como o da igualdade das condições externas (das condições políticas, jurídicas, económicas, a que está submetido cada indivíduo) estabelecem os fins a que nós visamos; as instituições políticas e administrativas, como já dissemos, são simples meios e instrumentos (modificáveis e renováveis segundo as indicações da experiência) para melhor conduzirem aos mesmos fins. Democracia para nós, significa o esforço para um ideal (...)» (1).

Democracia significa o esforço para um ideal: É polémica esta afirmação. Será que o esforço para um ideal será meramente característico da **democracia** ou, pelo contrário, participa de qualquer sistema organizado de visão do mundo em termos políticos? Responde-nos, indirectamente, o dr. Lucas Pires numa entrevista que concedeu ao semanário «O Jornal»: «Há três concepções possíveis: uma concepção economicista das relações políticas, ou materialista, uma concepção ideológica, biológica, que é a de uma parte dessa nova direita, e uma concepção que eu poderia chamar **ética ou moral,** ou normativa, que valoriza a ideia de um projecto idealista, e não a ideia de um projecto pessimista» (2).

Das afirmações de Lucas Pires podemos extrapolar algumas considerações:

1.º) O dr. Lucas Pires, que se denomina a ele próprio de **direita,** tem (ou faz parte, ou adere) a um projecto idealista; isto é, participa dum idealismo sendo potencialmente antidemocrático;

2.º) Logo, as ideias antidemocráticas também podem constituir um «esforço para um ideal» (antidemocrático, como é lógico);

3.º) O contrário do idealismo é o pessimismo. (sic) Logo, todo o materialismo é «pessimista».

4.º) Quais as forças «pessimistas» em Portugal no espaço político-partidário que lhes é próprio? O PC, necessariamente e o PS conotado, na mesma entrevista e pelo dr. Lucas Pires, como: os «tecnocratas de Portugal», os «transaccionadores de almas».

Das conclusões acima descritas, remetemos novamente para Sérgio que coloca «o dedo na ferida» quando neste imaginário debate com Lucas Pires responde: «E se sou revolucionário, é por ser idealista; se sou socialista, é por lei intrínseca do meu próprio espírito; é porque vejo no socialismo uma aplicação da razão, e não porque conceba a organização socialista como resultado de um jogo de conceitos de guerra, de uma evolução materialística da matéria social, resultado a que se seguirá uma fatal antítese. O revolucionarismo verdadeiro não está nas coisas, mas sim em nós.» (3). E mais adiante completa a ideia: «Ninguém é socialista por se conformar com a matéria, mas sim por apego a um ideal de justiça, a um protesto interior» (4).

Estas ideias expressas por António Sérgio são suficientemente importantes para que por elas se possa passar ao de leve. Com efeito, a direita sempre se arvorou ideologicamente do idealismo (contraposto a um materialismo mecanicista), da sobreposição do papel do espírito ao da matéria, do nacionalismo (face ao internacionalismo). A direita sempre se arvorou ideologicamente do Cristianismo entendendo uma discrepância fundamental entre ideal cristão e socialismo. O fortalecimento dum autêntico formulário de direita fez-se às expensas do espírito, da ética, da moral, da religião de que se sentiu único contribuinte (e/ou devedor).

Sérgio, contudo, dá um salto para transpor esses dogmas, aparentemente inabaláveis: socialismo não é adverso de ideal; socialismo pressupõe um espírito ético, coadunado no ideal cristão, reformulado por um autêntico esforço democrático cada vez mais amplo e dinamizador.

Iremos mais longe na polemização de algumas afirmações de Lucas Pires. O PS é remetido por este político (e nessa mesma entrevista) a um papel de «porteiro». Dado que faz alianças e acordos para todos os lados, nunca se resolvendo a «entrar», ficando-se, indeciso, na porta, o PS abre campo de manobra para que o PC se expanda. O socialismo porteiro será o apanágio do PS, perguntaremos nós? Ou melhor, será que um partido que se reclama do socialismo (democrático) deverá (poderá) ficar eternamente no limiar de espaços políticos divergentes, estreitando-se cada vez mais através dum jogo de bipolarizações, escoando-se nas margens da indecisão até que o eleitorado o abandone de vez, remetendo-o para um papel secundário da vida política portuguesa? Ou não será que o reforço de um qualquer Partido Socialista depende duma **clarificação** cada vez mais evidente do espaço político a que se reserva, numa identificação mais nítida à esquerda, nessa brecha que se expande entre um projecto neototalitarista da AD e um socialismo comunista do PC? E talvez que a democracia só tenha a ganhar com um Partido Socialista coerente com os ideais programáticos, e não meramente um campo de treino para manobras da direita, desestabilizadoras, autoritaristas, bismarckianas...

A criação duma ampla frente eleitoral PS/ASDI/UEDS seria um projecto inovador cuja importância para a derrota da Aliança de Direita nas próximas eleições ninguém poria em dúvida. Se assim acontecesse, o socialismo porteiro não teria mais cabimento. Lucas Pires, decepcionado, talvez pudesse dar origem a um movimento dinâmico, ultra-original: um «New» – Direitismo Mordomo...

(1) António Sérgio, «Notas de Política», **Ensaios (Tomo III),** 1.ª Edição, Lisboa, Sá da Costa, 1972, Volume III das **Obras Completas,** p. 144.

(2) «O Jornal» com data de 15/2/1980.

(3) António Sérgio, «Prefácio da Segunda Edição», **Ensaios (Tomo I), 2.ª Edição, Lisboa, Sá da Costa, 1976, Volume I das Obras Completas, p. 44.**

(4) Id, p. 45.

ponto a ponto

Almeida Santos, deputado socialista pela Guarda, solicitou ao município uma resenha das necessidades e problemas mais prementes do concelho com vista a uma próxima intervenção na Assembleia da República.
Alguns vereadores e técnicos municipais estão a recolher os dados pedidos pelo deputado socialista.

A Presidência da República recusou-se ontem a comentar o comunicado do Gabinete do Primeiro-Ministro em que este afirma não poder actuar no caso de um inquérito policial às notícias sobre um pronunciamento militar divulgadas por diversos jornais afectos ao Governo.
«A Presidência da República – disse à ANOP um porta-voz de Belém – não comenta comunicados de outros órgãos de soberania, na sequência de perguntas dos órgãos de Comunicação Social».

O Centro Cultural Português de Bissau, inaugurado em Fevereiro de 1979 aquando da visita do general Ramalho Eanes àquele Estado africano, registou no seu primeiro ano de funcionamecto uma frequência de cerca de 66 mil pessoas, o que corresponde a mais de metade da população de Bissau.

A Força de Unidade Popular (FUP) do major Otelo Saraiva de Carvalho, emitiu um comunicado a propósito do «11 de Março» no qual exorta «o povo trabalhador a não cruzar os braços e a fazer baquear o Governo de direita», que «tem de ser derrotado, nas fábricas, nos campos, nas ruas e, a curto prazo, também nas eleições».
O comunicado alude também ao «manto negro do fascismo que de novo é lançado sobre o País».

O primeiro comandante das Forças Armadas Revolucionárias Populares de Cabo Verde, Silvino da Luz, esteve ontem no Estado-Maior da Força Aérea, em Alfragide, a apresentar cumprimentos ao chefe do Estado-Maior daquele ramo das Forças Armadas.
Silvino da Luz desempenha também as funções de ministro da Defesa e Segurança.

Governo AD: uma mão cheia de nada (II)

Celso Ferreira

Aberta a campanha eleitoral e anunciada a constituição da «AD», desde logo se constatou que este bloco, prevendo que a esquerda iria jogar à defesa na manutenção do «establishement», avançou apenas uma ideia: é preciso mudar. A mudança, sem explicar para quê, foi a chave da campanha da «AD». Mudar por mudar, como se muda de camisa ou, a exemplo de alguns homens fortes da Aliança, como se muda de mulher. E todos sabemos como certos sectores sociais, alguns ciosos do seu automóvel e das suas pantufas, são flutuantes ou inuiferentes nas suas convicções.

Também desde logo foi visível a linha dominante nos suportes financeiros. A nível interno, as centrais patronais, os grandes empresários do sector exportador e os principais ex-detentores dos grupos nacionalizados. A nível externo, a base é o eixo UCD-CDU- Partido Conservador inglês. O domínio é, porém, dos marcos alemães do CDU. Logo aqui, Sá Carneiro e os seus rapazes ficaram nas mãos do CDS. Quem paga, manda.

E eis que surge o Manifesto e o Programa de Governo, cuja coordenação foi atribuída ao talentoso Vasco Valente, homem de incontáveis «artes e manhas».

O Programa de Governo da AD era constituído por 2 volumes. No I Volume, eram desenvolvidos os objectivos a que se propunha a AD, em torno de 6 slogans:

– Uma Economia Nova;
– Uma Melhoria Efectiva do Bem-Estar e da Segurança Social;
– Uma Educação para a Liberdade e o Trabalho;
– Uma Melhor Qualidade de Vida;
– Um Estado Democrático, Descentralizado e Eficiente;
– Uma Política Externa ao Serviço do Progresso e Dignidade de Portugal.

No II Volume, a AD apresenta as promessas. No total, é um amontoado de banalidades sem fio lógico e coerência teórica. No essencial, o manifesto e o programa eleitorais da AD são uma tentativa de **cocktail entre o Estado Social de Marcelo Caetano e a Democracia Parlamentar** de raiz burguesa.

As **ideias-slogan** principais que integravam aquelas seis áreas eram as seguintes:

A economia portugueda está num impasse, a solução é devolver a condução da economia à iniciativa privada;

O aumento do poder de compra vem aí, através do combate à inflação e da redução dos impostos;

A integração na CEE exige uma alteração da Constituição e do regime, logo é necessário revitalizar a economia pela iniciativa privada, limitar a intervenção do Estado, legitimar o referendo.

Necessidade de definir uma política de trabalho a «caminho» da Europa;

Assentar a expansão nos sectores tradicionais de exportação;
Uma casa para todos;
Um Serviço Nacional de Saúde justo e viável;
Democratização e regionalização do ensino;
Um meio ambiente à «medida do Homem»;
Liberdade, independência e pluralismo da informação;
Revisão da Constituição, da Lei Eleitoral e institucionalização do referendo;
Devolução da Defesa Nacional ao poder civil;

A política externa será claramente pró-ocidental e a prioridade será para a integração na CEE;

Apoio aos emigrantes e às comunidades portuguesas.

Estes catorze chavões aparecem enquadrados pelos «slogans» «mudança» e «AD maioria certa». É importante sublinhar que, do Manifesto e do Programa, não ressaltava um projecto, mas tão-somente a garantia de poder vir a constituir governo. E isto na previsão, que se concretizou, que tal bastaria para influenciar, com a ajuda de certo clero, determinados sectores sociais mais flutuantes. É que a esquerda não contrapôs um projecto comum, remetendo-se a uma defesa genérica da Constituição, nem apresentava uma alternativa viável de governo.

De facto, quem nos explicará, por exemplo, o que é um meio ambiente à «medida do Homem» e uma política de trabalho a «caminho da Europa»? Logo a meio do 1.° Acto, fica a dúvida: «AD»= Aliança Demagógica?

Apresentado o pantagruel ideológico, o Programa da AD passa às **promessas**(referenciadas quase exaustivamente no artigo a publicar na revista «Economia e Socialismo» de Janeiro-Fevereiro).

(...) De facto, escrever ou ler uma lista é sempre enfadonho. Mas, para que conste, aqui ficam as 215 principais promessas eleitorais da AD que, adicionadas às 14 promessas-«slogan», perfazem um total de 229 PROMESSAS.

É patente a falta de rigor desde Programa da AD. Os diferentes capítulos sucedem-se sem qualquer lógica interna, os títulos dos capítulos não têm a mesma natureza e dimensão, as promessas estão redigidas em mau Português (o que não é bom currículo para um futuro responsável pela política cultural), algumas são manifestamente ridículas ou, até, incompreensíveis e não aparecem com qualquer articulação entre si. Por outro lado, verificam-se lacunas em áreas fundamentais como, por exemplo, na política de emprego.

Fala-se, por exemplo, em reorganização do Serviço Nacional de Emprego, quando este serviço já foi extinto há anos. O que será o cooperativismo apartidário? Como vai a AD impedir que as Comissões de Trabalhadores asfixiem a gestão? Será com bombas de oxigénio ou hidrogénio? Como é possível prometer que os emigrantes portugueses passarão a ter o estatuto dos trabalhadores oriundos da CEE, mesmo antes da integração, quando a Grécia teve de aceitar uma mora de 7 anos após a assinatura do acordo de adesão?

As medidas para a agricultura e indústria, sectores fundamentais, são dignas do século XIX, tal a sua pobreza e senilidade. Chega-se mesmo a recuperar uma ideia salazarenta ao identificar o Alentejo com a Agricultura (celeiro de Portugal) de tal modo que promete, nas medidas agrícolas, criar novos postos de trabalho no Alentejo, tanto na indústria como na construção civil.

Mas o ridículo e a incompetência atingem o rubro quando, por exemplo, se pretende organizar **devidamente** o mercado de peixe ou se recupera uma velha ambição de Marchueta (revogar a lei da oferta e da procura) ao prometer **regulamentar a oferta e a procura ao níel de todo o país.**

Por outro lado, como pode a AD prometer reprivatizar empresas directamente nacionalizadas sem ignorar a Constituição? E o que significará incluir no capítulo dos desalojados a solução do contencioso com os países de expressão oficial portuguesa de acordo com as normas internacionais? De que se tratará? Será das centenas de milhões que os desalojados exigem de indeminização? Até onde pode chegar a demagogia.

Ao ler o Programa da AD, fica-nos a sensação de estarmos a ler um anúncio de saldos ou a página de anúncios classificados do «Diário de Notícias. Dá a ideia de que o Programa foi elaborado a pedido, onde a clientela ia passando pela Sede e inscrevia a sua medida, propunha um título. E assim se chegou a 39 títulos de capítulos e a 229 promessas.

No sentido de ajudar à reformulação do Programa da AD para as próximas eleições, aqui fica o nosso contributo para mais alguns títulos de inequívocos alcance eleitoral: Iluminação Pública, Remoção de Lixo, Limpeza de Algerozes, Irradiação de Gripe, Volta a Portugal em Bicicleta, Cultura de Nabos nas Zonas Metropolitanas, Combate a Parasitas, Circulação nas Horas de Ponta...

E assim foi a AD às eleiçõs, fortemente apoiada pela imprensa de direita mais mercenária e incompetente de toda a Europa.

(1) Extractos de um artigo publicado no próximo número de Janeiro – Fevereiro da revista «Economia e Socialismo».

O EXÉRCITO E O PODER

Maurice Duverger

A crise iraniana põe em causa um princípio geralmente aceite: que uma revolução popular é impossível quando existe um exército moderno, poderoso e disciplinado. Tal princípio tranquilizava os governos. Mas ei-los que estão bastante inquietos.

Sobretudo nos muitos países em que os militares exercem o poder aberta ou camufladamente.

Sabia-se já que nas situações revolucionárias os militares de carreira resistem melhor ao contágio do que os contingentes civis obrigados a prestar serviço militar.

Sabia-se há muito que nunca se deve deixar os soldados em contacto com o povo. Na Comuna de Paris, Thiers aplicou bem essa regra que conhecia pelo exemplo austríaco de 1848. Fez evacuar Paris para a reconquistar, como se havia feito em Viena trinta e um anos atrás.

De modo algum os militares iranianos se misturaram com a população. Nos combates de Fevereiro poucos soldados estiveram envolvidos. O grosso do exército não esteve em contacto com as massas. Os chefes vigiaram-nos até ao fim. Teriam sido obedecidos, se se tivessem lançado contra o povo? Ninguém pode dizê-lo. O essencial é que o não fizeram. Porquê? A resposta não é simples.

Um primeiro elemento do problema não deve ser negligenciado: o exército não tinha governo para defender. Oficialmente, o xá encontrava-se em viagem de repouso e o Irão continuava a ser uma monarquia. Oficialmente, o primeiro-ministro Baktiar inclinava-se para a República, mas não ousava proclamá-la. Os períodos revolucionários não toleram esse género de situações fluidas. Como exigir aos chefes militares que se empenhassem a fundo na defesa de um regime que não podia definir-se, que não tinha legitimidade?

Sobretudo quando se lhes exigia que se lançassem contra os seus concidadãos em massa. A amplitude da mobilização popular foi certamente o factor decisivo do imobilismo em que o exército iraniano se fechou. Na França de 1789, na Europa de 1830 e de 1848, na Rússia de 1917, a revolução sublevou grandes multidões. Mas teve também grandes adversários.

Uma parte do povo lançou-se contra a outra. No Irão de hoje, a relação das forças surge muito diferente. Não há naturalmente, unanimidade. O xá ainda tem partidários. Mas eles são visivelmente escassos.

Os seus adversários estão divididos quanto ao futuro do país. Treinados pelos palestinianos de Georges Habache, os fedaínes de esquerda continuam muito afastados de Klomeini. Os partidários de uma república laica, defensores da Frente nacional, não estão mais próximos. A revolução vitoriosa verá, sem dúvida, muitos confrontos entre os vencedores. Mas todos se uniram contra a monarquia dos Palhevi, para a derrubar totalmente.

Esta extraordinária sublevação de todo um povo triunfou pela conjunção de um mito e de uma organização. Menos religiosos do que se pensa, os iranianos encontraram no Islão chiita um meio de recuperar a identidade nacional de que foram despojados por uma imitação do Ocidente, desajeitada e arrebatada.

Podem-se levantar dúvidas quanto à sua capacidade de suportar as prescrições jurídicas do Corão. Mas a referência ao Livro Sagrado permite-lhes sublinhar a sua diferença e a sua autonomia.

Consubstanciada num profeta exilado, que lançava os seus anátemas e injunções em minicassetes enviadas de Paris, a religião tradicional adquiriu uma força irresistível.

Exprime ao mesmo tempo a ideologia da única grande organização da oposição: a do clero. Ulemas, mollahs, ayatollahs, foram menos submetidos à repressão que os movimentos de esquerda e os liberais. As suas residências e mesquitas são locais de asilo.

Eles têm uma influência intelectual importante através de um ensino religioso de estrutura democrática. Dispõem de fundos consideráveis graças aos «khums», essa dízima dupla fecolhida antecipadamente sobre 20 por cento do rendimento bruto de cada fiel. Desenvolveram ramificações de partidários para integrar as massas e para se substituirem progressivamente às autoridades administrativas. Souberam ao mesmo tempo manter contactos com os opositores laicos da Frente nacional e com os elementos de esquerda, todos forçados a aceitar o mito da República islâmica.

Perante um povo totalmente mobilizado e um governo sem autoridade nem legitimidade, que podiam fazer os militares, habituados desde sempre a obedecer? – Nada, a não ser enormes massacres inúteis. Poucos exércitos experimentaram situação semelhante. A do Irão poderia desempenhar um papel importante na segunda fase da Revolução, quando se defrontarem os grupos heteróclitos provisoriamente unidos sob a bandeira do ayatollah. Compreende-se a preocupação que ele tem em conservá-la, esforçando-se por mantê-la sob a sua autoridade.

Julgamento do PRP

Carlos Antunes lança ataque a forças políticas

«Dinis Almeida Lucas confessou ter participado no assalto ao Banco de Angola, coisa que nunca fez. Assumo a responsabilidade histórica do que digo...» – afirmou Carlos Antunes, na audiência do julgamento em que é arguido com Isabel do Carmo e Fernanda Fráguas. Fez uma intervenção brilhante, toda ela canalizada para a resposta ao procurador da República, Maia e Costa, que pediu a sua condenação.

Carlos Antunes, que a convite do tribunal usou da palavra, garantiu com convicção que a Lei da Amnistia seria aplicada aos militantes do PRP, embora certas forças políticas tenham feito pressões no sentido de ela ser congelada, de maneira a não beneficiar certos militares.

Dirigido ao procurador da República o discurso assentou, basicamente, no ataque a determinadas forças políticas, sendo fácil de adivinhar tratar-se do PCP, partido em que militou de 1955 até 1970 e com o qual parece ter uma relação psicanalítica (não é só o dr. Jorge Fagundes que se interessa pela psicanálise, nós também).

«Essas forças políticas não queriam admitir que fizeram assaltos a bancos antes do 25 de Abril. Tentaram mesmo impedir que um militante seu regressasse ao País, depois da queda do fascismo porque assaltara o Banco Totta e Açores do Barreiro em 1964. Ele veio e foi-lhe aplicada a amnistia. Disse que essa acção tinha sido em favor da ARA, organização fundada em 1971. Há aqui um desfasamento de datas. Bem... só se o dinheiro esteve a render durante todo aquele tempo. Ora nós sabemos que a ARA estava para PCP como as Brigadas Revolucionárias para o PRP.»

Num remoque ao procurador, o dirigente do PRP contou a história do seu despertar para a política. Começou tudo quando se apaixonou por uma jovem que militava no MUD Juvenil. Por ela foi levado ao julgamento de 50 jovens, no Porto. «Fiquei tão chocado com o comportamento do procurador da República que decidi entrar para a organização que estava a ser julgada.»

Carlos Antunes sublinhou ainda, a propósito de uma afirmação do dr. Maia e Costa, que também, nessa altura, se dizia que as pessoas não eram presos pelas suas ideias, mas sim pelos actos que essas ideias as levavam a cometer. «Quando se tem ideias ou se materializam de uma forma superior (a organização) ou então não se trata de ideias, mas sim de sentimentos.»

Quanto a terem, ele e Isabel do Carmo prescindido da defesa, atitude comentada, com uma certa ironia pelo procurador da República, Carlos Antunes relacionaria a sua posição com um «velho rubito da clandestinidade» que consistia em «nunca responder a calúnias».

Por outro lado, afirmou-se em condições de desmontar o trama das falsas acusações por que responde, explicando que só o não fazia «para não afectar terceiros».

Na altura própria, depois da aplicação da Lei da Amnistia, Carlos Antunes denunciara, então, as falsidades de que enfermam os processos do «caso PRP». E provará como Dinis Almeida Lucas mentiu.

De acordo com Carlos Antunes tudo isto não passa de uma cabala montada para que ele e Isabel do Carmo passassem à clandestinidade.

Um mês antes dos incidentes de Massarelos foram avisados de que seriam presos. Podiam fugir. Ou desaparecer. Não o fizeram, tal como certas forças políticas pretendiam, por acharem que dentro da legalidade «ainda muita coisa se pode fazer pela causa da Revolução».

Numa tentativa de demonstrar que, tanto ele como Isabel do Carmo, não eram os chefes das Brigadas Revolucionárias, Carlos Antunes disse que estas não se sujeitariam a ser comandadas por aqueles que não praticam os actos. Tanto mais que, antes do 25 de Abril, já tinham sido educadas nesse sentido.

«Eu e a dr.ª Isabel do Carmo já não temos idade senão para pensar. E podemos fazê-lo em liberdade ou na prisão...»

Carlos Antunes, dando a entender que estavam a ser vítimas da Justiça, sublinhou que, no meio desta cortina, há duas organizações a saber de tudo: «Nós e a Polícia Judiciária, que tramou estes processos.»

Perante os «graves erros cometidos pelo procurador», Isabel do Carmo frisou que esteve tentada a responder-lhe, mas que, dentro daquele velho espírito da clandestinidade, decidira calar-se. Mas salientou estar esperançada em que um dia se confrontassem «da forma mais dialogante possível», sem ser na situação de repressor e reprimida.

Na audiência de ontem falaram também, numa tréplica ao procurador, os advogados Jorge Fagundes, Marinela Coelho e Sousa Tavares. O patrono de Isabel do Carmo e de Carlos Antunes afirmou que vários factos ocorridos, ali, no desenrolar do Julgamento, tinham a ver com situações psicanalíticas (ele confessa-se um apaixonado da psicanálise). E dentro deste raciocínio referiu que Sousa Tavares, talvez num acto falhado, sempre que falava no nome de Dinis Lucas se enganava. Ou lhe chamava Francisco Lucas ou Dinis Miranda.

Ora, Jorge Fagundes conclui que das duas uma: «Isto é obra da extrema-direita ou do reformismo...»

O julgamento continua na próxima sexta-feira com a leitura dos quesitos.

L.F.

Presidenciais

Novo foco de agitação na Aliança Democrática

«O CDS está no seu legítimo direito» – afirmou-nos esta manhã o eng. Ângelo Correia, dirigente do PSD, a propósito da decisão do CDS em inclinar-se maioritariamente para um candidato militar às eleições presidenciais. Também Lucas Pires, coordenador-geral da AD, no final da reunião de ontem, declarava que a Aliança Democrática apoiará um «candidato comum, quer seja civil ou militar». Os dois dirigentes procuram, deste modo, desdramatizar as divergências visíveis entre CDS e PSD quanto à escolha do candidato a Presidente da República.

Ao optar por um candidato militar, o CDS pressiona o PSD a enveredar por uma escolha «sua», por um candidato centrista (Pires Veloso?), enquanto o PSD sempre tem defendido uma candidatura civil, apontando mesmo o nome de Sá Carneiro. Recordamos que a Comissão Política do PSD – e Ângelo Correia lembrou-nos isso esta manhã – emitiu recentemente um comunicado em que sugeria aos seus militantes o não-apoio a qualquer candidatura (estava em causa Pires Veloso) antes do partido, e também a AD, tomar qualquer decisão sobre esta matéria.

O mesmo dirigente, sublinhou que a Comissão Política do PSD decidiu apoiar «um civil ou um militar na reserva». Manter ainda um campo de entendimento?

No entanto, é hoje bem visível que as posições entre os dois partidos são divergentes: o CDS quer um militar e o PSD um civil. Pires Veloso na ideia do CDS e Sá Carneiro longe do «horizonte» dos centristas? «Chamo a atenção – diria ontem Lucas Pires – que quando falamos de militar não queremos referir-nos apenas a alguém fardado. Queremos referir-nos a alguém através do qual as Forças Armadas, como instituição, se possam sentir expressas ou reconhecidas».

Esta manhã, António Capucho, dirigente social-democrata, responsável eleitoral da Aliança Democrática estava em reunião com o Primeiro-Ministro. Sá Carneiro e António Capucho não deverão ter deixado de abordar este problema, e os seus reflexos a nível eleitoral.

Numa tentativa de amortecer um impacto da decisão do CDS, Lucas Pires desviou a importância das presidenciais, afirmando que ainda é muito cedo para abordar a questão das presidenciais e que os políticos portugueses começam a sofrer da psicose presidencial, esquecendo as legislativas e o trabalho parlamentar.

Sá Carneiro

A AD não se transformará em partido político

A AD permanecerá, na forma actual, respeitando a individualidade e a personalidade própria de cada partido até 1984, afirmou o Primeiro-Ministro Sá Carneiro numa entrevista à revista suíça «L'Impact».

Para além disso, Sá Carneiro afirmou que o PCP constitui um «perigo permanente» e que o comunismo internacional representa um «risco», pois o seu programa de fundo é afastar as concepções democráticas dos países ocidentais e, consequentemente, afastar o ideal da democracia da Europa.

Finalmente e dando aval à política externa de Freitas do Amaral, o Primeiro-Ministro concluiu sobre esta matéria: «os pequenos países devem assumir as suas responsabilidades e a sua dimensão no quadro da comunidade internacional, provindo a sua importância da coragem com que assumem as suas responsabilidades».

SOLIDARIEDADE COM O GOVERNO

Num comunicado final de mais uma reunião do Conselho Permanente da AD, reafirma-se a solidariedade da AD para com o Governo «neste momento de reforço das ofensivas de oposições parlamentares e extraparlamentares, reafirmando a sua total determinação de se oporem por todos os meios democráticos aos ilegítimos interesses adquiridos».

Dividindo a Oposição em «democrática» (o PS) e «totalitária» (o PCP), o Conselho Permanente da AD salienta: «infelizmente a debilidade, a incoerência e a confusão estratégica da Oposição democrática têm reforçado o peso e os métodos da oposição totalitária, a qual vem aumentando as suas acções desestabilizadoras. O relançamento da agitação no Alentejo assinala o desespero e a disposição manipuladora do PCP.»

Velando pelos interesses do eleitorado...

A «soneca económica» dum deputado do CDS: não aconteceu durante a madrugada da «obstgrução», mas ontem, depois de almoço, quando Vítor Constâncio, pelo PS, interpelava o Governo a propósito do aumento dos bens essenciais

Na Faculdade de Letras de Lisboa

Colóquio sobre o fascismo em Portugal

Promovido por uma comissão de professores e alunos da Faculdade de Letras de Lisboa, realiza-se de amanhã até ao dia 14, no anfiteatro I daquela escola, das 9 e 30 às 13 e das 15 às 19 horas, um «Colóquio sobre o Fascismo em Portugal».

Abordando um leque variado de temas que abrange quer os problemas de ordem teórica colocados ao estudioso dos Estados Fascistas, quer aspectos concretos do campo económico, social, político e ideológico, o colóquio pretende fornecer novos dados e abrir novas perspectivas para o estudo da génese e consolidação do Estado Novo, subdividindo-se nas seguintes ecções: Fascismo e Fascismos; História do Fascismo em Portugal; Fascismo, quotidiano e cultura.

Apresentarão comunicações, desenvolvendo estas áreas temáticas, F. Piteira Santos, Manuel Villaverde Cabral, Arnaldo Pereira, Marie-Christine Valovitch, Manuel Braga da Cruz, Farnando Farelo Lopes, Cecília Barreira, César Oliveira, João Medina, Fernando Pereira Marques, Arlindo Caldeira, Anabela Parreira, Carlos Maurício, João Cabral, José Pisco, António Costa Pinto, Nuno Ribeiro, Maria Garcia Labaredas, José Pacheco Pereira, António José Telo, Joel Frederico da Silveira, Manuel Sílvio Conde, António Bracinha Vieira, Manuel Cadafaz de Matos, Urbano Tavares Rodrigues, Nuno Teotónio Pereira e José Manuel Fernandes.

Durante o colóquio estará patente ao público uma exposição sobre a época salazarista e sobre a propaganda contra-revolucionária anti-republicana.

Esta iniciativa tem o apoio do Conselho Directivo da Faculdade de Letras e da Associação de Estudantes da mesma escola. A Comissão Organizadora é constituída por António Costa Pinto, Fernando Piteira Santos, João Medina, Jorge Custódio, José Manuel Sobral, Nuno Afonso Ribeiro, Pedro Ginestal e Rui Rocha.

Reservas da Guiné-Bissau

PAIGC recusa convite pedido pelo PSD

O PAIGC recusou-se a convidar uma delegação social-democrata para conversações bilaterais que se deveriam realizar ou em Bissau ou na Cidade da Praia.

A sugestão para o convite fora feita ao embaixador da Guiné-Bissau em Lisboa por uma delegação do PSD, da qual fazia parte Nandim de Carvalho e foi depois transmitida para Bissau e recusada. O PAIGC mostrou-se disposto a ter conversações com o PSD, mas recusou-se a formular qualquer convite aos dirigentes daquele partido. Este revés da política internacional do PSD demonstra claramente que é insuficiente dominar o aparelho de Estado, para conseguir projecção externa, domínio em que o PSD é particularmente frágil.

Entretanto, foi anunciado em Bissau que uma delegação do Partido Comunista Português foi convidada para visitar oficialmente as capitais da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. O convite insere-se no âmbito das relações de «amizade e cooperação» entre o PAIGC e PCP.

Juízes elegeram representantes

Ao fim da manhã de hoje continuavam ainda as contagens referentes às eleições dos representantes dos juízes no Conselho Superior da Magistratura.

Ontem a noite ficaram contados os votos dos eleitores de Lisboa e hoje e, possivelmente amanhã, serão contados os votos referentes aos juízes colocados fora da capital.

Apuraram-se já 103 votos favoráveis à Lista C (conservadora, apoiada pela Associação dos Magistrados Judiciais), 25 para a Lista B (também de direita) e 36 votos para a Lista A, democrática.

Comunicado do Governo a lembrar "métodos do passado"

Recurso à GNR, PJ e Código Penal para assegurar política do MAP

Mobilizar os efectivos necessários das Forças de Segurança e recorrer à Polícia Judiciária foram duas das mais importantes medidas tomadas ontem pelo Governo Sá Carneiro/Freitas do Amaral para «assegurar as condições de execução da política do MAP».

Numa nota ontem distribuída, após uma reunião em que o Primeiro-Ministro e os ministros da Administração Interna, Justiça e Agricultura e Pescas estudaram «a situação social e política no Alentejo», o Executivo AD diz ter entendido «em primeiro lugar», que o MAP «deveria prosseguir na sua política de rigoroso cumprimento da Lei de Bases da Reforma Agrária e de distribuição de terras do Estado a agricultores independentes».

Depois, os participantes em tal reunião – diz a nota – verificaram «a existência de indícios seguros da prática de alguns dos crimes previstos no Artigo 174.° do Código Penal, nomeadamente o de incitar à luta política pela violência».

A seguir, e por decisão do Prieiro-Ministro, os ministros da Administração Interna, Justiça e Agricultura e Pescas foram incumbidos de: «assegurar as condições de execução da política do MAP; mobilizar os efectivos das Forças de Segurança para garantir a ordem pública e a observância das leis na zona de intervenção da Reforma Agrária; proceder, através das autoridades competentes, nomeadamente a Polícia Judiciária, às diligências indispensáveis à averiguação e punição dos crimes previstos no Art.° 174.° do Código Penal, dos crimes contra pessoas e bens de que foram vítimas agricultores que legitimamente entraram na possa das respectivas reservas e, por fim, dos crimes contra a livre circulação de pessoas e bens, assim como contra qualquer outro delito, politicamente inspirado, cometido na zona de intervençô da Reforma Agrária».

Por fim, o PM e o Governo – segundo a nota – «reafirmam a sua disposição de respeitar as leis em todo o território nacional, de acordo com o inequívoco mandato que receberam do eleitorado». Manifestam, também, a sua «esperança de que nenhum português toma sobre si a grave responsabilidade de violar ou incitar à violação da legalidade democrática».

Os ministros da Administração Interna, Justiça e Agricultura e Pescas, certamente para ver os resultados das suas decisões, deslocam-se amanhã aos distritos de Setúbal e Beja.

«INTOLERÁVEL FORMA DE PRESSÃO»

«A intenção agora anunciada pelo Governo Sá Carneiro de recorrer crescentemente às forças de segurança e a pretensos apuramentos de responsabilidades pela PJ representa uma intolerável forma de pressão e ameaça sobre os trabalhadores da Reforma Agrária que, no exercício dos seus direitos e liberdades constitucionais defendem os seus interesses, o seu pão e o seu trabalho, defendem a Reforma Agrária do saque impiedoso do Governo e fazem-no rigorosamente no quadro do regime e das instituições democráticas» – afirma, em comunicado ontem distribuído a propósito da nota governamental, o Partido Comunista Português.

«A nota emitida pelo CM a pretexto da «situação social e política do Alentejo» constitui uma enorme mistificação e um acto de profunda hipocrisia política» – diz ainda o PCP, para acrescentar de seguida:

«Na zona da Reforma Agrária é o Governo de Sá Carneiro quem, dia-a-dia, está deliberadamente violando a Constituição e a legalidade democrática e, ao mesmo tempo, são os trabalhadores que exigem que a Constituição e a legalidade democrática sejam respeitadas».

O PCP lembra depois que «o facto de o Governo dispor de uma maioria parlamentar não lhe dá o direito de violar a seu belprazer a Constituição e as leis, de submergir o direito e a justiça na onda revoltante das suas violências e arbitrariedades», e sublinha:

«Na actual situação política adquire um indiscutível significado que no próprio dia em que insolentemente se recusa a apresentar queixa à Polícia Judiciária contra os autores de graves calúnias contra membros de órgãos de soberania, o Governo Sá Carneiro venha ameaçar recorrer à PJ para perseguir e incriminar trabalhadores que, no quadro das instituições, pautam a sua luta pelo objectivo da defesa do regime democrático e dos interesses nacionais».

Por fim, diz o documento do PCP:

«A nota emitida pelo Governo Sá Carneiro não mudará a realidade profunda de que um número sempre crescente de cidadãos se dá conta com indignação de uma política destruidora, arbitrária e ilegal contra a Reforma Agrária. Não impedirá que sectores cada vez mais amplos da opinião nacional levantem a voz em protesto contra os crimes do Governo e em activa solidariedade com os trabalhadores rurais do Alentejo e Ribatejo. Não impedirá que por todo o País cresça a exigência democrática de que o Governo Sá Carneiro, enquanto no exercício das suas funções, seja obrigado, como é seu estrito dever, a cumprir com a Constituição e a respeitar a legalidade, as liberdades e direitos dos cidadãos, o regime democrático.

«A nota emitida pelo Governo Sá Carneiro é mais uma expressão da mentalidade e dos objectivos repressivos e totalitários que inspiram toda a sua actividade. Não intimidará os democratas portugueses. Dará ainda mais razão ao seu justo combate contra o Governo da reacção, em defesa da liberdade, da democracia e das conquistas do 25 de Abril.»

MÉTODOS DO PASSADO

Os socialistas portugueses acusaram o Governo de lembrar «os métodos do passado» ao ameaçar os trabalhadores da Reforma Agrária invocando a Lei Penal.

Em declaração à ANOP, Arons de Carvalho, porta-voz do Secretariado Nacional do PS, disse que o seu partido «encara com sérias reservas e preocupação o estado de tensão social que se está a criar no Alentejo e a nota oficial publicada pela Presidência do Conselho de Ministros».

«Tal como previmos e sempre dissemos» – prosseguiu – «o Governo AD mostra-se incapaz de criar um clima de concertação e diálogo para resolver os problemas do País».

Depois de classificar «as ameaças contra os trabalhadores» como métodos que lembram o passado – «quando se tentava enfrentar problemas políticos e sociais através do Código Penal e da Polícia» – o dirigente socialista reafirmou que o PS «sempre foi pelo cumprimento da lei».

«Como se tornou claro na recente interpelação na Assembleia da República», continuou Arons de Carvalho, «há notórias ilegalidades, abusos de poder e corrupção na actuação» do Ministério da Agricultura.

Segundo o PS, o Executivo Sá Carneiro «faria melhor» em demitir o secretário de Estado João Golão «depois da prova de incompetência e incapacidade de resposta que deu perante as gravíssimas acusações que lhe foram feitas» no Parlamento.

«Silenciando estes factos», concluiu o porta-voz socialista, «o Governo ameaça os trabalhadores, o que faz recear que se venha a gerar um clima de grande violência na regiõ que só servirá os inimigos da democracia e a instabilidade social e política.»

Carga da GNR

Criança de sete anos também foi espancada

Dezoito trabalhadores foram espancados pelas forças da GNR, durante a entrega de uma reserva na UCP «26 de Janeiro» da Vidigueira, tendo catorze deles recebido tratamento no hospital daquela localidade. **Entre os feridos encontra-se uma criança de sete anos.**

Os incidentes verificaram-se quando os trabalhadores estavam concentrados junto aos limites da Herdade do Alfaiate, que o MAP decidiu entregar à agrária absentista Maria César Bastos. Aquilo que a GNR da Vidigueira classificou de «escaramuças sem importância» foi nada mais nada menos que uma carga, à bastonada, sobre os trabalhadores.

José Luís, de sete anos, teve de ser tratado no hospital da Vidigueira devido aos ferimentos provocados por um objecto duro na região lombar. Além desta criança, há outras pessoas feridas, nomeadamente Deolinda Amado, Mariana Roque, Ana Isabel, Clara Rosa Lança, José António e António Ratos Pegas.

A reserva em questão, de 300 hectares, segundo o Secretariado Distrital das UCPs e Cooperativas Agrícolas de Beja, é ilegal, dado que Maria César Burnay Bastos possui outras terras na zona – terras que, tal como a área recebida na operação de ontem, nunca explorou directamente.

Ainda no distrito de Beja, técnicos do ex-CRRA, acompanhados pela GNR, demarcaram uma reserva na UCP, «Seara Nova» de Beringel, com 295 hectares e 91 mil pontos. Área que abrange parte das herdades da Abroria, Arcebispo e Barateiras, destinada a Luís Vilhena Freire de Andrade, um dos maiores agrários – capitalistas do Baixo Alentejo.

Contra estas determinações do MAP, manifestaram-se, ao fim da tarde de ontem, em Beja, centenas de trabalhadores rurais.

A propósito, o Governo, segundo uma nota da responsabilidade do Primeiro-Ministro e dos ministros da Administração Interna e da Agricultura e Pescas, decidiu «mobilizar os efectivos das forças de segurança para garantir a ordem pública e a observância das leis na Zona de Intervenção da Reforma Agrária e mandar proceder à averiguação e punição dos crimes previstos no Artigo do Código Penal» que consideram terem sido cometidos pelos trabalhadores nas pessoas «dos agricultores que legitimamente entram na posse das respectivas reservas»

Reúne-se, hoje, o Secretariado Nacional do PS com os deputados da Zona de Intervenção da Reforma Agrária, dirigentes federativos e presidentes das Câmaras, a fim de ser analisada a situação.

Arons de Carvalho afirmou, em nome do seu partido, que o PS «encara com sérias reservas e preocupação o estado de tensão social que se está a criar no Alentejo».

Aliás, a nota divulgada pela presidência do Conselho de Ministros também mereceu um reparo do PS, que considera o Governo da AD «incapaz de criar um clima de concertação e diálogo para resolver os problemas do País».

No entender do PS, o Executivo de Sá Carneiro deveria demitir o secretário de Estado João Goulão, visto que já deu provas de incompetência e incapacidade de resposta perante as gravíssimas acusações que lhe foram feitas no Parlamento.

Talvez por achar que as marcas estavam a ser ultrapassadas em matéria de entregas de reservas, Goinhas Palma, director do ex-CRRA de Beja, elemento de direita, pediu a demissão do cargo que desempenhava na passada sexta-feira.

Goinhas Palma fora colocado na direcção daquele organismo por João Goulão, durante o Governo de Mota Pinto.

Em Pequim

Melo Egídio discute aeroporto de Macau

Chegou ontem a Pequim o governador português de Macau, general Melo Egídio, que é o mais alto funcionário português a visitar a China oficialmente. avisita realiza-se a convite do ministro do Comércio Externo chinês e destina-se a permitir um debate directo de problemas bilaterais.

Uma das principais questões a ser resolvida por Melo Egídio diz respeito à construção de um aeroporto em Macau, que necessita de autorização prévia das autoridades chinesas, uma vez que os aviões para aterrarem terão de sobrevoar o espaço aéreo chinês. Até agora, as pessoas que querem ir para Macau têm de viajar até Hong Kong de avião e depois seguir para Macau de hidroavião.

A visita de Melo Egídio a Pequim, que se prolongará por sete dias, segue-se a uma outra efectuada pelo governador da colónia inglesa de Hong Kong, no ano passado. Sir Murray Maclehose encontrou-se então com o vice-primeiro-ministro chinês Deng Xiaoping.

Também no ano passado esteve na China o coronel Garcia Leandro, em visita particular, logo depois de abandonar as funções de governador de Macau.

Com que cobertura?

Savimbi prepara nova operação publicitária

De acordo com movimentações já detectadas, Jonas Savimbi não esconde o seu propósito de promover mais uma «visita» em bloco da Imprensa reaccionária portuguesa, desta vez não já a Rabat (Marrocos), mas à povoação de Mucusso, na fronteira Angola-Namíbia, onde a desarticulada UNITA vive estribada na ajuda decisiva dos sul-africanos.

Será ali que Savimbi fará mais uma encenação sobre os «vastos territórios» que diz controlar dentro de Angola. Naturalmente Savimbi terá o cuidado de fazer retirar previamente todos os elementos brancos do exército da África do Sul.

Curioso recordar que em Novembro de 1975, a quando da invasão do território angolano pelas forças da África do Sul, os oficiais sul-africanos, que durante horas ocuparam o Lubango, prodigalizaram as narrativas mais hilariantes sobre a fraquíssima capacidade de combate dos homens de Savimbi, mais aptos, diziam os racistas sul-africanos, para «a actividade de bandoleiros e rapinadores».

Essa falta de capacidade contrasta porém com a ferocidade com que actuam sempre que se encontram perante populações indefesas ou forças numericamente muito mais fracas.

Em Setembro de 1975, os «soldados» da UNITA massacraram na vila de Balombo 50 portugueses. Cerca de um ano depois massacraram mais 40 ou 50 portugueses brancos da facção Chipenda.

Um conhecido oficial português que se encontrava no Huambo em Setembro/Outubro de 1975 soube, revoltado, do frio assassínio de quatro jovens portugueses pela UNITA à saída de um cinema no Huambo.

Mais ou menos por essa data, uma pequena força do Exército português – referem testemunhas que também ali se encontravam nessa altura – quando procedia a uma operação de evacuação de refugiados, foi surpreendida por um grupo muito mais numeroso e armado de elementos da UNITA que os obrigaram a despir.

A heroicidade dos homens da UNITA desaparecia, no entanto, sempre que a desproporção de forças não apresentava um enorme saldo a seu favor.

Da base sul-africana de Mucusso, onde Savimbi pretende levar os jornalistas, partem todas as expedições racistas contra a República Popular de Angola, incluindo aviões, helicópteros e mais material sofisticado. Fica a 100 km da povoação angolana de Dirico na linha férrea de Moçâmedes.

Entretanto os sul-africanos estão a utilizar fardamentos das FAPLA para assim, dissimuladamente, passando por entre núcleos civis, massacrarem populações indefesas, nomeadamente refugiados da Namíbia em território angolano. De uma cajadada (passe o termo) matam dois coelhos pois não só dizimam os patriotas namibianos como concorrem para tentar desacreditar as FAPLA.

25 de Novembro e 11 de Março em questão

Livro polémico de Varela Gomes

O coronel Varela Gomes resolveu tornar público o seu testemunho pessoal sobre aspectos dos golpes de 11 de Março e de 25 de Novembro do ano já tão distante de 1975. Ao longo de 153 páginas de texto, mais alguns documentos pouco conhecidos, Varela Gomes deixa em letra de imprensa uma visão polémica dos acontecimentos, um testemunho muito pessoal de quem viveu por dentro uma das fases mais cruciais e determinantes do presente e do futuro de Portugal e do seu povo.

Fazer a história desse período é função que se deve deixar aos historiadores, que decerto pegarão o tema logo que o decorrer do tempo permita a necessária distanciação crítica e serenidade de análise. Mas isso não invalida a importância de testemunhos como este, testemunho apaixonado de quem se bate há muito por uma mesma causa, com uma coerência que cumpre assinalar.

Desde participante activo nos movimentos de apoio à candidatura de Humberto Delgado, até activador do funcionamento da 5.ª Divisão, passando pela participação no ataque ao quartel de Beja em 61, que lhe ia custando a vida e custou mesmo seis anos de prisão e quatro de residência fixa, João Paulo Varela Gomes tem mais que autoridade para falar destas questões.

A propósito da publicação do seu livro e de algumas das suas páginas mais impressivas e das opiniões que defendeu quanto ao percurso de algumas personalidades do processo revolucionário português, o «DL» ouviu Varela Gomes.

Diário de Lisboa – A publicação de um livro como este não pode de alguma forma contribuir para a desestabilização política e fazer, mesmo, o jogo da direita?

Varela Gomes – «A resposta a este tipo de perguntas nunca poderá ser dada a contento de todos. A verdade, porém, é que estamos em 1980, cinco anos depois dos acontecimentos referidos no livro agora publicado. Um prazo de perspectivação histórica que me parece razoável. Até porque durante esse período não abri boca: em contraste com muita gente que não se coibiu de baralhar, insinuar e, mesmo, caluniar.

«Não é por acaso que o livro é lançado a público no 5.° aniversário do 11 de Março. É uma data que assinala uma tremenda derrota para a contra-revolução, visto que lhe ter transtornado completamente o calendário da recuperação, em especial os planos neocolonialistas para Moçambique e Angola. A direita – como é sabido – reclama abertamente a «destruição» do 11 de Março.

«Sinceramente não acredito que a publicação de qualquer livro, escrito por quem quer que seja, contribua neste momento para a desestabilização política em Portugal. Num País onde não há escândalo, por maior que seja, que quebre a indiferença; onde a corrupção se tornou prática corrente e sempre impune; onde as arbitrariedades do poder ultrapassam, em muitos casos, as cometidas pelo fascismo... não é lógico prever qualquer efervescência social ou política provocada pela publicação de um livro narrando factos passados há cinco anos.

«Mesmo num sentido mais restrito – desestabilização militar – não é também lógico prever o mínimo efeito; considerando a autodestruição institucional a que estamos assistindo e que resulta da substituição dos valores éticos tradicionais que sustentavam a coesão pelo reino do ódio, do revanchismo e do compadrio político.

«Ao publicar este livro entendo, naturalmnte, que estou fazendo o jogo da esquerda e não o da direita. Ou seja, que a sua utilidade em termos de esclarecimento é superior ao seu rendimento em termos de manipulação. Como é evidente, a direita para conquistar o poder não esteve à espera que eu publicasse livros; nem para arranjar argumentos que lhe tivessem facilitado a tarefa.

«O que eu relato, comento e documento, não se ajusta a certos mitos que muitas pessoas guardam como relíquias da família? Paciência! Mas devo acrescentar que a famosa aprendizagem feita ao longo destes cinco anos passou necessariamente pela racionalização de alguns mitos. E haverá que ir enterrando mais outras ilusões mortas».

NÃO SIMPATIZO COM COSTA GOMES

DL – Ao longo de todo o livro uma das personagens mais criticadas e mais responsabilizadas pela inversão de processo nomeadamente quanto à 5.ª Divisão e ao 25 de Novembro é o genral Cota Gomes. Qual foi, em sua opinião a posição do general Costa Gomes Gomes em relação à Revolução Portuguesa? Qual o verdadeiro papel que desempenhou?

VG – «Eis uma questão crucial, não há dúvida. E que eu gostaria de poder responder definitivamente. Quando tal for possível – depois de virem a lume segredos e memórias – tenho a certeza que resultará muito mais clara a explicação do contra-processo que culminou no 25 de Novembro. Do conjunto de factos e narrações recolhidos nesta minha primeira publicação sobre o processo revolucionário português ressalta – como v. diz na formulação da pergunta a responsabilidade do general Costa Gomes nos ataques contra a 5.ª Divisão do Estado-Maior General de que era chefe. É um facto. E foi um facto até ao assalto/destruição das instalações da 5.ª Divisão, em 27 de Agosto de 1975, que ele próprio sancionou. Sobre as razões mais profundas, mais secretas, que estariam fundamentando essa posição, pode, por enquanto, apenas conjecturar-se. Refiro-me a razões políticas, claro. Não me vou deter nas mistificações relativas à alegada indisciplina da 5.ª Divisão; o mesmo argumento, aliás, que a actual hierarquia continua a utilizar para se desembaraçar dos militares politicamente incómodos.

«Embora as conjecturas sejam em princípio, livres, eu penso que os elementos agora publicados são em número suficiente para as orientar em determinado sentido. Adicionando esses elementos a muitos outros já tornados públicos (alguns do próprio Costa Gomes), julgo poder afirmar-se: a) o general Costa Gomes nunca foi um revolucionário – nem quis sê-lo; b) as suas opções políticas confundiram-se com as do chamado «Grupo dos Nove»; c) Não é possível ignorar o papel que desempenhou durante a crise final da Revolução (no plano militar), que culminou no golpe do 25 de Novembro»

DL – Não gosta muito do Costa Gomes, pois não?

VG – «É verdade. Não simpatizo com o general Costa Gomes, nem no apecto humano, nem no político, como se deduz do que atrás fica dito e daquilo que digo no livro agora publicado. Repare – eu compreendo o personagem político. Que me suscita, aliás, uma grande admiração, no sentido em que «o príncipe» é admirado pela eficácia com que leva a cabo o seu projecto político. Costa Gomes possuía um projecto político que levou a cabo com tenacidade e inteligência invulgares. Direi mesmo, geniais. Projecto que, no meu entender, não serviu a causa da Revolução Portuguesa e, muito menos, pretendia servir os objectivos da Revolução Mundial. Mas que foi assumido sinceramente; isto é, sem trair as convicções mais íntimas. Quanto aos métodos utilizados... bom, foram conformes aos ensinamentos do autor do «O Príncipe».

OTELO, FABIÃO E EANES

DL – O major Otelo e o tenente-coronel Fabião são outros dois oficiais severamente criticados no seu livro. O que é que pensa deles e da sua actuação até ao 25 de Novembro?

VG – «Eu penso que eles são duas personalidades que merecem ser questionadas, como aliás faço no livro que publico. Porque acredito na sinceridade revolucionária de ambos durante o período referido. Claro que revelaram, ambos, uma certa fraqueza de decisão e é possível que se tenham deixado influenciar, com demasiada e talvez indesculpável facilidade. Eles que respondam».

«Fora disto – e depois disto – a apreciação que me merece cada um deles diverge substancialmente. Considero o Carlos Fabião um homem honesto, que seguramente se questiona a ele próprio. Em contraste com Otelo Saraiva de Carvalho, satisfeitinho sem consequências, que nada aprendeu e de nada se arrependeu, aprestando-se a reincidir e a atraiçoar de novo as expectativas de quem cometer o erro de nele voltar a confiar».

DL – No seu livro o coronel Varela Gomes não faz grandes referências ao actual Presidente da República. Porquê?

VG – «Não faço, porque o então major Eanes não surgia frequentemente no primeiro plano. É facto que era director da Televisão e lá tinha sido colocado pelo general Spínola, de quem era – e suponho que ainda é – grande admirador. O major Eanes abandonou a RTP depois do 11 de Março porque entendeu que a sua acção ficava posta em causa. Não consta, nem me recordo que estivesse alguma vez para ser preso na sequência dos acontecimentos do 11 de Março, como oiço dizer a conselheiros da Revolução.

AMNISTIA

DL – O coronel Varela Gomes, apesar de ser um anti-fascista com serviços prestados e reconhecidos, continua afastado das Forças Armadas, neste Estado democrático mesmo contra a Lei da Amnistia. Como explica esta situação?

VG – Podia levar-nos muito longe a análise das motivações de comportamento da burguesia e pequena burguesia portuguesa pós-25 de Abril, designadamente no seu sector militar, o oficialato das Forças Armadas. Seria uma digressão pela traumatologia psicossocial tão ao gosto dos pequenos e médios intelectuais da nossa praça (e não só). Direi mais simplesmente que eu e os outros militares que se colocaram ao lado da classe trabalhadora somos objecto do ódio da classe exploradora e de os candidatos a ela pertencerem...no caso, os oficiais que da política fizeram trampolim para a «qualidade de vida».

«Sobre a minha pessoa ter-se-á abatido uma especial discriminação? É natural. Exactamente pelo passado antifascista a que V. alude. Quanto à Lei da Amnistia eu aproveito a oportunidade para esclarecer o seguinte: a iniciativa da proposta da lei – apresentada pelo Partido Socialista como se sabe – foi desencadeada por uma reclamação que minha mulher levou à Assembleia da República, em Dezembro de 1978, chamando a atenção dos deputados para o escândalo da situação dos militares incriminados por participação no «25 de Novembro» e que aguardavam há mais de três anos a marcação do julgamento. Eu não pedi – nem os outros camaradas revolucionários – nenhuma amnistia. Não precisamos de amnistia. Aquilo que sempre exigimos, continuamos e continuaremos a exigir, é o julgamento dos golpes de 11 de Março e de 25 de Novembro.

A Lei da Amnistia converteu-se numa manobra a favor dos militares e civis comprometidos com os dois golpes contra-revolucionários para se «safarem» da inapelável condenação que resultaria de um esclarecimento público em tribunal. Pelos vistos, nem o preço da manobra querem pagar. Penso que não é suficiente a explicação genérica de estarmos a assistir a mais uma manifestação típica de estupidez e rancor. A extrema-direita militar é bem capaz de estar a acalentar o projecto de vir a realizar os julgamentos – com mais réus – depois de dissolvido o Conselho da Revolução e substituído actual Presidente da República. É uma hipótese a considerar.»

DL – **Não vale, então, a pena lutar pelo cumprimento da Lei da Amnistia?**

V. G. – «Num Estado de direito – como diz a burguesia na sua hipocrisia – temos todos que exigir o cumprimento das leis. Em primeiro lugar, os deputados eleitos pelo povo, qque se têm revelado tão intrépidos defensores dos direitos humanos...dos dissidentes soviéticos. Depois os monopolistas da ética e do apoliticismo; ou seja os autoretratados militares, zeladores da democracia pluralista, conforme reza a Constituição. E por fim nós, a arraia miúda, os perseguidos e humilhados. No meu caso –imaginem, ó gentes! – nem me estão pagando a aposentoria que me devem depois de vinte anos de descontos.»

DL – Mas tenciona tomar alguma iniciativa para que lhe seja aplicada a Lei da Amnistia?

VG – «Eu tenho pressionado junto das instâncias militares competentes para que a minha reintegração seja concretizada. Nomeadamente, pretendendo dialogar com a hierarquia mais responsável, que acontece serem quase todos meus contemporâneos na Escola do Exército e, mesmo, no Colégio Militar. Esta abordagem franca não tem tido qualquer resposta, o que até põe em causa os famosos princípios de camaradagem que tanto se apregoam. É possível que a hierarquia possua um certo complexo em relação à minha pessoa e não tenha muito à vontade para me enfrentar. Também solicitei uma entrevista ao civil que é agora Ministro da Defesa, que me respondeu não ter nada a ver com o assunto. Mas claro que essa personagem ficou ao rubro com o exílio interno de Sakharov...»

DL – **A sua actual situação militar é a de coronel miliciano. O que é que isso significa?**

tecniset
APRESENTA

Coronel Varela Gomes

Sobre os Golpes Contra-Revolucionários
de 11 de Março
e de 25 de Novembro de 1975

O coronel VARELA GOMES regressou do exílio em Setembro de 1979, após a aprovação da Lei da Amnistia pela Assembleia da República.

Só agora, cinco anos decorridos, ergue a voz para nos contar algo da sua participação nos acontecimentos revolucionários de 1975.

O autor/protagonista inclue neste seu primeiro livro algumas surpreendentes revelações sobre os bastidores militares da Revolução. Adopta a forma de testemunho, como se estivesse depondo em hipotéticos julgamentos dos dois golpes contra-revolucionários... solenemente prometidos ao País pelos sucessivos Presidentes da República e nunca efectuados.

Especialmente interessante é a tese, desenvolvida pelo autor, de pertencerem a um «tronco comum» os dois golpes de 11 de Março e de 25 de Novembro. É nesse contexto que é analisada a perseguição movida contra a 5.ª Divisão, pelos órgãos do poder político-militar, logo a seguir ao dia 11 de Março.

A acção de figuras militares conhecidas é directamente questionada, nuns casos; noutros, as interrogações ficam em suspenso... talvez para serem respondidas em próxima obra, que o autor promete a determinado passo.

Contribuição fundamental para a explicação do processo (e retrocesso) da Revolução em Portugal, o livro que temos a honra de apresentar, abre inesperadas — e, certamente, polémicas — vias de revisão interpretativa.

Galeria Opinião

Proposta da APU: Fânzeres exige aplicação da Lei das Finanças Locais

A Assembleia de Freguesia de Fânzeres, concelho de Gondomar, aprovou por unanimidade uma proposta da APU em que se reclama a aplicação total, e em tempo útil, da Lei das Finanças Locais.

Na proposta sublinha-se que esta posição foi tomada «com a convicção de que só o respeito pelos legítimos anseios das populações poderá obter uma gestão autárquica eficiente, pelo que a AF espera que, da parte do Governo, da AR e dos restantes órgãos do poder, não lhe sejam negadas as prerrogativas consignadas na Constituição, nomeadamete a autonomia financeira».

A Assembleia de Freguesia aprovou igualmente, com os votos do PS e da APU, uma moção em que se exige o cumprimento da Constituição da República; o fim imediato da ofensiva contra a Reforma Agrária; o aumento dos salários reais, de acordo com os aumentos do custo de vida; e o respeito por todas as conquistas do 25 de Abril.

Sesimbra: Câmara alerta contra construção clandestina

A Câmara Municipal de Sesimbra aconselha os moradores daquele concelho, que pretendam adquirir terrenos para construção ou edificar habitações, a contactarem previamente o Departamento de Administração Urbanística do Município, a fim de evitar futuros logros, envolvendo especuladores, que persistem em manter a política de loteamento e construção clandestina.

A câmara alerta todos os munícipes para uma série de medidas que tomará, sempre que sejam detectados casos de construção clandestina. Assim, o município tomará administrativamente posse do terreno loteado, demolirá sumariamente qualquer construção, procederá ao corte do abastecimento de água, podendo ainda tomar outras medidas para salvaguarda do território do concelho.

Estas medidas serão tomadas contra todos aqueles que de qualquer forma pretendam destruir e degradar com construções e loteamentos ilegais as condições biofísicas e ecológicas do concelho.

Ministro da Habitação reúne na Póvoa de Varzim

A construção da variante à Estrada Nacional Porto-Viana do Castelo que actualmente atravessa a Póvoa de Varzim, criando graves problemas aos seus habitantes, foi discutido durante um encontro do ministro da Habitação e Obras Públicas, João Porto, o presidente da câmara e diversos técnicos.

O ministro solicitou à Junta Autónoma das Estradas e outros organismos presentes na reunião, que os terrenos sejam reservados logo que esteja feita a directriz da estrada, de forma a evitar que na área da sua implantação sejam construídas novas casas.

Durante o encontro o presidente da edilidade, Manuel Vaz, apresentou ao ministro um «dossier» com todos os problemas do concelho,

Cooperativismo na Guarda

CESCOPE: o cesto é tudo

Dirigentes da CESCOPE dão conta ao «DL» do que é a cooperativa

Vai para seis anos que os cesteiros de Gonçalo, uma pequena mas laboriosa freguesia da Beira Alta que fica a cerca de uma vintena de quilómetros da capital da província (Guarda), se abalançaram ao lançamento de uma cooperativa no ramo que conheciam com a arte que tem os dedos como ponteiros e as mãos como espécie de mostradores: o fabrico de cestos. A revolução de Abril catapultou-se para a conjugação de esforços e um propósito bem claro: produzir em equipa e chegar ao mercado não só antes dos outros, mas (e sobretudo) mais em conta.

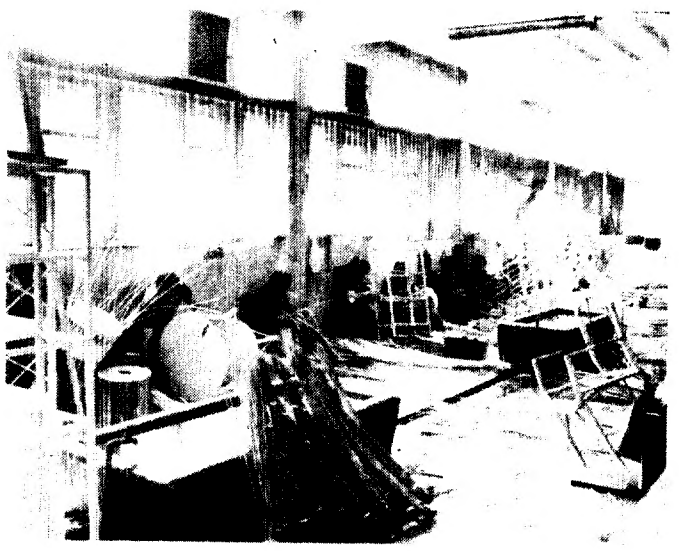
A ideia teve o apoio e a participação da esmagadora maioria da população que já se acantona ao longo de uma variante da estrada que liga Guarda à Covilhã, variante essa que sai da «Nacional» número não sei quantos para se perder no largo da freguesia a que a estação dos CTT e dois cafés dão vida ao longo do ano. E de tal modo a ideia teve o apoio (praticamente unânime) dos gonçalenses que para passar à prática não precisou de muitos meses: em 1974, com efeito, pouco depois da Revolução dos Capitães de Abril, era realidade.

Foi feita a escritura, foram eleitos os seus corpos gerentes e, pouco depois, a freguesia e a cooperativa (CESCOPE: Cooperativa Operária de Gonçalo, SCAR) de manifacturas de verga, ou mais apropriadamente de cestos, tiveram honras de referenciação nos órgãos de Comunicação Social da época quando o então ministro do Trabalho, capitão Costa Martins, as visitou. Os trabalhadores mais velhos da cooperativa lembraram à equipa de reportagem do «Diário de Lisboa» esse dia com uma pontinha de indisfarçável orgulho na alma e uma revolta lágrima nos rostos de alguns.

158 CANDIDATOS A PRÉMIOS DO MT

Pois bem: passaram seis anos e a CESCOPE está para durar, todos os anos em evidente crescimento, com balanços significativos quando Janeiro desponta, as encomendas a aumentarem, e a um ritmo produtivo que ninguém sabe ou calcula até onde poderá chegar. Nos últimos anos, quase toda a sua produção é exportada, razão por que os seus trabalhadores, mesmo funcionando em regime de cooperativa e, portanto, com estatutos próprios, se candidatarão ao prémio de produtividade que o Governo já instituiu por proposta do ministro Eusébio Marques de Carvalho.

Vai candidatar-se, cremos nós. Não temos procuração para o referir, mas é hipótese a admitir. Para o efeito, os 158 operários da CESCOPE reúnem todas as condições, fundamentalmente a de produzirem em força para o estrangeiro fazendo entrar dezenas de milhares de contos, todos os anos, para o país. Suécia (este o seu melhor cliente como país), Canadá, EUA, França e Suíça e, em menor escala a RFA (que prefere importar da Jugoslávia, Polónia e Hungria) são clientes em forma e em força da CESCOPE, Cooperativa Operária de S. Gonçalo que, segundo um dos seus dirigentes contactados pelo nosso jornal (José Adriano Fernandes, vice-presidente da Assembleia Geral), tem a sua carteira de encomendas para este ano completamente preenchida e já não aceita mais pedidos.



Sector de armações e estruturas da CESCOPE

Os trabalhadores de CESCOPE labutam oito horas por dia. Nos dois primeiros anos, com o avanço da revolução, produziam durante dez e mais horas. Mas, depois, com as forças do retrocesso a emergirem, optaram (e para isso lutaram) por um horário de oito horas, de modo não só a permitirem a criação de mais postos de trabalho como para demonstrarem aos seus detractores locais (poucos) que viver em regime de cooperativa produtiva não era o mesmo que viver em escravidão. Aliás, outras formas haveria para estabelecer e comprovar a diferença, e se reduziram o seu horário de trabalho em duas horas diárias nem sequer esse objectivo demonstrativo era o mais importante.

PRODUZIR PARA OS OUTROS

Claro que houve trabalhadores (pouquíssimos) que decidiram deixar a cooperativa, argumentando que precisavam de trabalhar mais horas para ganharem mais dinheiro. Os dirigentes da CESCOPE (todos os anos os seus corpos gerentes são eleitos, reunindo a direcção, no mínimo, de três em três meses) não puseram a essa pretensão qualquer obstáculo, mas perceberam que essa saída era estratégica. Agrupar-se em núcleos familiares independentes ou trabalhar individualmente, era a vocação e a ambição desses que quiseram ficar pelo caminho.

Passaram a produzir, então, para aqueles compradores aventureiros, alguns mesmo da terra, que pagam a tanto à peça e depois vendem (para o estrangeiro) por conta própria. Mas não garantem (nem podem garantir) serviço de assistência, contribuição para o Fundo de Desemprego ou para as instituições do mesmo tipo que podem assegurar o pão para a boca quando se está doente ou sem trabalho.

A OESCOPE manteve o seu ritmo produtivo ao longo dos cinco dias em que está ao serviço das encomendas estrangeiras na sua quase totalidade, e só uma vez ou outra satisfaz os pedidos do comércio nacional.

O ano passado (foram os próprios dirigentes da cooperativa a contá-lo ao «DL») iam todos os meses contentores de Lisboa carregar o fabrico da CESCOPE, que era, depois, enviado para os países compradores. Agora, esse serviço é feito através da CP, a partir da estação de Belmonte, com destino a Sacavém. Fica mais em conta para a cooperativa, que fabrica, em grande parte artesanalmente, toda a espécie de artigos e objectos em verga e até mobiliário rústico onde o vime, devidamente trabalhado, é pormenor de relevo.

A FALTA QUE FAZ O BOM VIME

Falamos em vime e, quase involuntariamente, pusemos o dedo na ferida: até há bem pouco tempo antes, quase todo o vime utilizado pela CESCOPE era comprado na Madeira. **Eeeeeeeera,** mas já não **éééééééééé.** A razão é simples (embora aparentemente pouco plausível): é que o Governo da Madeira não deixa que o vime saia (seja vendido) para o continente. Palpite o leitor como é que a CESCOPE e todos os outros fabricantes, empresas ou cooperativas, de artigos de cesta-vime se amanham ou arranjam para suprir a falta do dito?

«É com muito sacrifício e aceitando o que antes recusávamos», disse-nos José Adriano Fernandes, há dias, reportando-se ao vime continental.

Alinhamos aqui algumas ideias e pormenores sobre a CESCOPE, não referimos que está devidamente seccionada (no rés-do-chão e 1.º andar por que se divide há o sector de preparação de material, a carpintaria, onde se montam as armações e as estruturas, o sector de acabamento e o administrativo) e que os 158 operários que presentemente aí trabalham – o ano passado chegaram a ser 167 – têm ao seu dispor uma cantina com produtos dos mais variados.

Assinalamos tudo isso sem dizer que isto se passa numa remota freguesia do distrito da Guarda (a vinte quilómetros da capital do distrito), em plena Beira Alta, onde o analfabetismo, a falta de saneamento básico e de energia e água canalizada é flagrante (atingindo índices só comparáveis em Trás-os-Montes), mas onde, também, a consciência política é extremamente desenvolvida. Bastará lembrar, para tanto, que nos dois últimos actos eleitorais (intercalares e autarquias locais) o partido mais votado em Gonçalo foi o PS, logo seguido da APU, só depois vindo a AD.

É bom que isto fique liquido, tendo em conta que Gonçalo é uma freguesia do distrito da Guarda e a CESCOPE uma Cooperativa Operária com 158 trabalhadores cuja média de idades ronda os 30 anos e os mais velhos têm, na generalidade, 40/45 anos. Um ou outro com meio século constitui excepção à regra.

Júlio Rodrigues (texto)
Jose Tavares (fotos)

Novos corpos gerentes eleitos há uma semana

As eleições para os corpos gerentes da CESCOPE acto que decorre, todos os anos, na primeira semana de Março, efectuaram-se no último sábado. São onze, no total, os indivíduos que na Direcção, na Assembleia Geral e Conselho Fiscal velam pela expansão da cooperativa e a garantia dos postos dos 158 trabalhadores.

Eis a constituição da **Direcção:** Armando Dias Carvalhinho, presidente; António José Leitão, vice-presidente; Abílio Gonçalves dos Santos, José António Marujo e Júlio Silva Horta; Conselho Fiscal: Ricardo Pereira de Matos; presidente, José Marques dos Ramos, vice-presidente e Adelino dos Santos Marques; Assembleia Geral; Luís Filipe Bernardo; José Adriano Fernandes; e Joaquim Barata dos Santos.

Tudo homens com larga experiência como dirigentes, alguns dos quais trocaram, por assim dizer, de posição entre si. Foi o que aconteceu a José António Proença Marujo, que passou do Conselho Fiscal para a Assembleia Geral, de Ricardo Pereira de Matos, que transitou da Direcção para o Conselho Fiscal, e de Armando Dias Carvalhinho, que vem da Direcção anterior. Entre outros, notam-se as ausências na lista votada de Tenda da Silva, António Augusto Sebastião, Raul Gaspar Melo e José Manuel Goles Cabeças. José Marques Ramos é, por seu turno, uma espécie de ilustre descohecido.

POLÍCIA

Travou o assaltante mas ficou sem unha

Ao tentar ontem arrombar a porta de uma residência no pátio do Quintanilho, em Lisboa, o jovem José Carlos teve azar e deparou com o inquilino que, ainda por cima, era guarda da PSP. Houve luta e refere a crónica policial que ambos os contendores ficaram muito maltratados, mais o agente do que o assaltante. O agente teria mesmo perdido a unha do dedo anelar, devido a uma dentada de José Carlos. Do nome do agente não fala a crónica.

CRIME DE PALMEIRA: PAI E FILHO CONDENADOS

O Tribunal Colectivo de Braga, presidido pelo corregedor Lopes Furtado, condenou ontem a dezassete anos de prisão maior dois dos oito implicados no crime de Palmeira.

O Tribunal aplicou assim as penas de dez anos e quatro meses e sete anos e cinco meses de prisão maior, respectivamente a João Russo Fernandes (pai) e Miguel Maia Fernandes, (filho), tendo absolvido os restantes réus. Recorde-se que os arguidos eram acusados de terem assassinado, a tiro durante um assalto ocorrido, em 23 de Janeiro do ano passado, a funcionária da Previdência, Alzira de Araújo Valente Gonçalves. Miguel Fernandes foi ainda considerado como um dos participantes no assalto e agressão a um prospector bancário, na estrada Braga-Póvoa de Lanhoso, tendo sido por isso condenado ao pagamento das indemnizações de cento e quarenta contos ao Banco Fonsecas e Burnay, de quarenta ao prospector bancário João Ruço Fernandes e de cento e cinquenta ao pai de Alzira Gonçalves.

MORTE ESTRANHA DE RECÉM-NASCIDO

A Polícia Judiciária aguarda o resultado da autópsia para se pronunciar sobre a morte de um recém-nascido ocorrida numa residência situada na Rua Cidade de Benguela, em Olivais Sul. A criança era filha de um jovem casal – o pai é funcionário público e a mãe, que tem apenas 18 anos, é doméstica – que afirma não encontrar razões para o sucedido.

AFOGADA AOS 13 ANOS

Por imprudência (ou gesto voluntário) uma menor de treze anos, Emília Castro da Cruz, encontrou a morte no fundo de um charco, localizado no lugar de Lagoa Alta, no concelho de Cantanhede. O auto foi elaborado pela GNR que não detectou matéria criminal.

«LAPARDÃO» E OUTROS MAIS

A PSP anunciou ontem ter desmantelado uma quadrilha de jovens que se dedicava ao roubo de automóveis e casas comerciais. Dos sete rapazes que compunham o grupo, a Polícia prendeu quatro identificados como Paulo, um ajudante de bate-chapa, o «Batata», «o Borrega» e «o Gaguetas», com idades entre os 17 e os 22 anos, mas já com cadastro. O grupo vinha actuando nas zonas da Ajuda, Alcântara e Carnaxide, bairros de Lisboa onde, entre Janeiro e Fevereiro, praticaram furtos que rondam, segundo estimativa policial, os mil e trezentos contos. Um dos elementos da quadrilha, de 20 anos e com o nome de guerra de «Lapardão» evadiu-se, o ano passado, de um estabelecimento prisional onde cumpria pena. O desmantelamento da quadrilha começou com a prisão, em Fevereiro, do ajudante de bate-chapas, quando este tentava assaltar um supermercado, acompanhado de dois jovens que fugiram num carro roubado.

CARREGADOR E PISTOLA

Foi detido ontem pela PSP numa pensão da Avenida dos Aliados, no Porto, onde se encontrava hospedado, Francisco Manuel Guedes Ferreira Cardoso, de 25 anos, empregado comercial. Tinha na sua posse uma pistola calibre 6.35 da qual não possuía licença e, ainda, um carregador de G-3. Os Juízos de Instrução Criminal confirmaram a prisão.

EM ALMADA: DO «MONUMENTAL» AO «PAGA POUCO»

Fazendo-se transportar em carros que roubaram em Cacilhas e no Laranjeiro, uma quadrilha assaltou diversos estabelecimentos comerciais em Almada, levando artigos que os lesados avaliam em cerca de mil contos. Os estabelecimentos assaltados são a «Monumental do Calçado», o «Giraluz», a «Montra de Almada» e o «Paga-Pouco».

SENHORA INGLESA MORRE EM ALCÂNTARA

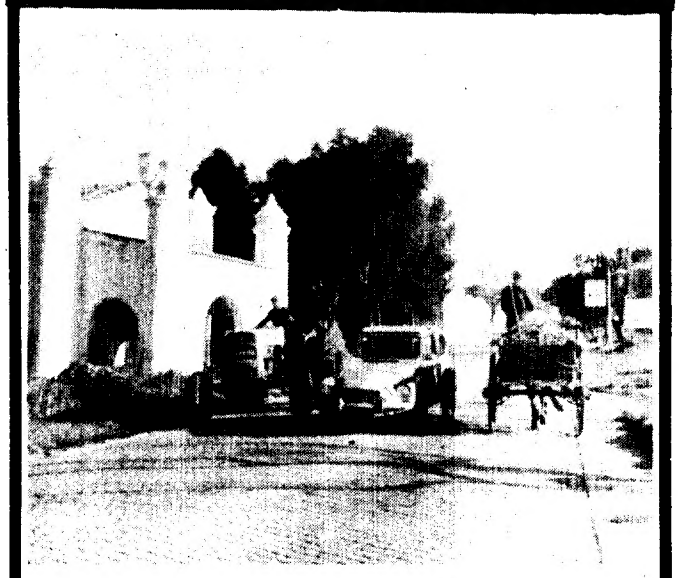
Teria morrido de doença súbita, devido a doença cardiovascular de que sofria, a cidadã luso-inglesa Lina Pereira Marques de Oliveira Hutchins, de 58 anos, que ontem foi encontrada sem vida na sua residência, na Avenida 24 de Julho. A PSP de Alcântara tomou conta da ocorrência, tendo enviado o cadáver de Lina Hutchins para o Instituto de Medicina Legal, a fim de ser autopsiado.

CRIANÇAS DESCOBREM MAIS CHAPAS

A descoberta ontem, de embrulhos com radiografias, nas traseiras do Hospital de S. João, no Porto, parece estar relacionada com o furto de elevado número daquelas películas verificado, conforme noticiámos, naquele estabelecimento hospitalar. Duas crianças que brincavam nas imediações do hospital descobriram embrulhos que continham sete quilos de chapas. Entretanto, a PJ prossegue as investigações para a descoberta dos autores do furto, tendo-se para o efeito deslocado à cidade de Aveiro alguns agentes.

Para além das seis pessoas já detidas é muito provável que novas capturas venham a ser feitas.

DE ONTEM PARA HOJE



Olhai a ermida e uma carroça

Uma ermida e uma carroça puxada a muar que se «cruzam» com um tractor e um automóvel: o passado em confronto com o presente, que é a máquina, numa estrada que, de Beja, chega e parte para Lisboa. Mas um passado que, na ermida ou na carroça, é uma força cultural a perpetuar pelo menos em estilo de museu. Porque aqui o passado não tem o cariz agrário, e dinossáurico, que ostentam os inimigos da Reforma Agrária (essa força motora nos braços dos trabalhadores). Um cariz que não terá sequer futuro arqueológico porque ao caixote de lixo da História já pertence («foto» de Rui Pacheco).

SUBSÍDIO DE NATAL PA..A COOPERANTES

Todos os professores cooperantes em serviço nos novos países de expressão portuguesa passam a ter direito ao abono de um subsídio de Natal, nos termos de um despacho ontem publicado na folha oficial. O montante do abono será igual ao complemento de remuneração mensal da responsabilidade do Estado português.

FLORES SUECAS HOMENAGEIAM DESCOBRIDORES

A Marinha de Guerra sueca prestou ontem homenagem ao Monumento dos Descobridores Portugueses, em Lisboa. O comandante do navio-escola «Alvsnabben», capitão de mar-e-guerra Carl-Gustaf Hammarskjold, acompanhado de um grupo de oficiais e cadetes depôs uma coroa de flores na base do monumento. O «Alvsnabben» deslocou-se a Lisboa na fase final de um curzeiro iniciado em Novembro de 1979, tendo sido a capital portuguesa o último porto de escala em águas estrangeiras. O navio deixará ainda hoje o Tejo com destino a Karlskrona, na Suécia.

SETENAVE REPARA PLATAFORMA

Encontra-se, desde ontem, em reparação no estaleiro de construção naval da Setenave, a plataforma de exploração petrolífera «Bideford Dolphin», pertencente ao armador norueguês Fred Olsen. Com cerca de 109 metros de comprimento e 67,5 de largura, e com capacidade para 76 pessoas, a «Bideford Dolphin» foi construída há quinze anos e opera no Norte de Espanha, ao largo de Bilbau. A preparação da plataforma, que esteve há cerca de um ano a trabalhar no Algarve, deverá levar vinte dias. Registe-se, entretanto, que o estaleiro de construção naval de Setúbal reparou nos dois primeiros meses deste ano quinze navios.

ALVES CARDOSO MORREU HÁ 50 ANOS

Passou ontem mais um aniversário da morte do pintor Alves Cardoso, falecido há cinquenta anos em Lisboa. Alves Cardoso, que nasceu em 10 de Março de 1883, tem a sua obra espalhada por vários coleccionadores, e pertenceu ao «Grupo de Silva Porto», dirigido por mestre Cardoso Reis. Em Paris, onde permaneceu durante alguns anos, Alves Cardoso conviveu com grandes vultos da arte francesa.

NA RFA EMIGRANTES EXIGEM

Numa moção ontem enviada por sete organizações de emigrantes da RFA a diversos órgãos da soberania é exigida a realização do Congresso das Comunidades, «respeitando as datas e normas estabelecidas e divulgadas oportunamente pela Embaixada e pelos Consulados de Portugal» naquele país. Os emigrantes que subscrevem a moção protestam contra «a decisão demagógica do Governo em adiar o congresso» pois isso significa «adiar a análise e a solução dos problemas, agravá-los e não querer resolvê-los».

PROMOÇÃO NA «ASSEMBLEIA DE DEUS»

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus iniciou ontem uma campanha de promoção em diversas ilhas dow Açores. No domingo, em Ponta Delgada, efectuou-se «uma sessão preparatória» dessa campanha, na qual foram oradores o evangelista Luís Reis e os pastores Domingos Barradas, das Caldas da Rainha, e António Bernardo, de S. Miguel. Além da ilha de S. Miguel, a «Assembleia de Deus», segundo a ANOP, está já também implantada na Terceira, Pico e Santa Maria.

Jardim Infantil do Pombal

Como uma iniciativa popular tenta sobreviver apesar das más vontades oficiais

Num país tão carenciado de equipamentos sociais como Portugal, as autoridades dão-se ao luxo de menosprezar ou até criar dificuldades à existência dos que as populações, depois de 25 de Abril de 74, criaram por sua iniciativa para resolver os seus próprios problemas.

Está nessa situação a AIPICA – Associação de Iniciativas Populares para a Infância do Concelho de Almada – cuja legitimidade não foi ainda reconhecida legalmente e é disso exemplo o Jardim Infantil do Pombal, na Cova da Piedade, um dos estabelecimentos filiados na AIPICA, cujo futuro é neste momento, um ponto de interrogação.

Situado na rua Egas Moniz, na Cova da Piedade, o Jardim Infantil do Pombal tem a aparência de uma loja. Só difere dos estabelecimentos que com ele constituem o rés-do-chão de um grande imóvel, por ter numa das «montras» um painel pintado por mãos infantis, desses que frequentemente se vêem nos jardins de infância e traduzem o início da integração da criança na vida colectiva.

Lá dentro, 33 crianças de idades compreendidas entre os 2 anos e meio e os 6 anos vivem, enquanto os pais trabalham. Pequenas mesas e cadeiras, armários para guardar o material didáctico, uma cozinha em miniatura (que também tem o seu valor pedagógico quer para raparigas quer para rapazes), constituem quase todo o conteúdo deste jardim infantil popular. Luz, espaço e sol não faltam: as montras são mais amplas que janelas.

A cave do estabelecimento é utilizada como recreio coberto e refeitório. Nesse espaço está também instalada uma cozinha.

As crianças pagam uma mensalidade que ronda os 450 escudos, mas há crianças que nada pagam e outras que pagam um pouco mais.

Para ir ao encontro da população trabalhadora que serve, o Jardim Infantil do Pombal funciona das 7 e 45 às 19 e 30 horas. O pessoal é constituído por uma educadora e uma auxiliar de educação, duas vigilantes e uma encarregada de limpeza.

A comissão de gestão é formada por um representante dos pais, um representante dos trabalhadores e três gestores nomeados no âmbito da AIPICA.

Cinquenta e cinco crianças estão inscritas numa lista de espera para frequentar o Jardim Infantil do Pombal.

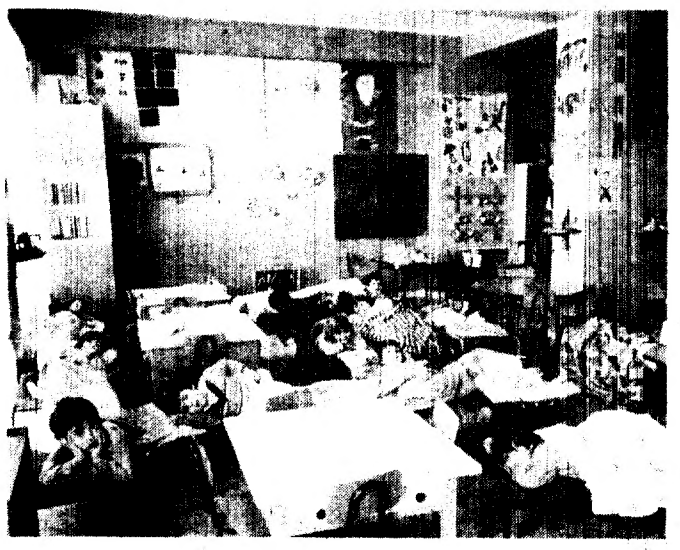
DE ARMAZÉM DE LIXO A JARDIM INFANTIL

O facto de ter aparência de loja é facilmente explicável: as instalações deste jardim infantil não foram encomendadas a arquitecto devidamente instruído sobre as necessidades das crianças, pelo Estado ou por entidade particular endinheirada. Este jardim Infantil do Pombal existe em consequência de uma ocupação feita em 75, ocupação que obedeceu às normas então estabelecidas.

«Estas instalações funcionavam na altura como armazém de material de construção civil e lixo, pertencente à firma construtora e proprietária do imóvel», conta António Mário, um dos fundadores do jardim infantil e membro da actual comissão de gestão. A população aqui residente, trabalhadora, em estabelecimentos para deixar os filhos visto que esta zona é muito carenciada, pensou que destas instalações se poderia fazer um jardim infantil. Ainda tentámos contactar a firma proprietária para arrendarmos a loja, mas a dada altura não tivemos resposta pelo que as pessoas, cansadas de esperar, ocuparam as instalações.

Demos conhecimento da ocupação aos proprietários, ao Gabinete de Apoio Cívico e Dinamização do Forte de Almada, ao Copcon, à Câmara Municipal de Almada e à Junta de Freguesia da Cova da Piedade.»

São 33 que sem o Jardim Infantil do Pombal poderão ficar na rua, ou sozinhos em casa, ou entregues a pessoas que só têm em vista o lucro material



Na sala onde brincam, também fazem repouso. São as tais condições mínimas que se arranjaram para eles. Será que também estas lhes irão retirar?

Quando faz bom tempo, brincam no passeio e têm esperança de daqui por algum tempo poderem brincar no jardim que a Câmara está a preparar em frente ao jardim infantil

Isto aconteceu em Julho de 75. Ainda nesse ano foi feito um pedido de legalização ao Ministério da Administração Interna, de que nunca houve resposta. A firma proprietária nunca quis fazer o arrendamento e em Novembro de 75 enviou à comissão uma carta, exigindo a desocupação dentro de 5 dias.

Os responsáveis pelo jardim infantil, não querendo deixar as crianças desabrigadas (a maior parte delas pertence a agregados familiares economicamente débeis que não poderiam pagar mensalidades noutros estabelecimentos), nem anular os cinco postos de trabalho criados, mantiveram a ocupação das instalações e diligenciaram por todos os meios resolver o assunto.

Num encontro com os proprietários, estes pediram 870 contos pela venda das instalações, ficando assim a questão resolvida. Começou então a corrida aos meios oficiais para obter o dinheiro, que ainda não veio. A firma proprietária do estabelecimento, embora não tenha recorrido à desocupação compulsiva, tem dado sucessivos .prazos para a desocupação ou a compra. O último prazo expirou a 30 de Novembro passado.

«Estamos assim nesta incerteza. Temos contactado com o Sector Único da Primeira e Segunda Infância, do MAS e o Serviço de Acção Directa, (SAD) que nos tem dado apoio técnico, nomeadamente, enviando-nos as duas profissionais de educação e pagando-lhes o respectivo vencimento (ao todo, 20825 escudos por mês)», relata Isidro Serafim, também da Comissão de Gestão.

Em Junho de 78, o director distrital de Setúbal da Segurança Social, eng. Serafim Eiras, visitou as instalações e, segundo a comissão, mostrou-se entusiasmado e interessado em resolver o assunto. Depois dessa visita várias reuniões se seguiram. O assunto parecia estar encaminhado.

Em Abril de 79, a directora dos Serviços dos Assuntos Jurídicos da Direcção-Geral da Assistência Social enviou uma carta ao Sector Único propondo a compra das instalações pelo Sector Único em nome da Junta de Freguesia da Cova da Piedade, que posteriormente cederia as instalações à AIPICA. Mas tal proposta também não colheu frutos.

«Nós pensamos que o obstáculo surge por parte do director distrital da Segurança Social de Setúbal, que aqui emitiu uma opinião e que, posteriormente, emitiu por escrito, dentro dos serviços do MAS, opinião negativa sobre as instalações. A verdade é que na opinião da arquitecta Manuela Reis, da Comissão dos Equipamentos Colectivos, as instalações reúnem as condições mínimas, podendo a cave ser utilizada para refeitório e espaço de recreio coberto, desde que lá seja colocado um aparelho para renovação do ar.»

Há cerca de um mês a Comissão recebeu do Sector Único a confirmação de que não havia dinheiro para compra das instalações mas aquele departamento sugere a compra de um andar que na zona orça entre 2 mil a 3 mil contos!

Os responsáveis pelo Jardim Infantil do Pombal não desistem. Têm tido apoio das autarquias locais. Inclusivamente, a Junta de Freguesia da Cova da Piedade concedeu-lhes um subsídio de 8 contos mensais em 79, actualmente aumentado para 10 mil escudos. Iniciaram uma campanha de fundos, têm esperança na Fundação Gulbenkian que já em tempos lhes concedeu um subsídio e, finalmente, têm também esperança que as entidades oficiais revejam a sua posição.

O próprio Serviço de Acção Directa (SAD) considera «que o desaparecimento do Jardim Infantil do Pombal é não só um prejuízo social, como também deixa a área a descoberto de qualquer equipamento para a infância.»

Empresas em situação difícil

Processos de viabilização vão ser acelerados

Decisão do Conselho de Ministros a publicar dentro em breve no «Diário da República», vai ser acelerado o processo de homologação e celebração de contratos de viabilização de empresas privadas em situação económico-financeira de desequilíbrio, e dos acordos de saneamento económico-financeiro de empresas públicas. A decisão governamental deverá diminuir consideravelmente os prazos previstos pela legislação anterior, conferindo ao Ministério das Finanças e Plano um maior poder de intervenção nas negociações.

De acordo com a legislação que vai vigorar dentro em breve o MFP ouvirá a Paraempresa (sociedade de capital público) e despachará a intervenção dos bancos credores, nas empresas que recorram ao contrato de viabilização, no sentido da concessão de novos financiamentos tendentes à consolidação do passivo e ao relançamento da actividade económica. Quando as instituições bancárias intervenientes não chegarem a consenso entre elas, o MFP intervirá também.

O objectivo destas medidas do Governo é o desbloqueamento de inúmeros processos actualmente ainda em estudo na Paraempresa. A Paraempresa é uma sociedade de capital misto criada para substituir a comissão de apreciação dos projectos de viabilização.

Prevê-se que a entrada em vigor destas medidas venha desbloquear a situação em que se encontram inúmeras empresas, entre elas a Torralta, a J. Pimenta, a Grão-Pará, o Turing Clube.

Conjuntura económica 1979

Tendência para o agravamento mantém-se, com algumas excepções

Sintoma do agravamento da situação no sector, a venda de cimento para a construção civil diminuiu cerca de 9,9 por cento em 1979 e em relação ao ano anterior, segundo a «Situação Económica e Financeira», publicação do Ministério da Coordenação Económica e do Plano. Ainda segundo esta publicação, no período considerado (os primeiros nove meses do ano transacto) e em relação com igual período de tempo do ano precedente, a situação do turismo registou das mais importantes melhorias entre os diversos sectores. Os números já existentes (referentes ao período citado e cobrindo, portanto, a «época alta»), mostram aumentos da ordem dos 30 por cento, e mais quanto a entradas de turistas e dormidas e de estrangeiros em relação a igual período de 1978.

Mas também o mercado de emprego registou algumas melhorias em 1979, já que se pode observar, ao longo fo ano, uma diminuição da procura do emprego de cerca de 8 por cento, enquanto os empregos oferecidos aumentaram 22 por cento. As colocações efectuadas também aumentaram em 79, cerca de 12 por cento.

Indicador importante para o nível da actividade económica, o consumo de combustíveis cresceu mais em 79 – 12,2 por cento – do que tinha crescido em 78.

Mas este aumento deve-se principalmente ao aumento nos fornecimentos às centrais térmicas, certamente: o consumo de gasolina normal continuou a descer, como vinha acontecendo já nos últimos anos, e o da super estagnou.

Automóveis ligeiros: ligeira subida de 79, ao contrário do que acontecera no ano anterior. Mas amntém-se a tendência para descer, que começara em 77, e o ligeiro aumento de 79 deveu-se principalmente à expansão das vendas de veículos comerciais ligeiros – mais 26 por cento – com as vendas de automóveis para passageiros a subirem apenas 3 por cento, mantendo-se, portanto a tendência para um baixo nível de venda.

A produção de carne teve uma quebra de 7 por cento, motivada pela redução dos abates de porcos: menos 16 por cento em 1979, acompanhada por uma quebra das carnes de frango de 4 por cento.

Pelo contrário, a produção de bovino aumentou 2 por cento, e a de ovos continuou também a aumentar, subindo 7 por cento (neste caso, porém, menos do que os 34 por cento de 78). Segundo a mesma fonte, em fins de 79 parece ter-se notado uma ligeira recuperação na produção de carne, e particular no abate de frango.

Na conjuntura industrial referente a Outubro (divulgada por não serem ainda conhecidos os valores para o conjunto do ano), a situação foi caracterizada por uma quebra acentuada na situação da indústria ligeira, e uma melhoria assinalável na da pesada.

Na indústria ligeira, em Outubro, o sector «Alimentação, Bebidas e Tabaco» manteve uma quebra acentuada, prolongando um movimento iniciado em Junho.

Contrariamente, as indústrias plásticas têm vindo a aumentar aceleradamente a sua produção.

Nas indústrias pesadas, as metalomecânicas viram a sua produção aumentar aceleradamente em Setembro e Outubro,

"Dia" da PSP de Lisboa

A PSP de Lisboa comemora hoje o seu dia como parte fundamental que é a da corporação. Daí que a apresentação, hoje, dos seus elementos, em toda a cidade, com a farda de cerimónia, tenha despertado as atenções, até por ser 11 de Março.

No entanto, o traje que envergavam (e envergarão até às 24 horas de hoje) tem a ver apenas com o facto de ser o seu dia.

VIAGENS DE AVIÃO

Madeira	– desde:	6 960$
Açores	– desde:	10 350$
P. Maiorca	– desde:	10 950$
Ibiza	– desde:	11 150$
Benidorm (autofférias)	– desde:	670$
Londres	– desde:	9 420$
Roménia	– desde:	23 950$
Jugoslávia	– desde:	28 800$
Egipto	– desde:	56 800$
Terra Santa	– desde:	35 240$
Finlândia	– desde:	29 980$

Informações e reservas:

claras turismo

CENTRO DE TURISMO DA RODOVIÁRIA NACIONAL, E.P.

Av. Fontes Pereira de Melo, 33 - 1000 Lisboa
Tel.: 56 00 15/6/7/8 – Telex 12315 CLARAS

TRIBUNAL JUDICIAL DE BEJA

ANÚNCIO

2.ª Publicação

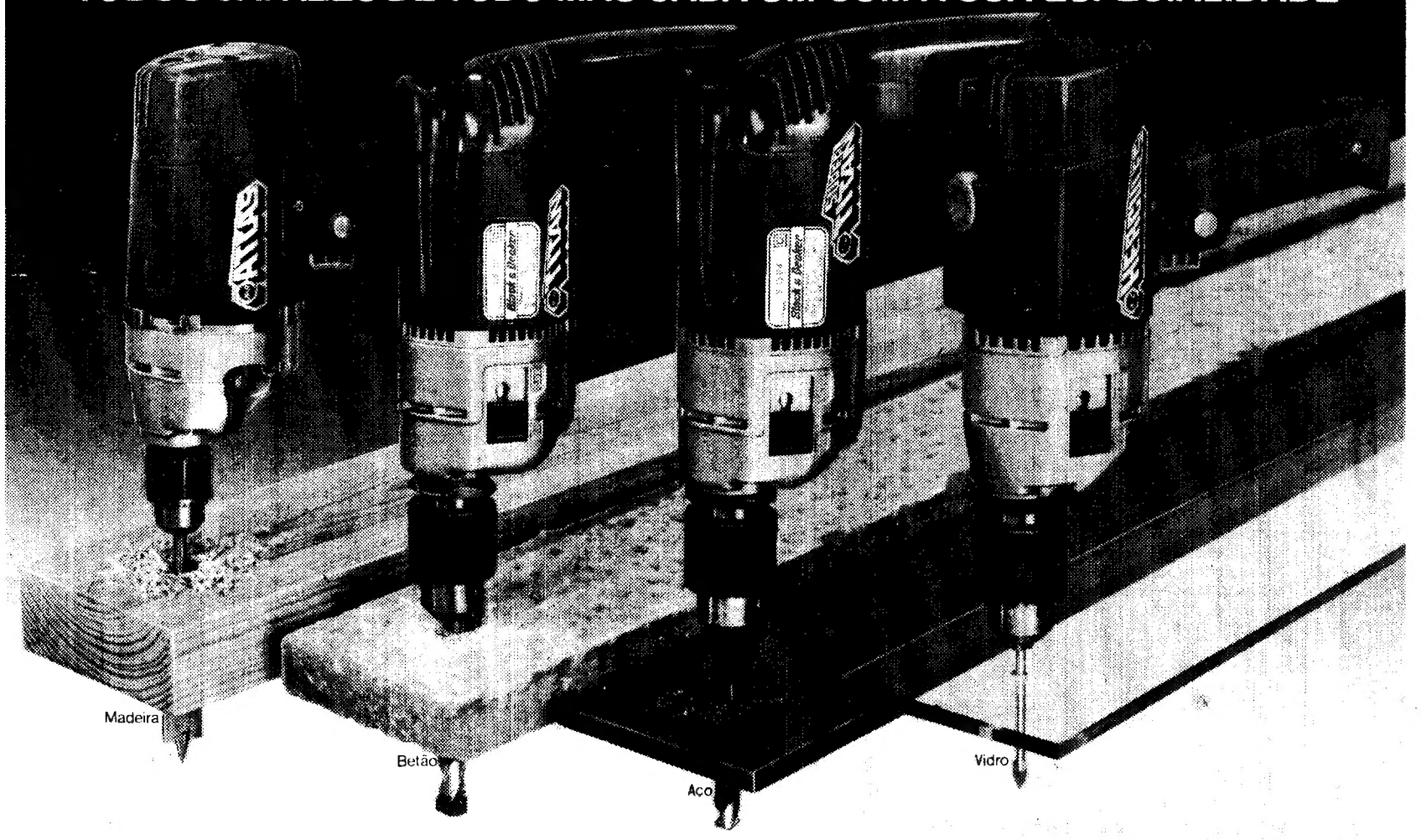
São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação deste anúncio

Execução Sumária n.º 87/79 1.ª secção. Exequentes O BANCO NACIONAL ULTRAMARINO, EP com sede em Lisboa. Executado JOSÉ ESIDRO DA SILVA CATITA, casado, e JOSÉ ANTÓNIO FONSECA MACHADO DE ASCENSÃO, solteiro, maior, residentes na Rua Estado da India, n.º 33, em Beja.

Beja, 4 de Março de 1980
O Juiz de Direito,
(assinatura ilegível)
O Escrivão de Direito
(assinatura ilegível)

OS POSSANTES DA BLACK & DECKER

QUATRO BERBEQUINS DE PERCUSSÃO CHEIOS DE FORÇA E DE JEITO
TODOS CAPAZES DE TUDO MAS CADA UM COM A SUA ESPECIALIDADE



"OS POSSANTES" da Black & Decker integram numa nova linha de berbequins de percussão os mais recentes desenvolvimentos tecnológicos do maior fabricante mundial de ferramentas eléctricas. No forte coração de qualquer "POSSANTE" está uma máquina de grande potência, ajustada com precisão às solicitaçoes dos mais diversos utilizadores.

O amador que pretende um berbequim mais simples mas com a vantagem adicional da percussão tem no ATLAS a máquina justa.

ATLAS
- 370 Watts de potência.
- 10 mm em aço • 10 mm em betão • 13 mm em tijolo • 25 mm em madeira.
- 2 velocidades 900 e 2400 RPM.
- Percussão incorporada.

A qualidade profissional do TITAN e do SUPER TITAN é a resposta mais completa às necessidades da utilização regular e mais prolongada. Concebidos ergonomicamente têm uma empunhadora menos fatigante e de maior segurança.

São mais robustos e comprovadamente resistentes ao trabalho de todos os dias.

TITAN
- 450 Watts de potência.
- 13mm em aço • 16 mm em betão • 20 mm em tijolo • 25 mm em madeira.
- 2 velocidades: 1400 e 3200 RPM
- Percussão incorporada.

As 4 velocidades do SUPER TITAN conferem-lhe a versatilidade ideal para trabalhar, numa mesma operação, em materiais diferentes.

SUPER TITAN
- Em tudo idêntico ao **TITAN** mas com 4 velocidades. Duas de regulação mecânica - 1400 e 3200 RPM - e duas de regulação electronica - 1100 e 2500 RPM

No expoente da perfeição técnica, sofisticação e capacidade funcional está o HERCULES equipado com um variador electronico de velocidades que permite uma precisão extraordinária na furação de qualquer material, mesmo o mais fragil e delicado.

HERCULES
- 500 Watts de potência.
- 13 mm em aço • 16 mm em tijolo • 25 mm em madeira.
- Velocidade infinitamente variável com 14 posições referênciadas para trabalhos específicos.
- Percussão incorporada.

"OS POSSANTES" oferecem ainda a vantagem adicional de serem todos adaptáveis aos dispositivos Black & Decker ganhando múltiplas utilidades.

Black & Decker o seu Braço Direito

Batata de consumo

Governo e intermediários de mãos dadas

A batata nacional não deverá ser lançada no mercado enquanto não escoar a batata importada, admitiu ao «DL» um armazenista da capital a propósito da falta do tubérculo que se faz sentir em quase todo o território, com particular incidência em Lisboa e periferia – mas também noutras cidades e centros de acentuada densidade populacional.

Para suprir essa falha, e por não dispor de instrumentos que funcionem com eficácia, o Governo, através do Ministério do Comércio e Turismo, autorizou a compra de um novo contingente de dez mil toneladas de batata de consumo para o mercado interno. Entretanto, está a fazer (segundo a ANOP), ao nível da fiscalização, um estudo «para regularizar o mercado de batata de consumo».

A redução do preço oficial da batata de 16$50 para 13$50 (uma diferença de apenas 3$00) foi mais uma das muitas medidas demagógicas de Basílio Horta e deste Governo. Medida, aliás, com as piores consequências possíveis, como o foi o gravoso aumento do preço do arroz. Se o Governo desceu o preço da batata em alguns tostões para «compensar» o forte aumento do arroz, agiu atabalhoadamente. No entanto, como este também é o Governo dos intermediários (a despeito de leis que anunciam o contrário) e dos grandes armazenistas, não surpreenderá se este fictício abaixamento do preço da batata vise criar condições de benefícios à casta em questão.

Para já não há batata no mercado nacional e a que até há dias foi distribuída era importada (apesar de muita dela apodrecer em Montalegre e noutros pontos do País, onde o Governo não quer chegar e os intermediários não querem comprar – que diferença há entre uns e outros?). Contudo, se lavradores (produtores) e armazenistas (uma das espécies de intermediários tolerados e fomentados no País) se vissem livres do preço máximo estipulado para o tubérculo, este não faltaria na casa de todos nós.

Sejamos claros: se este Governo quiser prosseguir a sua campanha demagógica no domínio dos preços dos produtos de primeira necessidade, terá, antes, para além de se certificar de que existem, que atacar e punir muitos dos seus apoiantes por forma a poder assegurar a sua distribuição.

Bacalhau

Portugal mantém as cotas de 79

O bacalhau e a lula dominaram a Convenção da Organização de Pescas do Noroeste do Atlântico (NAFO), que decorreu em Toronto, a semana finda, tendo em qualquer dos casos a representação portuguesa assegurado sensivelmente as cotas que lhe foram fornecidas o ano findo. Portugal não saiu prejudicado pelas deliberações tomadas em Toronto – disse à chegada o eng.º Esteves Cardoso, que chefiou a delegação nacional à reunião.

Portugal beneficia de um acordo especial com o Canadá que assegura aos nossos pescadores 1.800 toneladas de lulas, pesca particularmente desenvolvida nos últimos dez anos e com capturas médias superiores a cem mil toneladas. Por outro lado, manterá a mesma cota máxima para a pesca do bacalhau, que o ano findo foi de 1.100 toneladas. Ainda sobre o molusco em questão, recorda-se que Portugal teve uma cota máxima de mil toneladas o ano passado, cota essa que de facto pesou duas mil ao abrigo do acordo bilateral com o Canadá.

O director-geral das Pescas disse também que Portugl poderia eventualmente beneficiar de cotas mais elevadas se tivesse iniciado a pesca da lula há mais tempo. Mas, acrescentou Esteves Cardoso, quando as cotas são anunciadas em Portugal apresentam-se diversos candidatos à sua utilização, embora, por fim, só dois é que a capturem.

Relativamente às decisões tomadas em Toronto e que os respectivos governos participantes analisarão antes de uma próxima reunião, é de assinalar que Portugal foi um dos países mais beneficiados.

MENOS PEIXE DESCARREGADO

A pesca descarregada em Portugal entre Janeiro e Setembro do ano passado rondou as 146 mil toneladas, contra cerca de 164 mil no mesmo período do ano anterior (1978), segundo o último «Boletim Mensal» das Estatísticas da Agricultura e Pescas do INE.

Significa isso, ainda de acordo com as estatísticas daquele instituto, que a pesca descarregada em Portugal naqueles 275 dias diminuiu em 11 por cento comparativamente ao movimento do ano anterior.

Mas se quanto ao peixe descarregado foi assim, também quanto ao gado abatido o quadro não foi diferente. Com efeito, o seu total, igualmente naquele período, mas com mais um mês (Outubro), baixou em cerca de 10 por cento por comparação ao período entre Janeiro e Outubro de 78.

Em peso limpo o total de gado abatido rendeu 174.840 toneladas nesses dez primeiros meses de 79, contra 195.391 entre Janeiro e Outubro de 1978.

Iniciativa da Transtejo

Quatro bares para os moradores da Outra Banda

A Transtejo abriu concurso para lançamento e exploração de quatro novos bares, dois no terminal de Cacilhas e outros tantos em dois barcos da carreira Lisboa – Montijo, para aliviar a espera e o percurso dos seus 29 milhões de passageiros anuais. Se se vierem a concretizar outros projectos e melhoramentos que a empresa anuncia ter em carteira, os moradores da outra banda poderão vir a comer a sua «bucha» com café ao mesmo tempo que consultam os avisadores e quadros electrónicos das carreiras em serviço a instalar nos terminais.

A Transtejo, que aceitará até ao dia 27 do corrente propostas para a exploração dos quatro novos bares, pretende também melhorar o serviço de bufete dos barcos da zona larga e pôr à disposição dos que usam o embarcadouro de Cacilhas um pequeno bufete virado para o rio, e um bar esse maior, que faz parte dos quatro relativos ao concurso, na parte central da zona de atracação.

As rendas anuais dos bares e bufetes em concurso vão de doze contos, para qualquer dos barcos, a 200 contos – para o bar central do embarcadouro de Cacilhas.

Reabilitação profissional

O Instituto de Emprego e da Formação Profissional deverá vir a dispor de uma estrutura orgânica própria, à qual serão cometidas as tarefas da reabilitação profissional: avaliação, adaptação e treinos profissionais, formação e colocação de deficientes, tanto em empregos protegidos como em emprego competitivo.

Esta decisão foi tomada durante uma reunião que se realizou na Secretaria de Estado do Emprego que contou com a participação do secretário de Estado, dr. Luís Morales, o secretário nacional de Reabilitação, dr.ª Maria João de Vasconcelos e de dirigentes e outros técnicos de ambos os departamentos.

PUB

SINDICATO DOS MARINHEIROS MERCANTES DE PORTUGAL

AOS TRABALHADORES DOS TRANSPORTES, À POPULAÇÃO

A massiva adesão à greve do passado dia 4 e a compreensão e solidariedade dos utentes dos transportes foi uma significativa vitória não só dos trabalhadores do sector, como de todos os que anseiam a um futuro de bem-estar e justiça social. Para alcançar esse futuro é preciso infligir derrotas ao actual Governo do grande capital e do imperialismo; **foi isso que aconteceu no dia 4 de Março.**

A receptividade com que foi recebida e levada à prática a greve simultânea, o desejo existente de que a luta continue unida e seja intensificada, vieram confirmar a justeza daquilo que há muito vimos defendendo: o caminho a seguir é da unificação e intensificação das lutas **para que sejam mais eficazes e façam recuar os nossos inimigos.**

Pelo seu carácter de classe tudo indica que os gestores das empresas e o Governo queiram prosseguir o caminho de: boicote à Contratação Colectiva, não satisfação das justas reivindicações dos trabalhadbres, tentativa de imposição unilateral de condições de trabalho, aumento dos preços dos transportes, etc.

Por isso entendemos que o Plenário das Organizações dos Trabalhadores dos Transportes, a realizar no próximo dia 15 deve aprovar:

— Um Caderno Reivindicativo que inclua para além da defesa das nacionalizações, as reivindicações concretas de cada empresa no tocante à Contratação Colectiva.

— Um Calendário de Luta concreto e comum para todo o sector, com base na exigência da satisfação dessas reivindicações dos trabalhadores.

Nesse sentido o nosso Sindicato irá apresentar à Federação dos Sindicatos do Mar para ser discutida na Reunião das Organizações dos Trabalhadores dos Transportes do próximo dia 15 uma proposta.

NOTA: Todas as organizações de trabalhadbres de transportes, Direcções Sindicais, CT's, CS's, Sub-CT's e Delegados Sindicais que queiram ter acesso à nossa proposta podem solicitá-la para a sede do Sindicato.

2RODAS 2vezes mais atenção!

circular e viver

ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL
CONSELHO ADMINISTRATIVO

Faz-se público que no Conselho Administrativo desta Direcção — Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180-D, se encontram abertos os Concursos Públicos seguintes:

Concurso Público N.º	Designação	Caução Provisória	Abertura de Propostas	
			Data	Hora
1/80-Mat	Venda de baterias absoletas	2,5% valor proposta	08Abr80	15H30
3/80-Mat	Reparação de viaturas Land-Rover	Idem	09Abr80	14H00
4/80-Mat	Reparação de viaturas Mercedes	Idem	09Abr80	16H00

Todo o material pode ser observado em D.G.M.G. — BEIROLAS

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 15 às 18 horas.
As propostas devem ser entregues até às 17h00 do último dia útil anterior ao da abertura de propostas.

O PRESIDENTE DO C.A.
Fernando Joaquim Silva Pontes
Major de A.M.

ALICE MOURA OLIVEIRA

FALECEU

Marido, filho, mãe, nora, netos, irmãos, tios, cunhados, sobrinhos e mais família, participam o falecimento da sua ente querida e que o funeral se realiza amanhã às 10 horas da Igreja dos Jerónimos para o cemitério da Ajuda.

FUNERÁRIA DO RESTELO, LDA.
TELF. 611291-614748

Caminhos de Ferro Portugueses

Informação

NOVO SERVIÇO COMBINADO EM LIGAÇÃO À ESTAÇÃO DE MONCORVO

Em 25 de Fevereiro vai entrar em vigor um novo serviço combinado de transporte de mercadorias, incluindo pequenos volumes, entre a estação de Moncorvo e Torre de Moncorvo, Felgar, Felgueiras, Maçores e Peredo dos Castelhanos, a cargo de Jorge Manuel dos Santos.

Desta forma, a partir da referida data, todas as estações do caminho-de-ferro e despachos centrais de serviço combinado passam a efectuar expedição para aquelas localidades, assim como, nas mesmas se aceitam despachos para qualquer estação do caminho-de-ferro, ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

Seguros

Socialistas conquistam secretariado

A lista socialista encabeçada por Torres Couto venceu com 121 votos a eleição para o Secretariado do Sindicato dos Trabalhadores de Seguros do Sul, cujo primeiro congresso se realizou este fim-de-semana.

A outra lista concorrente, a «B», proposta pela tendência sindical social-democrata (TESIRESD), obteve 87 votos. Registaram-se 91 abstenções.

Os outros órgãos do sindicato (Conselhos Geral, de Disciplina e Fiscalizador) passam a contar, no total, com 25 delegados da lista «A», dezoito da lista «B» e dezasseis da lista «C» (unitária).

O congresso aprovou também um documento de estratégia sindical para o próximo triénio, apresentado pela lista «A».

Durante o encontro foi repudiada a hipótese de reabertura do sector de seguros à iniciativa privada e saudado o aniversário da nacionalização dos seguros, que se comemora no dia 14.

No documento de estratégia sindical aprovado pelo congresso considera-se factor fundamental, para os próximos três anos, a defesa dos empregos, das condições laborais e do poder de compra dos trabalhadores de seguros.

Solução à vista?

Greve dos ferroviários amanhã ainda por confirmar

Representantes dos sindicatos ferroviários e da CP encontravam-se reunidos esta manhã na sede da empresa, numa derradeira tentativa para encontrar uma plataforma de acordo que permitisse cancelar a greve de 24 horas marcada para amanhã.

Segundo informação recolhida à hora de fecho do nosso jornal, junto de fonte sindical, as conversações pareciam bem encaminhadas, facto que, a confirmar-se, permitirá que a circulação ferroviária decorra amanhã com perfeita normalidade, em todo o País.

O conflito deriva do processo de revisão do ACT da empresa (excepto tabelas salariais e outro clausulado estritamente pecuniário). e envolve, basicamente, o problema das promoções, a generalização do subsídio de almoço e do prémio de efectividade, a correcta aplicação das matérias acordadas, e o sistema de horário flexível.

Menos optimistas serão as perspectivas para quinta e sexta-feira, pois o Sindicato (paralelo) dos Maquinistas mantém a convocatória de uma greve de 48 horas para esses dias, não se prevendo, para já, uma solução negociada. Aparentemente, as razões de queixa deste sindicato são idênticas à dos restantes sindicatos da empresa, e prendem-se com a revisão do ACT, que decorre em separado.

Basicamente, o Sindicato dos Maquinistas deseja ver satisfeitas diversas reivindicações no âmbito do ACT, melhoradas as condições de trabalho dos seus associados (alojamentos, aspectos regulamentares e técnicos da segurança e circulação de comboios), cumpridas as matérias acordadas em 1979, e negociado o regulamento de carreiras (promoções e reclassificações).

Embora se declare «aberto ao diálogo e à negociação com o conselho de gerência, como meio de ultrapassar o conflito laboral existente», aquela sindicato não deixa de se mostrar «disposto a agravar as formas de luta com o objectivo de conseguir um acordo exequível a curto prazo». Diz a sua direcção: «Os maquinistas não aceitam a demonstração de clara incapacidade de que o CG tem dado mostras para resolução e tratamento justo dos problemas que os afectam».

Segundo informação prestada ao nosso jornal por um dirigente sindical, os maquinistas admitem a possibilidade de desbloqueamento do conflito, desde que a iniciativa para uma reunião e a tentativa de aproximação quanto ao fundo do litígio sejam tomadas pelo conselho de gerência. O Sindicato responsabiliza este órgão pelo impasse criado.

Entretanto, continua marcada para quinta-feira uma greve de 24 horas, a nível nacional, no sector de fabricação, montagem, reparação e comércio automóvel.

A paralisação foi decretada na sequeância da ruptura das negociações directas, provocadas pelo patronato, que terá aproveitado favoravelmente a «táctica divisionista e Fetese e da Fesintes» no seio da comissão negociadora sindical do CCT do sector.

As organizações sindicais maioritárias exigem o retorno às negociações directas (o patronato pediu ao Ministério do Trabalho uma tentativa de conciliação), e o respeito pelos princípios acordados em protocolo.

Na Cintideal

Sem salários há 5 meses

Cerca de 170 operárias de uma fábrica de confecções de Castanheira do Ribatejo estão sem receber as remunerações correspondentes a cinco meses, devido à anómala gestão da empresa.

Trabalhando exclusivamente para exportação, a «Cintideal» tem vivido nos últimos anos à custa de injecções financeiras da banca, que, em grande parte, se destinam a pagar às trabalhadoras. Segundo nos foi por elas relatado, «a gente vive do dia-a-dia: quando há dinheiro, surge a matéria-prima, e a gente pode trabalhar».

Ainda recentemente, a empresa pediu à banca um empréstimo de dez mil contos, amortizável em três anos. Pergunta-se o pessoal para onde vai tanto dinheiro, pois a gerência continua por pagar as dívidas às trabalhadoras, e os investimentos na produção, se existem, são invisíveis...

Ainda segundo as trabalhadoras que tivemos oportunidade de contactar, a gerência não está a cumprir os compromissos assumidos em Setembro do ano passado, durante uma reunião efectuada perante elementos do Ministério do Trabalho. De facto, a entidade patronal não começou a regularizar os seus débitos para com o pessoal, na data fixada. Há salários, subsídios e retroactivos em dívida desde 1977, e os ordenados de Fevereiro não foram pagos.

Perante esta situação de insegurança que ameaça o seu futuro, o pessoal exige que a entidade patronal se defina e viabilize efectivamente a empresa. de modo a salvaguardar os postos de trabalho.

Escritórios

Uma só lista das tendências pró-"UGT"

Sindicalistas socialistas e sociais-democratas (de orientação favorável à UGT) concorrem numa lista conjunta às próximas eleições para os corpos gerentes e delegados ao Congresso do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório de Lisboa (Sitese), segundo apurou a ANOP.

A data das eleições será decidida na reunião do Conselho Permanente do Sitese marcada para sexta-feira, prevendo-se, porém, que se efectuem em Maio e o congresso em Junho.

Os actuais corpos gerentes do sindicato foram eleitos a partir de uma lista conjunta das tendências sindicais socialistas e social-democrata.

Ref.ª Com.

A PROBLEMÁTICA DA INTEGRAÇÃO DE PORTUGAL NA CEE

O Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa assume a obrigação de assegurar, aos seus Clientes, serviços cada vez mais eficientes e de melhor qualidade e impõe-se como componente dinâmica no processo de crescimento económico do País. Neste linha, o BESCL organizou duas palestras, destinadas a quadros directivos e técnicos do Banco, subordinadas aos temas «A CEE e a Integração de Portugal» e «Aspectos monetários-financeiros da CEE e a acessão de Portugal», que contou com a presença de mais de 60 participantes. Como orador — e moderador dos subsequentes debates — o BESCL contou com a preciosa colaboração do Dr. Ramos Pereira, técnico de reputada competência e Representante Permanente do Banco de Portugal junto da Comissão para a Integração Europeia.

Deste modo prosseguem as programadas e intensivas acções de formação e reciclagem a que o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa tem dispensado a melhor atenção no âmbito do correcto desempenho da missão económica e social que lhe incumbe.

Em Paris

Desempregados ocupam embaixada

Vinte e oito jovens operários galegos tentaram ocupar ontem a embaixada de Espanha em Paris, mas foram desalojados pela polícva francesa, a pedido do pessoal diplomático.

Os trabalhadores em questão foram lançados no desemprego, depois do encerramento da empresa «Censo», de Vigo, liquidada por uma outra sociedade espanhola (a «Duro Felgeuira»), que hoje fornece uma fábrica internacional de enriquecimento de urânios estabelecida em França.

Os jovens deslocaram-se a Paris para uma entrevista com o embaixador espanhol, que recebeu dois deles durante mais de uma hora.

Os trabalhadores pretendiam a sua mediação junto da empresa francesa. Findo o encontro, a maioria dos trabalhadores recusou-se a bandonar o local, manifestando a intenção de ocupar a embaixada, como forma de chamar a atenção para a sua sorte.

SINDICATO DOS TELEFONISTAS DE LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA
PARA APROVAÇÃO DO RELATÓRIO E CONTAS DE 1979 E PARECER DO CONSELHO FISCAL

CONVOCATÓRIA

Para cumprimento do Artigo 39.° e para os efeitos consignados do Artigo 38.°, alínea *c*), dos Estatutos do Sindicato, convocam-se todos os Associados para a Assembleia Geral Ordinária, a realizar na Voz do Operário, sita na Rua da Voz do Operário, 13, em Lisboa, no **dia 27 de Março de 1980,** pelas **19.30 horas** com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1) **APRECIAR E VOTAR O RELATÓRIO E CONTAS DA DIRECÇÃO E O PARECER DO CONSELHO FISCAL**

PELO REFORÇO DA UNIDADE E ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES

Lisboa, 10 de Março de 1980.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

a) *Manuel Ferreira Fernandes*

GREVE
UNICERVI — SETUBAL

A CENTRAL DE CERVEJAS informa o Comércio Retalhista do distrito de Setúbal de que — enquanto durar a greve UNICERVi — as cervejas SAGRES e CARLSBERG serão distribuídas através de meios da ex-Cergal Todos os nossos produtos poderão também ser adquiridos nas instalações sitas na Rua António Pedro, em Lisboa.

CENTRAL DE CERVEJAS

Vietname: "A situação no Kampuche

Fernando Cascais,

PHNOM PENH – Quando na capital cambojana ou entre os dirigentes vietnamitas se fala do Kampuchea, uma frase é certa: «A situação é irreversível».

Assim se quer dizer que o regresso do regime de Pol Pot, com ou sem ele à cabeça, é impossível. Para isso também contribuem os milhares de soldados vietnamitas estacionados no Kampuchea.

Nguyen Than Lê, destacado dirigente do Partido Comunista Vietnamita. reafirma em Hanói que as tropas vietnamitas retirarão «quando cessar a ameaça chinesa contra o Kampuchea».

Não há qualquer tentativa de encobrimento tanto em Phnom Penh como em Hanói: as tropas do Vietname, em número não oficialmente confirmado, encontram-se no Kampuchea porque «o Vietname foi obrigado a pegar em armas contra o regime de Pol Pot» e devido à «ameaça chinesa».

Os governos de Hanói e as actuais autoridades de Phnom Penh, ainda recentemente, em comunicado conjunto, reafirmavam que «a presença do exército popular vietnamita no Kampuchea está em conformidade com o pedido do Governo da República Popular do Kampuchea e com o tratado de paz, amizade e cooperação assinado entre os dois países».

Tal presença «está de acordo com os interesses dos dois povos e com os princípios do movimento dos países não-alinhados e da Carta das Nações Unidas, tratando-se de um assunto interno dos dois países».

Este comunicado conjunto, subscrito em meados do ano passado entre os dois governos, concretiza uma situação que, no futuro próximo, não deverá sofrer alteração. A «ameaça da China» e os focos ainda accionados pelo regime deposto de Pol Pot poderão arrastar-se.

Quando em 7 de Janeiro de 1979 a Frente Unida Nacional de Salvação do Kampuchea (FUNSK) entrou em Phnom Penh e declarou o país libertado do regime de Pol Pot, a surpresa foi a nota dominante a nível internacional. Talvez só o povo kampucheano, pelo que sofreu, e o Vietname, pelo que participou, tenham a «chave» para compreender o surpreendente volte-face na situação política global da região.

1 – Uma praça de Lang Son, cidade na fronteira vietnamita com a China: entre a destruição da invasão de Fevereiro/Março de 1979, buracos abertos no chão são refúgios individuais para novo ataque

Nguyen Lê explica em Hanói: «Se de facto quiséssemos ocupar o Kampuchea teríamos tido oportunidade para isso após o termo da colonização francesa e aquando da libertação do domínio americano, em 1975. Os povos kampucheano e vietnamita lutaram juntos contra tais dominações e de ambas as vezes as tropas vietnamitas retiraram do território do Kampuchea no termo da guerra».

Do ponto de vista do Vietname, a política seguida a partir de 1975 pelo regime de Pol Pot foi o de considerar Hanói como «inimigo número um» ou «inimigo tradicional».

Pressionado ao Norte pela China e a Sueste pelo Camboja, o Vietname «tinha que reagir».

Os choques de fronteira iniciaram-se logo em 1975, com as devastações que as estatísticas vietnamitas exibem. Mas a escalada dos confrontos registou-se em 1977. Em Abril desse ano, Pol Pot utilizou quatro divisões militares, penetrando profundamente em território vietnimeta.

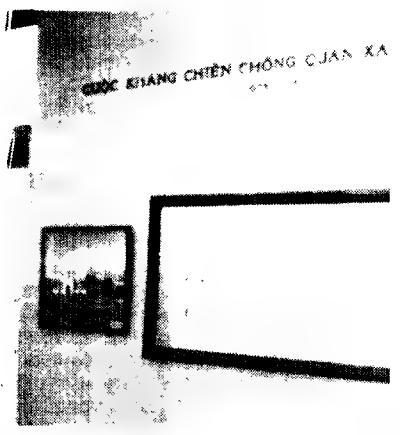
Segundo a documentação da altura, Pol Pot defendia a reconstituição do antigo e áureo domínio Khmer, que ia até Saigão.

Fortemente auxiliado pela China, o exército de Pol Pot cresceu. A «militarização» do regime, em números, foi a seguinte: em 17 de Abril de 1975, aquando da libertação do domínio norte-americano, o país tinha seis divisões, em Abril de 1977 havia 16 divisões, em Setembro de 1978, 22 divisões e, em Dezembro desse ano, 23 divisões.

Nguyen lê, explica: «Em 1978, face à escalada na fronteira, fomos obrigados a pegar em armas e anulámos 19 divisões só naquela região e depois mais duas divisões foram liquidadas. Portanto, das 23 divisões do exercício de Pol Pot restaram apenas duas».

Conclusão, segundo o dirigente vietnamita, quando as forças da FUNSK, auxiliadas pelas tropas vietnamitas, avançaram no princípio de Janeiro de 1979 para a capital, as duas divisões restantes debandaram.

A explicação da «surpresa» internacional face ao sucedido em Janeiro de 1979 é, para os diri-



Uma das várias paredes que no M exemplificam as sucessivas vitórias sor tradicional, so

Investi o estu

Pela primeira vez, o estuário do Tejo vai ser estudado com uma certa profundidade, de forma a obterem-se informações sobre as múltiplas utilizações da água, nomeadamente no que se refere às indústrias existentes e esgotos, e à protecção sanitária.

A Comissão Coordenadora dos Estudos Ambientais e Actividades Correlacionadas no Estuário do Tejo foi criada nos termos de um acordo assinado, em 1978, pelo Governo português, pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e

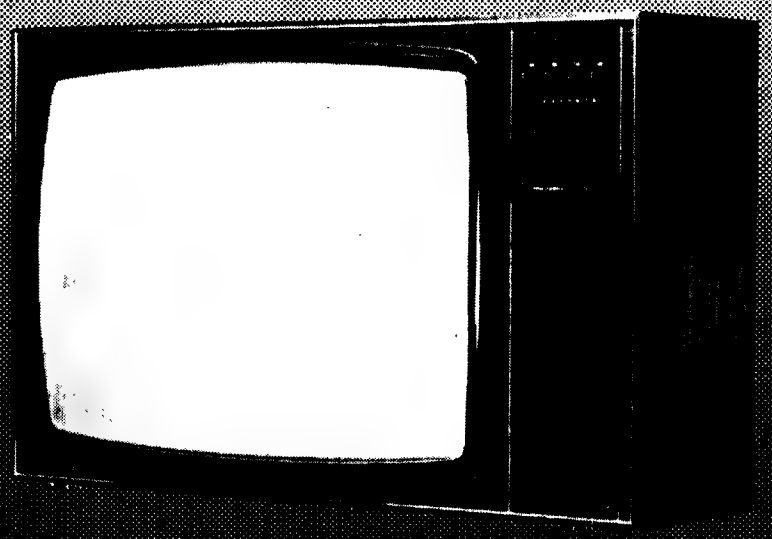
Lisboa: a 2.

É Lisboa a segunda capital mais barata do mundo, quanto a compras, segundo dados da União dos Bancos Suíços ontem divulgados em Genebra. Os dados baseiam-se numa análise comparativa dos poderes de compra em 45 das principais cidades dos cinco continentes. No grupo onde se encontra Lisboa, estão também Manila, Cidade do México, Istambul, e Bogotá.

Entre as cidades mais caras do mundo, estão as capitais dos países petrolíferos do Médio Oriente, nomeadamente Djedda, Abu-Dabi e Mamana (Barém).

Nova Iorque e a cidade mais cara dos Estados Unidos. mas

PAGUE EM 12 MESES
sem aumento de preço
SALORA
CINESCÓPIO de 56cm
a medida que os exigentes preferem
a cores



SALORA - CORES NATURAIS * MAIS NITIDEZ
MAIOR REALIDADE * MELHOR IMAGEM
M. L. FERREIRA
RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A
AV. DA REPÚBLICA, 54 - B
1000 LISBOA

FABRICANTES ARMAZENISTAS IMPORTADORES EXPORTADORES
FEIRAS INTERNACIONAIS
Março 1980

DIAS 2 a 6 SALÃO INTERNACIONAL de AGRICULTURA e MÁQ. AGRÍCOLAS PARIS
5 a 9 FEIRA DO CALÇADO · BOLONHA
8 a 12 IGEDO - salão internacional de Prêt-a-Porter feminino DUSSELDORF
9 a 12 FEIRA INTERNACIONAL de LEIPZIG
9 a 13 SALÃO INTERNACIONAL de ALIMENTAÇÃO BARCELONA
9 a 13 SIFE-CIAT decoração de mesas, porcelanas, cerâmicas, vidro PARIS
15 a 19 MODIT moda Pronto-a-vestir, senhora MILÃO
19 a 23 IPACK - IMA exposição internacional de embalagens, transportes industriais, máquinas para industrias alimentares MILÃO
21 a 24 GDS exposição internacional de calçado DUSSELDORF
21 a 25 INTERSUC confeitaria, chocolates e biscoitos PARIS
28 a 1 abr. PRÊT-A-PORTER feminino PARIS

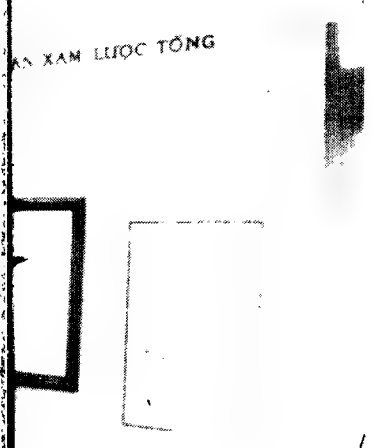
LUGARES LIMITADOS
partidas de LISBOA E PORTO
FAÇA A SUA INSCRIÇÃO HOJE MESMO

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Av. Sidónio Pais 4A - Telf. 539841/71
Pç. Restauradores 14 - Telf. 362501
LISBOA
R. Conselheiro Bivar 36 - telf. 25125-26224
8000 FARO
Av. Arriaga 23 - telf. 32001 - 9000 FUNCHAL
Av. dos Aliados 202 - telf. 23637-36397
4000 PORTO
Av. de Nice 4 - telf. 2680839-2682906
2765 ESTORIL
Av. D. Afonso Henriques 638 - telf. 40750/6
4800 GUIMARÃES 43019-41873

Na NAZARE o Diário de Lisboa
vende-se na TABACARIA BATISTA

...ea é irreversível"

...ais, ANOP/DL



...no Museu de História de Hanói ...órias vietnamitas contra o inva... ...l, so chineses

gentes de Hanói, bastante simples e deriva de conflitos anteriores cujas notícias o mundo recebia displicentemente.

O «pegar em armas» vietnamita seguiu-se ao fracasso de conversações entre os dois governos, desde 1975, quando Hanói sugeriu controlo internacional da paz na zona fronteiriça, proposta rejeitada pelo governo de Phnom Pehn.

Em 7 Janeiro do ano passado, a FUNSK conquistou a capital do país e Pol Pot fugiu para Pequim. No dia seguinte, foi criado o Conselho Popular Revolucionário, com Heng Samrin como presidente.

Ainda em 8 de Janeiro, Samrim enviava a Kurt Waldheim uma mensagem declarando que o regime de Pol Pot deixara de existir desde as 12 horas e 30 minutos do dia anterior.

A 10 de Janeiro, o Conselho Revolucionário anunciava a fundação da República Popular do Kampuchea.

A intervenção directa do Vietname no Kampuchea originou um dos presentes focos da tensão internacional. Acantonado em regiões bem delimitadas junto à fronteira com a Tailândia, o remanescente das tropas leais a Pol Pot foi «elevada» à condição de «resistente» por alguns círculos internacionais. O grosso das tropas vietnamitas é nessa região que se encontra, de tal modo seguras da neutralização dos movimentos rebeldes que a frase «a situação é irreversível» é sempre proferida com sorriso confiante nos lábios.

Mais de 30 países já reconheceram o actual governo de Phnom Penh. Mas as disputas sobre a legitimidade do regime, face ao de Pol Pot, continuam a criar aparentes divisões, designadamente no seio dos países não-alinhados, como foi evidenciado na decisão de Novembro das Nações Unidas, quando uma maioria destes países acompanharam a política ocidental de exigência da retirada de tropas estrangeiras do Kampuchea, numa clara alusão às forças vietnamitas.

As autoridades de Hanói, perante estas decisões internacionais, parecem reagir com a tradicional «paciência» dos povos da região. Para o próprio Phan Van Dong, primeiro-ministro vietnamita, haverá que aguardar que, gradualemnte, os governos hostis «vão compreendendo a realidade e a irreversibilidade» da situação, ao mesmo tempo que «ganham consciência» do que foi o regime de Pol Pot e do que é a política chinesa.

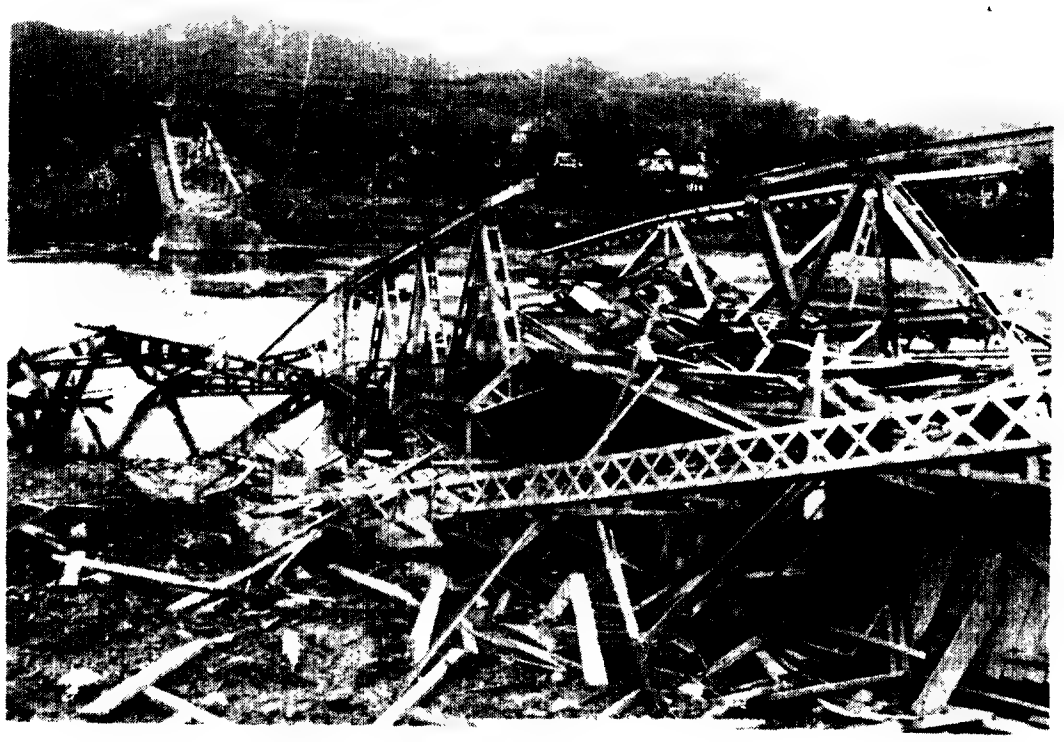
Pequenas alterações na posição dos próprios países da ASEAN (Singapura, Indonésia, Tailândia, Malásia e Filipinas), no sentido do abandono do regime de Pol Pot, são particularmente seguidas em Hanói e em Phonm Penh.

«É um insulto à consciência humana – dizem em Hanói – admitir a presença de representantes do regime de Pol Pot seja em que orgão ou reunião internacional for. Como é possível imaginar que o povo kampucheano possa ser representado pelos seus próprios executores?»

Nas ruas da semidestruída Phnom Penh não se vêem soldados vietnamitas. Aí a presença de Hanói circunscreve-se a técnicos ao serviço da reconstrução do país. Mas nas regiões vizinhas da fronteira com a Tailândia, ou no Sul do país, considerado estrategicamente vulnerável a um ataque chinês, milhares de soldados vietnamitas não desarmam.

Seja quais forem as resoluções desfavoráveis de «foruns» internacionais, a situação parece inamovível. As tropas vietnamitas não abandonam o país até ao fim da «ameaça da China» e, como não se vislumbra alteração da política externa de Pequim, também não se antevê que Hanói e Phnom Penh considerem extinta a ameaça.

O poderoso Exército vietnamita, presente no Kampuchea e no Laos, dispõ-se à «paciência» militar correspondente à «paciência» política dos dirigentes de Hanói: A situação internacional e regional terá de se alterar, mas não será a posição vietnamita que se modificará.



Uma da várias pontes destruídas pelas forças invasoras nas seis pronvíncias vietnamitas invadidas pelo Exército chinês

Ecologia

...tigadores analisam ...uário do rio Tejo

pela UNESCO. A parte parte portuguesa conta com a participação de 14 organismos.

Além da Direcção-Geral de Saúde, que tratará dos aspectos sanitários, a Direcção-Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos apresentará um plano sobre a regularização do estuário do Tejo enquanto o Serviço Nacional de Parques e Património Paisagístico também apresenta um documento sobre as suas actividades no estuário.

Além dos organismos internacionais já citados participam ainda na reunião a Organização Mundial de Saúde, o Programa das Nações Unidas para o Ambiente, tendo sido ainda convidados a Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial e o Banco Mundial.

Espera-se que não só os diversos problemas mencionados, sejam objecto de estudos pois outro problema acresce: a questão dos resíduos das centrais nucleares espanholas situadas nas margens do rio.

...a capital mais "barata"

no confronto com as demais, fica em 16.º lugar.

As cidades onde os habitantes têm maior poder de compra são suíças e norte-americanas, num grande número de profissões.

O poder de compra atinge valores mais altos em Chicago, S. Francisco, Los Angeles, Nova Iorque, Montreal, Toronto, Sidney, Luxemburgo, Copenhaga, e Genebra.

Na parte inferior da escala do poder de compra encontram-se Banguecoque, Manila e Jacarta.

As estatísticas referentes a Lisboa são bastante incompletas, e referem-se apenas aos preços em relação a Zurique, considerada como base 100.

Os preços de Lisboa são 47 por cento dos de Zurique. Por produtos, verifica-se que o tabaco custa 46 por cento, o vestuário para a senhora 59, para homem 51, habitação, em geral 48, e um grupo de electrodomésticos essenciais custa em Lisboa 55 por cento do preço de Zurique.

Serviços como correios, telefones, lavandaria, barbeiro e cinema custam 48 por cento dos preços praticados em Zurique.

Os preços dos restaurantes e hotéis são em Lisboa 32 e 37 por cento dos de Zurique. Entre as cidades estudadas, Lisboa é a mais barata nestas rubricas.

Aceitamos o desafio dos anos 80

Os anos 80 anunciam-se como anos de crise.
Os anos 80 exigem imaginação e eficácia.
Nos anos 80 vamos viver com a inflacção.
As vozes mais autorizadas do mundo confirmam essa dura realidade.
Em todo o mundo?
Não!
Os proprietários dos **Apartamentos Turísticos Espaço T** por serem proprietários desses apartamentos, defenderam a tempo o seu dinheiro dos efeitos corrosivos da inflação.
Se ainda não defendeu o seu dinheiro da inflação adquirindo os **Apartamentos Turísticos Espaço T** não perca oportunidades.
Contacte hoje mesmo ESPAÇO T e enfrente com confiança os anos 80.

ESPAÇO T é um departamento Torralta.

Os senhores accionistas e investidores da Torralta beneficiam de condições especiais.

DL

CORTE E ENVIE HOJE MESMO A **ESPAÇO T.**

Departamento ESPAÇO T
Torralta - Club Internacional de Férias, SARL
Av. Duque de Loule, 24 1098 LISBOA CODEX
Telefones 55 44 79 - 55 56 81 55 60 31 Telex 16465

Estou interessado em defender o meu dinheiro da inflação.
Sem compromisso, quero receber informações, sobre os **Apartamentos de Férias ESPAÇO T.**

NOME
MORADA
LOCALIDADE PAIS
TELEFONE

ESPAÇO T

PUBLITOTAL

Referendo sobre a energia nuclear na Suécia

Uma consulta que pode não servir para nada

O acidente da central nuclear de Three Mile Island teve talvez maiores consequências na Suécia do que nos Estados Unidos, visto que precipitou a realização do referendo sobre o futuro da utilização da energia nuclear.

O referendo foi marcado para 23 de Março.

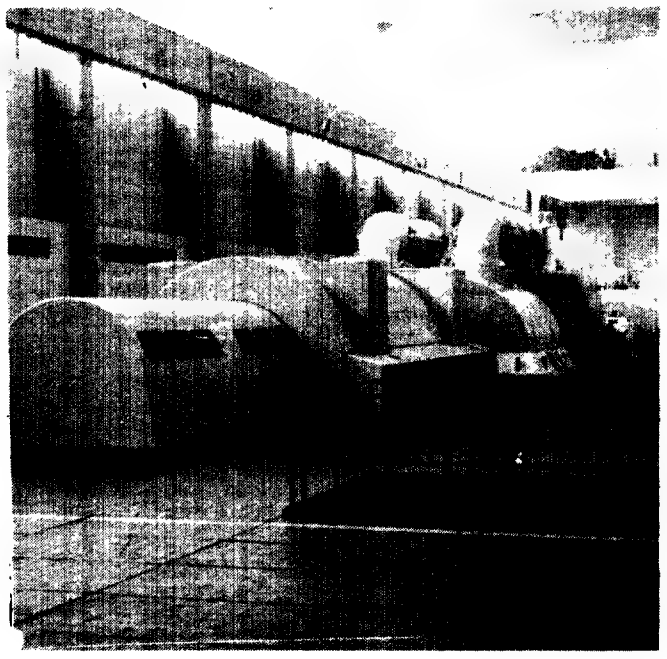
A ideia deste referendo não nasceu no dia seguinte ao caso de Three Mile Island: o partido centrista que, apoiado por numerosos movimentos ecologistas, fez da oposição ao nuclear o seu credo, reclamava há muito tempo que esta questão fosse submetida ao escrutínio popular. Mas foi o volte-face dos sociais democratas, até então partidários do nuclear, logo após a catástrofe da central americana, que tornou possível uma tal consulta.

Os equívocos que presidiram ao lancamento da ideia do referendo, continuaram a marcar as diferentes etapas preparatórias e culminarão muito provavelmente no momento da proclamação dos resultados que terão apenas valor consultivo. Estes últimos, com efeito, arriscam-se, devido a problemas ligadas à formulação da pergunta, a ser de difícil interpretação. A alternativa habitual («Por» ou «contra») foi substituído por quatro alternativas diferentes. As duas primeiras propõem em substância um «sim mas», a terceira é como quem diz «não, obrigado ao nuclear» e a quarta agrupa os que querem encobrir-se atrás do voto em branco.

No actual estado de coisas, nenhuma disposição legislativa estipula se será possível ou não contar em conjuntos os partidários das duas primeiras alternativas.

Este escolho não é o único porque as diferentes formações políticas suecas apresentam-se a este escrutínio em ordem dispersa. Cada um dos três partidos da actual coligação governamental «burguesa» (centristas, liberais e conservadores) defende com efeito uma linha diferente e acontece o mesmo na oposição onde os sociais-democratas e os comunistas têm pontos de vista antagónicos. O menor conflito entre os três partidos da maioria, na véspera do referendo, poderia ter consequências graves para um governo que dispõe no parlamento apenas de um lugar de maioria.

A «linha de fractura nuclear»



põe à prova igualmente a coesão dos próprios partidos. Em cada formação um número apreciável de eleitores votarão contra a linha do partido, do mesmo modo que figuras de proa já o anunciaram com grande ênfase.

É verdade que neste referendo em que os partidários do nuclear prometem que irão fechar as centrais dentro de 20 ou 25 anos e em que os seus adversários já se dão por satisfeitos em que se mantenham só por 10 anos, as escolhas carecem de clareza.

Não tendo os partidários no nuclear conseguido concordar numa posição comum, o eleitor fará a escolha entre dois «sim».

A «linha 1» avançada pelos conservadores apoiados pela grande indústria e pelos meios de que ela dispõe, propõe juntar seis centrais às seis já ligadas à rede. Eles afirmam que a experiência nuclear sueca que começou em 1972 terminará daqui a 20 ou 30 anos.

A «linha 2», apresentada pelos liberais e socialistas, apoiados pelos fundos de poderosos sindicatos, não difere da primeira, senão pela exigência da nacionalização dos meios de produção de energia que o Estado controla já em quatro quintos para o nuclear. Ela reflecte essencialmente a recusa dos socialistas de serem identificados com os conservadores.

Quanto à «linha 3», ela agrupa os adversários do nuclear, centrista do primeiro-ministro Thorbjoern Faelldiwn e comunistas, partidários do desmantelamento num prazo de dez anos das seis centrais existentes, se for impossível fazê-lo imediatamente.

As três «linhas» dispõem de 36 milhões de coroas suecas (98 mil contos) de apoio do Estado para realizar a sua campanha, sem contar com as contribuições anexas. Os aderentes da «quarta linha», a do voto em branco, acabam de pedir ao Estado um apoio de um milhão de coroas para fazer valer o seu ponto de vista.

País de Gales

Autonomistas atacam residências de verão de ingleses

Este Inverno já houve um total de 24 atentados à bomba contra residências de férias de ingleses no País de Gales.

Quinze dos atentados destruíram completamente as casas e todos eles foram cometidos por nacionalistas radicais galeses.

A campanha teve um substancial efeito. Os agentes imobiliários indicam que são cada vez menos os ingleses que se interessam pela compra de um lote de terreno em Gales,

Nos ondulados vales e aprazíveis aldeias do País de Gales, há agora umas vinte mil quintas utlizadas como casas de férias, enquanto jovens galeses esperam anos para conseguir alugar uma casa para viverem.

Só numa zona de Gales, em Gwyneed, há 8500 casas de férias e 4000 galeses na lista de espera de uma primeira casa. Esta situação é invocada pelos nacionalistas radicais galeses como motivo da sua campanha para expulsar os ingleses das «casas galesas».

A temperatura política no País de Gales subiu recentemente devido à Bristish Steel Corporation (BSC), a gigantesca empresa siderúrgica estatal, projectar numerosos despedimentos das suas fábricas na região. Em alguns locais admite-se mesmo como possível o encerramento das fábricas.

Os trabalhadores siderúrgicos empregados na BSC e em empresas privadas estão na décima semana da sua greve por aumentos salariais que acompanhem a inflação, que atinge os 17 por cento.

Os nacionalistas que cometem atentados contra residências de férias dos ingleses crêem que a ocupação inglesa dos seus recursos de habitação esá a lançar os jovens galeses para fora de Gales, para procurar trabalho nos centros industriais da Inglaterra central e Londres. Consideram também que a cultura galesa está a morrer com a saída dos jovens e a semiocupação das suas comunidades pelos ingleses.

Gwynfor Evans, o presidente do partido nacionalista Plaid Cymru, disse, a propósito dos últimos rebentamentos de bombas incendiárias: «Condeno esta destruição de casas mas o nosso povo está com as costas contra a parede».

Crê-se que os nacionalistas radicais, descritos pela Imprensa como «extremistas lunáticos», têm afinidades com o «Movimento Galês de Defesa», organização que bombardeou as condutas de àgua de Gales para Inglaterra e edifícios públicos, nos anos sessenta.

Detectives de todo o País de Gales redobraram os seus esforços para descobrirem os autores destes atentados e estabeleceram um quartel-general de operações em Caernarvon, historicamente sede do domínio real inglês sobre Gales.

Depois dos últimos atentados, a BBC recebeu uma carta de um grupo galês que diz ter vínculos com o Exército Republicano Irlandês (IRA) e com o Exército de Libertação Basco (ELB).

PAT MURRAY (I.P.S.)

PUB.

OS TRABALHADORES DA COMUNICAÇÃO SOCIAL ESTÃO EM LUTA

A Direcção do Sindicato dos Transportes Rodoviários do D. Lisboa convida todos os associados a participarem na

CONCENTRAÇÃO — MANIFESTAÇÃO

Secretaria de Estado da Comunicação Social
Palácio Foz – Restauradores

DIA 13 MARÇO/ÀS 19.30 HORAS

CONTRA O CONTROLO PARTIDÁRIO DA INFORMAÇÃO E A DECLARAÇÃO DA RDP E EPNC EM SITUAÇÃO ECONÓMICA DIFÍCIL

CURSOS

PERFURAÇÃO/VEIFICAÇÃO
GRAVAÇÃO DISKETTES
Sistema IBM e UNIVAC
Recolha de dados p./computador
INÍCIO: 21-3-80
DACTILOGRAFIA
Início: todos os dias
INSCRIÇÕES LIMITADAS
EXTERNATO CONTINENTAL
Telf. 32 56 52
— Rua do Arsenal, 100-1.º
1100 — LISBOA

RADIOAMADORES

PREPARAÇÃO PARA EXAME DE RADIOAMADODES
LEGISLAÇÃO TÉCNICA E MORSE
INSCRIÇÕES LIMITADAS
De segunda a Sexta-Feira das 9 às 20 H.

CENTRO DE ESTUDOS TÉCNICO-INTERNACIONAIS SCARL
CETI
Av. Duque de Loulé 71 2 1000 Lisboa
Telefone 40345

PARA A SEMANA SANTA (VOCÊ FALARÁ INGLÊS)

O IDIOMA UNIVERSAL DOS NEGÓCIOS!

Se Você é um profissional com aspirações, tem uma razão poderosa para desejar falar inglês rapidamente.

Berlitz tem cursos especiais para pessoas que, como Você, dispoêm de pouco tempo. Cursos de comprovada eficácia em milhares de casos como o seu.

Berlitz baseia o seu êxito na utilização de métodos exclusivos.
Telefone ou venha à Berlitz hoje mesmo.

BERLITZ®

Escadinhas da Barroca, 2 (ao Rossio) Telef. 87 46 56 1100 LISBOA
Serviço de Tradutores e Intérpretes

NOTARIADO PORTUGUÊS

DÉCIMO OITAVO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA DA GLÓRIA SAMPAIO FILIPE DE SOUSA

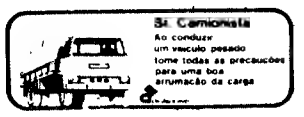
Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de vinte e cinco de Fevereiro de mil novecentos e oitenta, lavrada de folhas vinte e nove, a folhas trinta, do livro número Cento e Dezasseis-A, para escrituras diversas, deste cartório, ADELINO DE MAGALHÃES, e, MARIA INÊS BAPTISTA COSTA DE MAGALHÃES, como únicos sócios que são da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, AUTO-TÁXIS JOSÉ ANTÓNIO CRISTIANO, LIMITADA, com sede em Lisboa, substituíram o artigo terceiro do pacto social da dita sociedade, pelo seguinte:

TERCEIRO: O capital social é de cinquenta mil escudos, encontra-se inteiramente realizado e representado por todos os bens e valores do activo social, sujeito ao respectivo passivo, conforme escrituração e corresponde à soma de duas quotas de vinte e cinco mil escudos, cada, pertencentes, uma a cada um dos sócios.

É certidão de teor parcial, que fiz extrair, a qual vai conforme o original.

Lisboa, sete de Março de mil novecentos e oitenta.

O Ajudante do 18.º Cart.º Not. de Lx,



COOPACIL — Cooperativa de Serviços Técnicos e Administrativas para a Construção Civil, S.C.R.L.

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do Art.º 22.º dos Estatutos, convoco para o dia 27 de Março de 1980, às 18 horas, a Assembleia Geral Ordinária, desta Sociedade, na sua Sede Social, Av. João Crisóstomo n.º 66 - 4.º Dt.º em Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1.º — Discutir, apreciar, aprovar ou modificar o Relatório e Contas da Direcção e o parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício de 1979.

2.º — Análise das actividades em curso e perspectivas futuras.

Lisboa, 10 de Março de 1980

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

MANUEL JOAQUIM SIMÃO

ÁSIA

Comissão da ONU sai do Irão sem ter visto os reféns

A Comissão Internacional de Inquérito no Irão deixou Teerão hoje às 5.00 tmG, ao fim de uma missão de investigação de dezassete dias que não pôde levar a bom termo.

Chegados em 23 de Fevereiro a Teerão, os seus cinco membros, mandatados pela ONU, não puderam com efeito contactar os 50 reféns americanos detidos há quatro meses pelos «estudantes» islâmicos na Embaixada dos Estados Unidos.

À sua partida, declararam à Imprensa que não estavam em condições de preparar o seu relatório, considerando «imperativo», «à luz dos últimos acontecimentos», voltar a Nova Iorque para conferenciar com o secretário-geral da ONU.

Indicaram, todavia, que tinham começado a sua tarefa «no que respeita ao exame de todas as queixas do Irão», e declararam-se «prontos a receber a documentação adicional que as autoridades lhes enviassem».

No aeroporto, três representantes dos «estudantes» da Embaixada americana entregaram-lhes documentos provenientes da missão diplomática.

Em Nova Iorque, o secretário-géal da ONU, Kurt Waldheim, anunciou que a Comissão tinha simplesmente «suspendido» os seus trabalhos e poderia regressar a Teerão após tê-lo consultado em Nova Iorque.

Waldheim lembrou igualmente que a missão da Comissão era «indivisível» e consistia simultaneamente em «tomar conhecimento dos motivos de queixa do Irão (contra o regime do ex-xá) e facilitar uma solução rápida da crise entre Teerão e Washington».

Isto reafirma que a Comissão tinha mandato em Teerão para interceder em favor de todos os reféns americanos. Segunda-feira, o «Ayatollah» Khomeiny propôs um encontro apenas com os reféns implicados «nos crimes do xá e dos Estados Unidos no Irão», ao que os membros da Comissão se recusaram.

Anunciando segunda-feira a sua partida, o chefe da diplomacia iraniana, Sadegh Ghotbzadegh, que não dissimulava a sua decepção, emitiu o voto de que voltassem rapidamente ao seu país. «Ela fez até agora um excelente trabalho, mas não o terminou», declarou.

Um alto responsável da Casa Branca sublinhou que seria «muito grave» que a Comissão falhasse nos seus esforços por causa de o governo iraniano não ser «capaz de cumprir os seus compromissos».

A EXTRADIÇÃO DO EX-XÁ

O ex-xá Mohamed Reza Pahlevi, actualmente refugiado no Panamá, não poderá contestar as provas que o Governo iraniano está a preparar contra ele, e terá de ser, inevitavelmente, extraditado, assim afirmou o advogado Juan Materno Vasquez, representante dos interesses do Irão.

Materno Vasquez, que acaba de regressar de uma viagem ao Irão, disse à EFE que possui «provas contundentes» que demonstram que o ex-xá cometeu cinco delitos graves: malversação de fundos públicos, peculato, concussão, tortura e genocídio.

Uma das provas em poder do advogado é um amplo documento firmado pelo próprio ex-imperador iraniano, no qual este dá instruções sobre como devem os corpos de segurança tratar a subversão em geral e a estudantil, em particular.

Outra das provas é a declaração autenticada do general Housang Hatar, substituto, durante algum tempo, da Administração principal da Segurança Nacional, afirmando que o ex-xá dava instruções concretas e pessoalmente aos chefes da 'SAVAK' (polícia política).

Juristas europeus em missão em Cabul

As autoridades afegãs afirmaram a uma delegação de advogados estrangeiros que os direitos legais dos opositores políticos presos seriam integralmente respeitados.

Os oito membros da delegação da Associação Internacional dos Juristas Democráticos, com sede em Bruxelas, encontram-se numa visita de inquérito de uma semana a Cabul.

Declararam que o ministro da Justiça afegão, Abdurrachid Aryan, disse à delegação, chefiada pelo finlandês Helge Rontou, que se encontravam detidos 42 antigos colaboradores do presidente derrubado Hafizulah Amin, que foi morto no golpe.

O novo governo acusou Amin e o seu bando de criminosos de ter prendido ilegalmente milhares de pessoas, torturado a sua maior parte e assassinado muitas.

Também aguarda julgamento em número desconhecido de d tidos depois das manifestaçõ e motins registados em Cabul r mês passado.

Aryan disse aos advogado no sábado, que a Amnistia Inte nacional, organização de Dire tos Humanos com sede e Londres, seria autorizada a e viar observadores aos julgame tos. Os acusados – acrescent – terão advogados de defesa.

Entretanto, a rádio de Cab anunciou que civis afegãos sim patizantes do Governo estão formar grupos armados de d fesa.

Numa emissão captada e Rawalpindi, a rádio declarou qu grande número de voluntári recebeu uniformes da Polícia armas numa reunião em Cabu

Os voluntários incluem opera rios, camponeses, funcionário estudantes e intelectuais, se gundo a rádio Cabul.

Atentados nas Filipinas — 30 mortos

O balanço das vítimas dos ataques à granada ocorridos no Sul das Filipinas foi de 30 mortos e de 257 feridos, segundo afirma hoje a agência oficial de informações PNA.

Foram lançadas granadas das varandas de dois cinemas da cidade de Ozamis, a cerca de 780 quilómetros a sul de Manila.

Mais tarde outras granadas defensivas foram lançada sobre a multidão que assistia um concerto na cidade de Iligar a cerca de 800 quilómetros a su de Manila.

O presidente Ferdinand Mar cos ordenou que a Polícia des cobrisse os culpados. Há ur mês atentados semelhante causaram sete mortos e 150 fe ridos.

Cardeal Koenig em visita oficial a Pequim

O cardeal-arcebispo de Viena, Franz Koenig, chegou à China para uma visita de duas semanas.

Ao ser interrogado por jornalistas em Pequim sobre o motivo da viagem, o cardeal Koenig limitou-se a declarar que se trata de uma visita particular.

O cardeal de Viena viaja a convite da Associação de Amigos da China, entidade estatal da República Popular da China.

Durante a sua estada em Pequim, Koenig será certamente recebido por altos funcionários e representantes da Igreja Católica na China.

Observadores políticos consideram de grande importância esta visita, pois o cardeal Koenig é presidente do Secretariado Papal para os Não-Crentes e desde há anos uma das figuras com maior prestígio entre os membros do Colégio Cardinalício.

Na sua qualidade de representante da Santa Sé, Koenig deslocou-se em diversas ocasiões à Europa Oriental, onde iniciou contactos com Governos do Leste europeu.

Ignora-se se nesta ocasião viaja com missão semelhante.

Convidado pela mesma associação, o cardeal Roger Etchegaray, arcebispo de Marselha (França), visitou a China em finais de Fevereiro, tendo conferenciado em Pequim com altos dirigentes chineses.

HUANG HUA EM DIGRESSÃO

O ministro chinês dos Estrangeiros, Huang Hua, deixou Pequim para uma digressão por três Estados do Sueste Asiático, Filipinas, Malásia e Singapura, a fim de convencer estes países a apoiar a posição chinesa sobre o Kampuchea e o Afeganistão.

A China considera que o objectivo último de Moscovo na sua «escalada» para o Sul, que se traduziu pela «invasão» do Afeganistão após a do Kampuchea pelo Vietname, é de controlar o Estreito de Malaca.

Após uma visita de quatro dias a Manila, onde se encontrará com o presidente filipino Ferdinando Marcos, o ministro Huang Hua irá à Malásia de 14 a 17 de Março e depois a Singapura de 17 a 19 de Março.

Enquanto isto, o Vietname criticou o acordo assinado a semana passada entre a Associação dos Países do Sueste Asiático (ASEAN) e a Comunidade Económica Europeia (CEE), afirmando que ele «punha em perigo a paz e a estabilidade do Sueste da Ásia».

O diário oficial do Partido Comunista do Vietname, «Nham Dan», referiu que o comunicado emitido em Kuala Lampur, «é quase uma repetição verbal das posições norte-americana e chinesa sobre o Afeganistão e o Kampuchea, que pretendem destruir a paz e a estabilidade da região».

PROTESTO

Cerca de quinhentos refugiados tibetanos queimaram uma bandeira chinesa frente à Embaixada desse país em Nova Deli, assinalando o aniversário da malograda rebelião de Lhasa, em 1959, que forçou o Dalai Lama a fugir para a Índia.

Numa declaração divulgada no aniversário da sua partida para o exílio, o Dalai Lama confirmou ter enviado uma delegação de cinco membros ao Tibete a convite dos dirigentes chineses.

SUCESSÃO

O Partido Comunista Chinês sublinhou, «a importância e a urgência» de organizar a sucessão da sua actual direcção, cujo comando é actualmente detido pelo vice-primeiro-ministro Deng Xiaoping.

Sem citar o nome do homem forte do regime, um editorial de primeira página do «Diário do Povo» insiste sobre a necessidade urgente de adoptar «um processo são e regular que dê lugar a uma transição natural durante a qual um novo grupo dirigente, uma formação colectiva que se vá formando progressivamente, substituirá gradualmente a antiga direcção».

O processo assim definido, notam os observadores, foi accionado por Deng Xiaoping, de 76 anos, quando da recente reunião plenária do Comité Central.

Esta reunião terminou pela eliminação do Secretariado Políticos dos adversários da linha política pragmática do vice-primeiro-ministro e pela promoção de dois dos seus homens de confiança.

Reforço militar dos EUA na zona do Golfo

Os Estados Unidos estão a reforçar cada vez mais o seu dispositivo de vigilância do Golfo Pérsico para protegerem as rotas do petróleo no caso de um eventual ataque soviético.

Pela quarta vez depois do começo do ano bombardeiros «B-52» sobrevoaram nestes últimos dias as águas estratégicas do mar Oman patrulhadas por 32 navios da Marinha soviética.

Segundo o Pentágono, estas fortalezas voadoras idas da base americana de Guam, no Pacífico, foram por várias vezes abastecidas em pleno voo. A sua missão de reconhecimento destina-se, antes de mais, a demonstrar ao Kremlin que Washington está a levar a sério a ameaça constituída pela presença de mais de 80 000 soldados soviéticos no Afeganistão, a cerca de algumas centenas de quilómetros do estreito de Ormuz.

A força americana retomou discretamente os seus voos de vigilância efectuados na região do Golfo por dois radares voadores «AWACS», segundo confirmou ontem o Pentágono. Estes «AWACS» efectuaram a terceira missão deste genero desde Janeiro.

Conferência da FAO

Indira apela para iniciativas que ponham termo à fome no mundo

A primeiro-ministro da Índia, senhora Indira Gandhi, apelou a novas iniciativas internacionais para eliminar a fome no Mundo.

Discursando na sessão inaugural da Conferência Ministerial Regional da Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO), que principiou en Nova Deli, a senhora Gandhi salientou que os governos deveriam ser incitados a agir pelo conhecimento de que oito milhões de pessoas no globo vão para a cama com fome, todos os dias, embora a ciência ofereça os meios para alimentar a humanidade inteira.

É lamentável que as recomendações feitas pela Conferência Mundial de Alimentação de 1974, em Roma, pouco tenham vingado – declarou.

A primeiro-ministro considerou que os países asiáticos, em particular, deviam conjugar os seus recursos para fazerem retroceder a maré da fome e da subnutrição. Como consegui-lo deveria ser a preocupação dos participantes da conferência da FAO.

O director-geral da FAO, Edouard Saouma, advertiu que terá de haver um substancial aumento na produção alimentar nos anos 80 para que as necessidades humanas básicas possam ser satisfeitas.

A luta contra a pobreza, a fome e a subnutrição não pode ser ganha a menos que se conceda maior auxílio «aos mais deserdados, aos mais pobres e aos menos favorecidos» – sublinhou Saouma.

A conferência está a discutir métodos, para a produção de mais alimentos e para se fazer face às catástrofes naturais na região Ásia-Pacífico.

MÉDIO ORIENTE

A viagem de Giscard

França demarca-se da política de Washington

O presidente Valery Giscard D'Estaing regressou ontem à noite a Paris, após uma viagem de dez dias pelo Médio Oriente, que foi a mais longa até agora efectuada pelo Chefe de Estado francês. Giscard D'Estaing visitou quatro emirados do Golfo Pérsico, a Jordânia e a Arábia Saudita.

No plano político, a viagem foi marcada pelo reconhecimento solene pela França do direito do povo palestiniano à autodeterminação e da Organização de Libertação da Palestina (OLP) como «interlocutor qualificado» para fazer voltar a paz ao Médio Oriente.

Pela mesma ocasião, o Chefe de Estado francês reafirmou «o direito à segurança de cada Estado da região» e reconheceu «as preocupações legítimas do Estado de Israel».

No plano económico, a viagem é interpretada como um avanço acentuado da França em direcção aos países produtores de petróleo e na obtenção de garantias de reabastecimento.

COMENTÁRIOS DE ARAFAT

O dirigente da Organização de Libertação da Palestina, Yasser Arafat, louvou o presidente Giscard D'Estaing pela «coragem» que demonstrou ao apoiar o direito do povo palestiniano à autodeterminação.

Na entrevista gravada em Beirute e transmitida pela televisão em França, o presidente da OLP atacou, porém, o presidente Carter, por prejudicar a credibilidade dos Estados Unidos e das Nações Unidas, pela forma como agiu relativamente ao recente voto do Conselho de Segurança sobre o Médio Oriente.

RECORDA-SE...

Recorda-se que a resolução votada pelos EUA no Conselho condena, não somente a política de implantação judaica nos territórios árabes ocupados, como inclui, no âmbito destes, a cidade de Jerusalém.

Dois dias após a votação, a Casa Branca alegou um «erro de voto» do representante dos EUA. Teria havido, segundo responsáveis pelo Governo dos EUA objecções do Presidente Carter a qualquer alusão a Jerusalém e, depois, deficiências na comunicação entre a Presidencia e o Departamento de Estado, no respeitante ao comportamento que deveria ter sido observado por Donald McHenry, o delegado norte-americano no Conselho de Segurança, que aparece agora como «bode expiatório».

NOVO MNE ISRAELITA CAUSA APREENSÃO

O Departamento de Estado recusou-se ontem a comentar a nomeação de Ytzak Shamir, como ministro israelita dos Negócios Estrangeiros enquanto que a agência TASS se referiu ao novo ministro como um «bandido» e um «terrorista».

O porta-voz do departamento de Estado, Hodding Carter limitou-se a declarar que a nomeação de Shamir é «um assunto interno» de Israel e que por isso, não convinha comentá-la.

Contudo, nos meios diplomáticos de Washington, teme-se que a nomeação de Shamir venha a dificultar a aplicação dos acordos de Camp David. O novo ministro – afirma-se nesses meios – é a favor de uma linha particularmente dura nas negociações israelo-egípcias acerca da autonomia palestina. Por outro lado recorda-se que o novo MNE israelita foi um dos poucos deputados israelitas que se abstiveram quando o Parlamento votou os acordos de Camp David e, posteriormente, o acordo de paz com o Egipto.

A nomeação deste veterano sionista, defensor do expansionismo israelita e da manutenção da ocupação por Israel dos territórios retirados aos árabes em 1967, é encarada como mais um desafio de Telavive ao Consenso internacional.

ÁFRICA

Zimbabwe

Frente Patriótica de novo unida

O primeiro-ministro designado, Robert Mugabe, decidiu incluir Joshua Nkomo no seu governo, como ministro do Interior e está a considerar dar lugares a dois destacados elementos da minoria branca.

Uma semana depois da sua esmagadora vitória nas eleições para o novo Parlamento rodesiano, Robert Mugabe deve apresentar esta tarde a lista do seu Ministério ao governador britânico, «lord» Soames.

O porta-voz de Mugabe, Eddison Zvobgo, anunciou que, ao fim de um semana de conversações, Mugabe e Nkomo tinham finalmente chegado a acordo sobre o cargo que este último iria ocupar no Governo.

Mugabe foi o porta-voz de Nkomo antes de o movimento nacionalista se ter dividido, nos primeiros anos da década de sessenta.

Círculos políticos de Salisbúria anunciaram que Nkomo tinha rejeitado o cargo de presidente do novo país, antes de aceitar a pasta do Interior.

Enquanto o cargo de presidente será um cargo praticamente simbólico, o posto de ministro do Interior é muito mais poderoso, já que dele depende a administração local, a cobrança de impostos, a emissão de passaportes, entre outros assuntos.

Círculos políticos da capital rodesiana declararam que ao abrigo do acordo entre Nkomo e Mugabe, o Ministério do Interior terá também na sua dependência os assuntos de Polícia.

Robert Mugabe reservou para si os assuntos militares, desempenhando as funções deministro da Defesa, além dos que são inerentes às de primeiro-ministro.

Zvobgo acrescentou, nas suas declarações, que o governo contará ainda com dois destacados representantes da minoria branca, mas recusou-se a dizer os seus nomes ou quais os cargos que vão ocupar.

Os observadores políticos afirmam que esta medida está de acordo com as afirmações de Mugabe no sentido de diminuir os receios provocados pela sua vitória eleitoral no seio da comunidade branca.

RACISTAS DESENTENDEM-SE

O primeiro-ministro da África do Sul, Pieter Botha, parece pronto a forçar uma crise com a ala direita do seu Partido Nacional, no poder, na sessão de hoje do gabinete sobre as suas propostas alterações à política de separação racial.

A disputa, que se desenvolve há semanas, poderia causar a maior crise no Partido Nacional, desde que este subiu ao poder, há mais de 30 anos.

Botha deverá exigir na sessão que o ministro da Estatística, Andries Truernicht, ultradireitista, ou apoie as alterações propostas, ou se demita.

Truernicht é apenas um membro menor do governo, mas retém o poderoso posto de líder do partido na província do Transval.

Se se recusar a desistir da sua posição de querer manter o sistema de «apartheid» no país gerido pelos brancos, poderá haver uma importante cisão no partido.

Swapo condena acção de delegados da ONU para o caso da Namíbia

Numa declaração citada pela agência ANGOP, a SWAPO (Organização do Povo do Sudoeste Africano) condena as recentes conversações, em Windhoek, entre uma delegação das Nações Unidas, chefiada pelo subsecretário da ONU para os Assuntos Políticos Especiais, Brian Urquhart, e uma delegação de «fantoches sul-africanos, de que faziam parte outros agrupamentos reaccionários namibianos».

Este acto, acrescenta a declaração, constitui uma violação aberta da principal posição das Nações Unidas sobre a Namíbia, a qual reconhece a SWAPO como único e autêntico representante do povo namibiano.

Estes fantoches e outros reaccionários, indica o documento, não desempenharam nenhum papel directo e significativo no longo processo de negociações que levou à adopção, pelo Conselho de Segurança, da resolução 435 (1978), que previa a independência da Namíbia através da realização das eleições livres e leais sob controlo da ONU.

O documento salienta, por outro lado, que, durante uma semana, a delegação da ONU teve conversações, na Cidade do Cabo, com «as autoridades racistas que ocupam ilegalmente a Namíbia e os actuais autores da criação de certos grupos fantoches como a DTA («Democratic» Turnhalle Alliance).

EUROPA

Itália

Arménios atacam turcos

● dois mortos

Morreram ontem duas pessoas em Roma em consequ ncia de duas explosões registadas em frente da delegação romana das Linhas Aéreas Turcas. O atentado que provocou também uma dezena de feridos verificou-se a uma hora de intensa circulação da novimentada praça da República, tendo as duas bombas rebentado a alguns minutos uma da outra.

O Exército Secreto para a Liberação da Arménia (ASLA) reivindicou telefonicamente para uma agência noticiosa a autoria do atentado e o seu porta-voz declarou:

«Somos responsáveis pela destruição da delegação de turismo e da sede das linhas aéreas turcas em Roma». «Isto é uma advertência contra o fascismo turco e o imperialismo italiano que ignora a causa arménia». «Continuaremos a luta até à libertação da nossa terra. Dentro em breve daremos um passo considerável contra o fascismo turco».

Esta foi a segunda vez que as instalações romanas das linhas aéreas turcas são alvo da ASLA. O ataque anterior teve lugar em Novembro passado e não provocou vítimas. O objectivo desta, como de outras organizações de resistesntes arménios, é vingar o genocídio cometido no princípio deste século pelos turcos contra o povo arménio e levar à constituição de um Estado independente.

Em Janeiro deste ano o ASLA reivindicou a responsabilidade de 98 actos de violência deste 1975, incluindo o assassínio de seis outros diplomatas turcos.

Actualmente os arménios são em número de cerca de seis milhões metade dos quais vive fora da sua região de origem, na América do Norte, Europa e Médio Oriente. Cerca de 2.500 vivem em Itália.

DROGA MATOU 129 PESSOAS

A droga matou 129 pessoas, durante o ano findo, em Itália, ou seja, o dobro do número de vítimas registado em 1978, declarou ontem o ministro italiano da saúde, Renato Altíssimo, quando respondia, na câmara, a perguntas sobre a difusão dos estupefacientes no país.

A título de comparação, o ministro referiu as 615 mortes registadas, no mesmo ano, na RFA, e os 176 óbitos em França.

Segundo o ministro, encontra se actualmente recenseados, em Itália, 11.000 toxicómanos, o que equivale a mais 37 por cento do que em 1978 e 118 por cento do que em 1977.

Noventa e nove por cento dos toxicómanos têm idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, sendo 85 por cento do sexo masculino.

Pelo menos cinco mil pessoas estarão inplicadas no tráfico clandestino de drogas.

Grã Bretanha

Thatcher mantém acusações contra CEE

O Governo britânico manterá firmemente a sua exigência de uma forte redução da sua contribuição para o orçamento da CEE, declarou a primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, numa entrevista ontem transmitida pela cadeia de TV francesa «Antenne 2».

«A Grã-Bretanha não reclama um tratamento de favor, ou a caridade dos seus parceiros, mas um tratamento equitativo», disse Thatcher, salientando que o seu país se tornou, «com um dos mais baixos rendimentos 'per capita', o mais importante contribuinte para o orçamento da CEE».

Ao passo que a França para uma contribuição de cerca de 250 milhões de libras, a Grã-Bretanha deverá, este ano pagar mais de 1,2 mil milhões de libras, indicou Thatcher. «Não conheço ninguém» – acrescentou – «que possa dizer que isto é justo. Não está certo que sejamos o maior contribuinte tendo uma média de rendimentos abaixo da média europeia».

Para nós, disse, a ideia de comunidade implica uma contribuição para o orçamento europeu na base de uma «partilha honesta e razoável».

Bélgica

Tentativa de rapto de ex-primeiro-ministro

Dois indivíduos tentaram raptar a noite passada o ex-primeiro-ministro belga, Leo Tindemans, perto de Bruxelas, mas foram presos pela polícia, anunciaram fontes políticas.

Colaboradores de Tindemans, que seguia de automóvel para discursar numa reunião religiosa em Hekelgem, a oeste da capital, declararam que um dos assaltantes era portador de uma pistola.

A polícia recusou-se a fornecer mais pormenores do incidente, que se seguiu a um fim-de-semana de violentos recontros em Fourons, perto da fronteira holandesa, disputados entre grupos de extrema-direita de língua flamenga e elementos francófonos da população local.

Moçambique

Sabotadores na DETA

O ministro do Plano, Marcelino dos Santos, dirige uma comissão nomeada pelo presidente Samora Machel para proceder ao saneamento da DETA, linhas Aéreas de Moçambique.

Em visitas que nos três últimos dias efectuou ao Aeroporto de Mavalane, em Maputo, o Presidente deparou com uma série de anomalias que o levaram a concluir existir um centro coordenador da sabotagem da DETA.

Num armazém encontrou peças para «Boeing 737» avaliadas em 120 milhões de escudos moçambicanos (cerca de 180 milhões de escudos portugueses). E, no entanto, os aparelhos, por vezes, estão parados, por alegada falta de peças.

Durante a primeira visita, no sábado passado, o Presidente ordenara a detenção do subdirector das linhas aéreas, Gabriel Mabunda, sendo de presumir que outros saneamentos se verifiquem no âmbito da aeronáutica civil.

As medidas em curso quanto à DETA incluem-se numa vasta ofensiva lançada pelo Comité Central da Frelimo contra todos aqueles que não deixam o país avançar».

AMÉRICA

Pinochet: "Vivemos em democracia"

Os partidos políticos e o marxismo estarão ausentes da futura democracia chilena, afirmou em Santiago, o presidente Augusto Pinochet.

«Estudamos actualmente uma nova Constituição e, sem nos gabarmos, creio que será possível viver em paz, barrando a passagem ao marxismo soviético, «disse o chefe de Estado chileno, que recebia uma delegação do Colégio Inter-Americano de Defesa, de Washington, conduzida pelo contra-almirante Robert Conolly.

«Se bem que isto desgoste os políticos, acrescentou, não haverá partidos políticos, porque, com eles, o marxismo consegue penetrar e aparece sob a forma de um partido.»

«Nós vivemos em democracia, com um Governo autoritário e oposto ao comunismo», concluiu o general Pinochet.

Soube-se, entretanto, que as autoridades chilenas prenderam 126 pessoas por participarem em actividades comemorativas do Dia Internacional da Mulher, celebrado no passado dia oito.

As detenções reistaram-se em vários pontos do país, depois do regime militar que, em 1973, derrubou pela força o Governo constitucional de Salvador Allende, ter proibido a realização de todos os actos públicos alusivos à data.

Segundo uma informação policial, os detidos, 76 homens e 44 mulheres, foram postos à disposição do Ministério do Interior.

A celebração do dia 8 de Março coincidiu com a decisão oficial de prorrogar por mais seis meses o estado de emergência vigente desde o golpe militar, de 1973.

● COLÔMBIA – As conversações entre o Governo colombiano e os guerrilheiros do «Movimento 19» que mantêm sequestrados vinte diplomatas na Embaixada da República Dominicana parecem bem encaminhados.

Uma jovem guerrilheira acompanhada pelo embaixador do México, Ricardo Gallan, reuniu-se ontem durante uma hora e 40 minutos com dois representantes governamentais.

Segundo o comunicado emitido pelo Governo, na sequência desta reunião, «as conversações avançaram num clima de serenidade e os participantes manifestaram a sua disposição de as prosseguir».

Embora, porém, este comunicado seja o mais optimista desde que as conservações com vista à libertação dos reféns foram iniciadas, no passado dia 2, o Governo colombiano mantém-se irredutível na sua posição de recusa em libertar 311 presos políticos.

● EL SALVADOR – A Junta Militar desmentiu categoricamente que tivesse intenção de nacionalizar as empresas de Imprensa, após a alegada nacionalização do sector bancário e a, igualmente alegada, Reforma Agrária.

«Tudo isso é completamente falso», declarou António Morales, membro da Junta, que igualmente desmentiu rumores de nacionalização de empresas industriais e de reforma urbana.

Entretanto, segundo as autoridades judiciárias anunciaram que 23 cadáveres foram descobertos em diferentes regiões do país nas útlimas 24 horas.

● SURINAME – O Conselho Militar Nacional (CMN) do Suriname tem em seu poder uma lista de civis apresentada pelo líder do Partido Nacionalista Republicano (PNR), Eddy Bruma, para formar um novo Governo civil no país – anunciou a agência Prensa Latina.

O CMN, integrado por nove oficiais do Exército, derrubou o Governo do primeiro-ministro Henck Arron, no dia 25 de Fevereiro.

De acordo com a mesma agência noticiosa, prevê-se, em sectores sindicais e políticos, que o novo Governo esteja em consonância com o espírito progressista do golpe militar.

Kennedy fala das eleições: Factor económico é "decisivo"

O senador Edward Kennedy afirmou ontem a convicção de que os problemas económicos constituirão um elemento «decisivo» nos resultados da campanha para as eleições presidenciais nos Estados Unidos.

Entrevistado pela cadeia de televisão «CBS», o candidato à investidura do Partido Democrático recordou o «tratamento de choque» que ele preconiza para combater a inflacção, a desenvolver-se actualmente ao ritmo anual de 18 por cento: congelamento dos preços e dos lucros e um programa destinado a «revigorar» a economia americana através do aumento da produtividade e das exportações. «Precisamos de uma acção imediata», acrescentou.

Embora reconhecendo a necessidade de operar alguns cortes no orçamento para diminuir o seu deficite, o senador do Massachusetts declarou-se hostil aos projectos do Presidente Carter no sentido de reduzir o orçamento no capitulo social, em sectores como os empregos, o seguro social ou as reformas.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Press, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

Ricky Schroder: um actor de excepção num filme execrável

"O Campeão" de Franco Zeffirelli

FICHA:

Título original: The champ.
Realização: Franco Zeffirelli (USA-1979).
Argumento: Walter Newman, baseado numa história de Frances Marion.
Fotografia: Fred J. Koenekamp.
Música: Dave Grusin.
Montagem: Michael J. Sheridan.
Interpretação: Jon Voight **(Billy),** Faye Dunaway **(Annie),** Ricky Schroder **(T. J.),** Jack Warden **(Jackie),** Arthur Hill **(Mike),** Joan Blondell **(Dolly),** etc.
Distribuição em Portugal: SIF
Cinema: Berna.
Classificação: Interdito a menores de 13 anos.

Entendamo-nos: este filme revela um enorme actor de palmo-e-meio (Ricky Schroder) que não é apenas um miúdo instintivo mas possui uma capacidade de mudar de registo excepcional, uma presença ante a câmara que constitui quase um carisma, uma força interior que faz inveja a muito actor profissional e tarimbeiro. Porém esse indesmentível facto não chega para tirar **O campeão** da zona execrável dos melodramas lacrimosos e bafientos, não chega para desculpar a hiperconvencionalidade balofa do argumento, não chega para tornar minimamente interessante este filme.

A história é do tipo o-pai-que-foi-campeão-de-boxe-e-hoje-é-um-tipo-desgraçado-e-que-tem-um-filho-bestial-e-a-mãe-que-os-abandonou-há-sete-anos-e-que-o-miúdo-julga-mostra-vem-aí-e-é-muito-rica-e-quer-o-filho-(filho eu sou a tua mãe!, não és nada, não és nada!!)-e-o-tipo-quer-provar-que-ainda-é-gente-e-vai-daí-vai-outra-vez-combater-e-ganha-o-combate-e-morre-e-pronto, uf!

Entretanto, esta coisada de faca-e-alguidar é filmada sob o estilo bonitinho tão caro ao sr. Zeffirelli que, depois de chafurdar, impune, nos Evangelhos, parece especializado em filmes para enlevar mães de família em crise de menopausa. Para mais, (à excepção de Ricky Schroder) os actores andam por ali a ver passar os navios, uma sombra do que deles sabemos. Jon Voight nem parece o actor soberbo de **Coming home:** funciona num estilo cabotino insuportável e é quase bem feito que «morra» no final; Faye Dunaway, com vinte quilos a mais do que seria para desejar, passeia o rosto belíssimo sob enormes capelines e denota a sensibilidade cénica de uma ostra poluída. Os restantes secundários assinam o ponto e esgueiram-se. Sem Ricky Schroder, **O campeão** era insuportável dez minutos depois de começar.

A música acompanha o tom geral. Melosa e peleonástica, insignificante.

Enquanto esperamos pelos «filmes do ano» que estão a chegar **(Apocalipse now** de Coppola e **1941** de Spielbey) enfrentemos a onda de subprodutos, que tem estado em alta, com fleuma e paciência. Afinal de contas não é grave: são apenas filmes a não ver. **O campeão** é só mais um deles.

Pintura americana em Sófia

Sob o lema «Os artistas trabalham na América do Norte», está patente em Sófia uma exposição de pintura de artistas norte-americanos.

As pinturas exibidas reflectem a procura criadora de dez dos artistas mais notáveis da famosa escola de Nova Iorque, surgida nos anos 40, dentro do movimento do expressionismo abstracto.

Além das 30 obras em original, estão em exposição 260 fotos, quatro películas «non stop» e um diorama (quadro pintado em tela e superiormente iluminado por luz móvel) de Jackson Pollock.

Obras originais dos artistas, a sua vida, trajectória profissional e concepções estéticas também figuram na exposição.

Além das obras de Pollock estão patentes as de outros famosos representantes da grande vaga artística dos anos 40 na pintura e escultura norte-americana, tais como William de Kooning, David Smith, Luise Nevelson, Hellen Frankenthaller, Frank Stella, Robert Rauschenberg, Andy Warhol, George Segal e Jasper Johns.

"Edições rivais de inéditos de Eça"

A propósito do serviço da ANOP em epígrafe assinado por Helena Vaz da Silva e publicado no nosso jornal no passado dia 5, recebemos de António de Sousa-Pinto, da Editora «Livros do Brasil», com pedido de publicação, a carta que passamos a transcrever:

«Com o título em epígrafe o «Diário de Lisboa» publicou no seu número de 5 do corrente um artigo que insere declarações do sr. Nelson de Matos, da Editora Moraes».

«Estas declarações mal-intencionadas, falsas, caluniosas, evidenciam a profunda preocupação do gestor daquela editora, pela sua própria gestão e revestem-se de um sibilante de 'boomerang' ao acusar Livros do Brasil de 'deselegância moral'. O sr. Nelson de Matos acusa Livros do Brasil 'de se aproveitarem da publicidade que nós (Moraes) fizemos e virem, pela calada, antecipar-se, retirando-nos parte da clientela, denuncia a mistificação literária que isto envolve».

«Não será a prosa queirosiana, mas a atitude parece cingir-se à personagem Dâmaso de 'A Tragédia da Rua das Flores', agora em foco».

«Porque o «Diário de Lisboa» é um órgão de informação honesto, incapaz de ludibriar propositadamente os seus leitores, é em atenção a estes que se esclarece:

«1 – Livros do Brasil publica cerca de 6 livros por mês e é sua norma publicitária, só anunciar as obras que edita, no momento da sua apresentação ao público. Com 'A Tragédia da Rua das Flores', não se alterou a rotina processual. O volume de publicações anual de Livros do Brasil não induz a um alvoroço particular, para esta edição, mais uma entre todas quantas constam da sua colecção das obras de Eça de Queiroz».

«2 – Ignora-se se a Moraes teve ou não conhecimento de que Livros do Brasil, em continuação daquela colecção ia publicar a 'Tragédia da Rua das Flores' inédita. O certo é que, quando a publicidade da Moraes, ou dos seus ilustres ecistas, surgiu na Imprensa, já essa mesma obra se encontrava em fase operacional nas oficinas de Livros do Brasil».

«Mesmo que houvesse qualquer vínculo de natureza hierárquica entre ambas as Editoras, não se justificaria que Livros do Brasil parassem máquinas num inconcebível préstimo de vassalagem à editora concorrente».

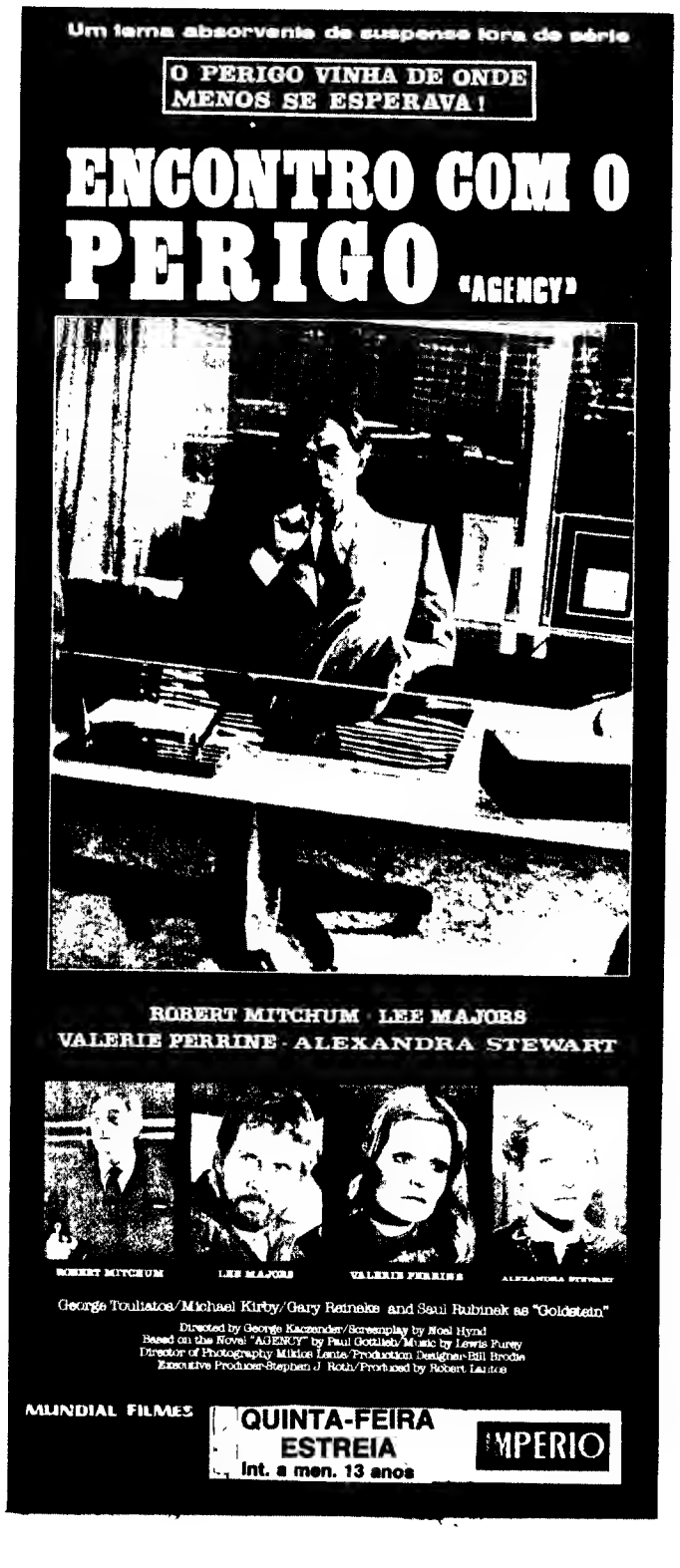
«3 – Da mesma maneira que várias Editoras se lançaram na publicação das obras de Eça de Queiroz (logo que caíram no domínio público, alheando-se muito naturalmente do facto de Livros do Brasil ser até então, detentora dos seus direitos autorais) esta Editorial procurou legitimamente completar a sua colecção, sem alarde, sem espalhafato, sem auto-elogio – conscienciosa e tranquilamente, como sempre foi sua norma».

«4 – Ignora-se também qual o volume de publicações mensal da Moraes e se é seu uso desencadear, para cada uma das suas edições, tão gritante propaganda, como a que utilizou ao anunciar a «Tragédia da Rua das Flores'. Se ela foi extemporânea, por antecipação, não será! Livros do Brasil a culpada, conquanto possa beneficiar do escândalo procurado por qualquer rival, má-perdedora».

«5 – Quanto a Livros do Brasil ter retirado – como brada o sr. Nelson de Matos – «parte da clientela, denuncia a mistificação literária que isto envolve» conveniente é explicar que Livros do Brasil é uma empresa não intervencionada num país livre. E não sendo intervencionada, sem dispor portanto de dinheiros públicos para gerir a seu bel-grado, tem de observar cuidadosamente as operações financeiras em que se empenha não só para não prejudicar a segurança económica dos seus assalariados, mas também para não impor ao público preços de capa exorbitantes. Assim, não se permitiu Livros do Brasil despender centenas de contos, em pagamento do acesso a uma obra que por lei está no domínio público. Se a clientela der preferência à edição de Livros do Brasil, é um fenómeno de 'regra de jogo', de competição legítima».

«6 – De resto, se a edição Livros do Brasil se antecipa a qualquer outra, justo é se lhe atribua essa vantagem ao seu esforço profissional, eficiência e ritmo de trabalho, já que não frui de quaisquer espécies de subvenções que lhe permitam suspender actividades operacionais ou dar a estas uma morosidade repousante. De resto, a celeridade que incutiu ao seu trabalho oficinal, facultou-lhe outra vantagem: não poder ser acusada de cópia ou plágio de trabalho alheio, se este viesse a público duas semanas antes – o tempo da revisão de provas».

FOTOCÓPIAS
DESDE $60
Encadernações, plastificações e trabalhos em offset
Discoteca Filinto
Av. 5 de Outubro, 53-A
Telefone 535040



ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL
CONSELHO ADMINISTRATIVO

Faz-se público que no Conselho Administrativo desta Direcção — Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180-D, se encontram abertos os Concursos Públicos seguintes:

Concurso Público N.º	Designação	Caução Provisória	Abertura de Propostas	
			Data	Hora
5/80-Mat	Desmantelamento de 41 viaturas	2,5% do valor da proposta	05Abr80	14H00
8/80-Mat	Reparação de 1 grua Berliet	Idem	05Abr80	16H00

O material poderá ser visto no D.G.M.G. — BEIROLAS

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 15 às 18 horas.

As propostas devem ser entregues até às 17H00 do último dia útil anterior ao da abertura de propostas.

O PRESIDENTE DO C.A.
Fernando Joaquim Silva Pontes
Major de A.M.

Na Amadora

Praça Pública: o teatro sai à rua ao encontro dos espectadores

No dia 26 de Novembro de 1975 alguns jovens com experiência de teatro, na sua maioria residentes na Amadora, resolveram formar um grupo a que deram o nome de «Marabunta». Esse é apenas o primeiro bilhete de identidade do grupo «Praça Pública», que passou a ter um papel na vida do actual concelho tão significativo como mostram os seguintes números: 12 trabalhos, 171 espectáculos, 128 653 espectadores. Dos 12 trabalhos, cinco são para crianças e os restantes para adultos, englobando os seguintes géneros: teatro documento, tragédia, dramático, revista farsa e intervenção.

Esta actividade não mostra apenas a capacidade artística dos elementos que compõem o grupo, mas, talvez mais do que isso, a capacidade de chegar cada vez mais junto do público. Como eles próprios afirmam: «atendendo às condições específicas do local (Venda Nova/Amadora) tem que ser o teatro a ir ao encontro do povo e não este a vir ao nosso encontro».

Há cinco anos o actual «Praça Pública» estreou-se com a peça «Documentos Secretos da ITT» de Jorge Diaz e Francisco Uriz, uma peça escrita para a TV, que foi adaptada ao palco por uma equipa do grupo. Depois de outras experiências, de menos relevo, arrancaram com o «Woyzeck» de George Buchner, contando com a colaboração dos operários da CEL-CAT, onde tinham as instalações. Logo após as primeiras representações daquela peça, são introduzidas algumas modificações que permitem obter uma versão mais dinâmica do espectáculo e acentuar o carácter social das personagens.

Mas foi em Fevereiro de 197 ' que o grupo montou a criação colectiva «Mãos Dadas» que representou uma ruptura no tipo de trabalho praticado até aí, tão profunda que pelo menos de metade do número total de espectadores do «Praça Pública» são pessoas que assistiram àquela peça, que é um passo largo para o futuro teatro de Intervenção.

O palhaço pobre no teatro de intervenção da «Praça Pública» é «o que sabe», enquanto o palhaço rico é ridículo e feio «como o capitalismo»

«Mãos Dadas» um trabalho da «Praça Pública», realizado no âmbito do teatro de intervenção, que acompanha de perto as realidades da política nacional e que foi um êxito

INTERVENÇÃO: UM TEATRO DIFERENTE

Mas nada melhor que conversar com os principais responsáveis do «Praça Pública», que se deslocaram ao «DL» para relatar um pouco da experiência do grupo. Fernando Lobo e Baião Santos, que já tinham experiência de actividade teatral antes de formarem o «Marabunta», encaram assim a experiência do teatro de Intervenção:

Fernando Lobo – Quando, depois do «Woyzeck», pensámos no que havíamos de fazer, verificámos que estávamos muito fechados e que precisávamos de contactar com as populações, «levar-lhes teatro». Foi assim que se criou o nosso sector de intervenção, que passou a ser a «espinha dorsal» de toda a nossa produção teatral. Actualmente o teatro do «Praça Pública» divide-se em três ramos: intervenção, peças de fundo e espectáculo infantil. Mas o teatro de intervenção deu a todos nós um contacto mais directo com as populações. A nova dinâmica teatral itinerante, levou-nos a representar nos sítios mais invulgares: colectividades, sindicatos, escolas, e até palheiros e camionetas...

Baião Santos – Passámos de 3650 espectadores, no «Woyzeck», para 74 900 no «Mãos Dadas». Este tipo de trabalho resultou também numa pequena escola de formação espontânea de actores Somos um grupo de teatro amador e não temos meios nem condições para contratarmos professores de dicção, expressão corporal, etc. Mas os jovens que entram para o grupo são obrigados a representar, episodicamente, diversas personagens, ficando em pouco tempo com uma certa rotação.

Por outro lado, o público politizado compreende o esforço do actor quando está no palco e dá-lhe ânimo.

UM POUCO DE REVISTA E DE TEATRO CAMPONÊS

O trabalho de intervenção consta de diversos «sketches», um pouco no género do teatro de revista, mas em moldes diferentes. De qualquer forma há uma ocupação da sala, e uma articulação com a plateia que obriga o público a estar dentro da peça e mesmo a participar, se quiser.

Fernando Lobo afirma que este tipo de teatro é uma resposta ao canto livre, numa altura em que este se tinha estereotipado e estava a perder o seu impacto. Aliás nos «sketches» há um pouco de tudo: música, poesia, circo, canto, etc. Cada espectáculo dura apenas entre 45 e 90 minutos e consta de duas partes: uma cómica e outra, dita séria. A primeira que conta com a presença de palhaços predispõe o espectador para o espectáculo, enquanto a segunda é o «miolo» da representação. O circo e os palhaços «rico e pobre», tradicionais, aparecem no «Praça Pública», só que aí são «diferentes».

Fernando Lobo – O Baião era um palhaço dramático, como o próprio capitalismo; um palhaço burguês, tal como o «palhaço rico» do circo, enquanto eu fazia de «palhaço pobre». Só que no circo o «palhaço rico» sabe tudo, enquanto o «pobre» leva lambada. Nós trocávamos as voltas e quem dava vontade de rir era o palhaço rico «sempre à espera que alguém lhe levasse as malas».

Depois desta parte inspirada no circo, vem a parte dramática do «sketche» baseada em canções, em poemas, com música e uma construção cénica adequada. Às vezes introduzimos pequenos quadros, procurando um choque entre o cómico e o dramático.

Baião Santos – Uma das mini-revistas que fazemos chamava-se «a malta enxota o Pinto» no tempo do governo do Mota Pinto. Os nossos espectáculos estão bastante ligados à vida política nacional e vão mudando conforme as situações. Em 1978 tivemos um ano muito agitado.

Fernando Lobo – Eu acho que o teatro de intervenção está a meio caminho entre o teatro camponês, muito simples e didáctico, que se adapta por exemplo à realidade da América Latina, mas que nós importámos depois do 25 de Abril e a revista portuguesa, que é um tipo de teatro popular e a nossa maneira de comunicar com o público. Claro: não utilizamos o teatro camponês com todas as suas expressões no género do «abaixo o agrário e viva o proletário».

Baião Santos – Havia um tipo especial de teatro no tempo do Salazar que era feito à porta das colectividades e que acabou por ser proibido, por o fascismo o considerar subversivo. Esse tipo de teatro, com uma certa tradição no nosso País, integra-se, aliás, na revista e começa agora a aparecer outra vez, em diversos locais. Lembremo-nos por exemplo das «Janeiras» no norte do País: uma festa tradicional que apareceu agora de novo adaptada aos nossos tempos.

PROJECTOS PARA O FUTURO

Antes de ter aparecido o «Praça Pública» não havia praticamente teatro na zona da Amadora, mas o grupo conseguiu, também, introduzir com êxito em muitas crianças o gosto pelo teatro, não só através da apresentação de numerosas peças infantis como através da criação de um grupo de actores, com idades entre os 12 e os 15 anos, que já mostraram o que podem fazer, notando-se entre eles alguns «aprendizes de feiticeiro» com muitas qualidades. Eles concordam com os mais velhos na necessidade de descentralizar o teatro e de levar a grupos de outras zonas a ideia do trabalho de intervenção, que é o seu pão de cada dia e que se projecta no futuro.

Fernando Lobo – A nossa próxima actuação é no Festival Sindical de Teatro, onde contamos ir com a peça «Resistência». Por isso, para já, parámos com o trabalho de intervenção. Por outro lado, muito do que temos montado está um pouco ultrapassado e temos elementos e factos novos. Em Abril contamos já apresentar outro trabalho. Talvez para o dia 25. Também estamos a preparar uma peça baseada no «Suão» do Antunes da Silva, adaptado por Santos Chambino, e, ainda outra de inspiração poética para as comemorações camonianas.

A. S. V.

PUB
TEATRO ABERTO
P. de ESPANHA (metro: PALHAVÃ) telefone: 77 09 69
grupo 4
APRESENTA
5.ª-FEIRA, 13 pelas 21.45
• ESTREIA
EM PORTUGAL
DE UM TEXTO
FUNDAMENTAL
DO TEATRO MODERNO
Andorra
de MAX FRISCH
Encenação de MORAIS E CASTRO
Cenários de ROGÉRIO RIBEIRO
com: ADELAIDE FERREIRA
ALEXANDRE MELO
ANTÓNIO ANJOS
ANTÓNIO MONTEZ
ANTÓNIO RAMA
CARLOS GONÇALVES
CARLOS SANTOS
LINDA SILVA
MORAIS E CASTRO
RUI MENDES
VASCONCELOS VIANA
VIEIRA DE ALMEIDA
e a participação especial de
IVONE SILVA
BILHETES À VENDA

Canal da Crítica

MÁRIO CASTRIM

Quem proibiu o programa da Intersindical?

O Teatro da TV esteve sempre no «top». Sabe-se isso. Porquê? Não propriamente ou pelo menos não essencialmente por razões de ordem tradicional ou cultural. Por motivos mais rasteirinhos: por ser falado em português, porque toda a gente o entendia, desde os analfabetos aos doentes da vista, passando pelos que-se chateiam a correr atrás das legendas-lebres.

É esse o teatro que a audiência portuguesa quer: representado por actores portugueses, falado na nossa língua bem amada, mais digna, na televisão, de ser senhora e não subalterna.

De modo que estou muito céptico quanto à popularidade de uma peça como a que a TV nos deu ontem. Entram, neste cepticismo, a dificuldade de penetrar no código de Harold Pinter, de atravessar as suas palavras para chegar às infrapalavras, à sua carne verdadeira. Para uma audiência inglesa, só inglesa e nada mais do que inglesa, a tarefa será mais fácil. Harold Pinter contorce-se num complexo de solidão, de agressividade, de irremediável decadência de uma sociedade. Essa mesma decadência se verifica noutros meios, é certo, mas os ambientes, as expressões, os tiques, as constantes referências levantam horizontes perceptíveis para um corpo real.

Em Portugal, agora, os nossos problemas não são aqueles. Mais do que a decomposição a prestações de um cadáver teimoso, interessa-nos hoje a construção (e a defesa) de um corpo vivo. Se acrescentarmos a este pormenor (já por si mesmo decisivo) a dificuldade de se apreender o sentido da peça por via da leitura fatigante das legendas, temos razões bastantes para condenarmos certas emissões de teatro com que nos ameaçam.

Ainda aqui, se calhar, são capazes de levantar o problema da cor. Claro que esse problema se colocou noutros países quando pretenderam sair do pretibranco. Recordo-me, por exemplo, socorrendo-me dos meus artigos, do que se passou na Inglaterra. Havia, na Inglaterra, por essa altura, 500 mil televisores a cor. E os responsáveis punham o problema do aumento urgente do número de aparelhos, sem o que a **dispendiosa produção própria não se justificaria, não era rentável e seria preferível o regresso ao preto e branco.**

Entre nós, a pressa da passagem à cor não avaliou essas situações. Sujeitam-se à vergonha da esmola estrangeira para sustentar a vaidade do espectáculo colorido. Se, há anos, se admitia a reconversão à cor múltipla, porquê se continuou a fazer o bicolor?

Claro que, entretanto, por causa de uma questão de cor, os nossos autores e actores estão condenados à fome mais negra. Nem ao menos a pretibranco, para atenuar.

QUESTÃO DE CENSURA? QUE IDEIA!

A informação do telejornal está cada vez mais enfeudada aos interesses do governo. Ela promove os ministros, os actos dos ministros, as palavras dos ministros. Os pontos de vista são sempre os pontos de vista do governo. A oposição é atirada para a cave do silêncio. Pelos modos, assistimos, a uma espécie de ressurreição da «frigideira».

Também ontem, o que se passa com a batata foi «explicado» a nível oficial. Ninguém falou, por exemplo, com os produtores. Economistas de oposição não tiveram direito a uma palavrinha. Será também por medida de austeridade que o telejornal, teimosamente, ouve só uma das partes?

Por austeridade será que a RTP não manda as suas reportagens ao Alentejo,onde se deram ontem acontecimentos de tamanha gravidade? Mas há reportagens da TV nos «ralis» (fontes terríveis de publicidade encoberta...), há reportagens às passagens de modelos, às exposições caninas, à chegada de actores de telenovela, sei lá, sei lá...

Mas há mistérios igualmente intrigantes.

A CGTP-Intersindical Nacional organizou o seu terceiro Congresso. À face da Constituição, o tempo de antena ficou ao seu dispor. Antes de ontem, anunciaram para ontem a transmissão da reportagem do Congresso. Ontem, não houve nada, além do silêncio sobre o assunto.

Quem praticou a ilegalidade? Quem assume a responsabilidade? Quem foi que carregou no travão? Quem e ao abrigo de quê impediu o uso de um direito?

Coisa tão misteriosa, amigos. Será que eles transmitiram e nós não vimos? Será um caso de cegueira endémica? Deve ser. Mas lá que o assunto dava um bom romance policial, isso dava...

Hoje

Michelangelo Antonioni realizador do filme «O Grito» que será exibido esta noite na rubrica Cineclube RTP/2

I PROGRAMA

18.00 **Sumário**
18.05 **Nada na Manga**
18.35 **Res pública**
19.00 **País, País**
19.30 **Podium – Al-Oester – Estados Unidos** – vencedor de 4 olimpíadas sucessivas no lançamento do disco.
20.00 **Telejornal** – inclui a Informação Meteorológica.
20.35 **Dancin'Days** – apresentação do episódio n.º 105 da telenovela brasileira, realizada pela Central Globo de Produção.
21.20 **ABC da Economia** – 2.º episódio intitulado «O Mercado e os Mercados».
21.25 **1.ª Página** – em foco os temas nacionais e internacionais.
22.10 **Moeda de Troca** – 1.º episódio de uma série de 4 baseada no livro de Arthur Hailey «The Money Changers». Intérpretes: Kirk Douglas, Christopher Plummer, Timothy Botoms, Anne Baxter, Lorne Greene e João Collins. Realização de Boris Sagal.
00.00 **24 Horas.**

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!
DESTAQUES
I PROGRAMA
«Moeda de troca»
(22.10)
II PROGRAMA
Cineclube RTP-2
«O Grito» (22.00)
ASSISTÊNCIA TÉCNICA telef: 2112871

II PROGRAMA

18.45 **Ano Propedêutico.**
20.30 **«O Incrível Mulk»** – 6.º episódio
21.00 **Antes do Desfecho** – análise e crítica do nazismo.
21.30 **Informação/2**
22.00 **Cineclube RTP/2** – apresentação da grande metragem «O Grito» realizada por Michelangelo Antonioni. Intérpretes: Steve Cochron, Alida Valli, Dorian Gray. Gabriella Pallotta e Betsi Blair.

Amanhã

I PROGRAMA

09.15, Ano Propedêutico; **13.20,** Ciclo Preparatório TV; **18.30,** Sumário; **18.35,** O Rapaz e o cão – episódio n.º 3; **19.00,** País, País; **19.30,** Condição de mulher, **20.00,** Telejornal – informação sobre o tempo; **20.35,** Dancin'Days – episódio n.º 106; **21.30,** O ABC da Economia – episódio n.º 3; **21.25,** Vamos jogar no Totobola; **21.40,** Manta de retalhos; **22.10,** Eurovisão – Campeonato do Mundo de Patinagem Artística; **23.35,** 24 Horas; **23.45,** Fecho.

II PROGRAMA

18.45, Ano Propedêutico; **20.30,** Crónica de França; **21.00,** Shows Musicais Brasileiros; **21.30,** Informação/2; **22.00,** Anos 70 – Imagens de uma década; **23.30,** Fecho.

ADOQUE teatro
TELEF. 87 44 76
Sáb. às 20.30 e 22.45 h
Dom. 16.30 e 21.45 h.
Quarta-feira — Folga
HOJE ÀS 21.45 H.
QUERIAS...
MAS NÃO TE DOU!
NÃO DEIXE QUE LHE CONTEM! VENHA VER!
ERMELINDA NA «CAIXA»
ESMERALDA NO «FADO VADIO»
NICHOLSON NO «BOLIFÁCIO»
MAGDA NO «PALHAÇO SÓ»
FEIO NO «COMPÈRE»
E AINDA: AMÉLIA • MANUELA
BOMBOM • CAMACHO • M.ª RUAS
7.º E ULTIMO MÊS
EM LISBOA

GIL VICENTE
Cascais
Telef. 280522
Às 16.15 e 21.30 – Int. men. 18 a.
Filha natural do Papa, ligada incestuosamente ao irmão
LUCRECIA BORGIA
c/ Simoneta Stefanelli e Massimo Foschi

PRECISA-SE BARRACÃO/ARMAZÉM
Em AMADORA, ou ALMADA/SEIXAL, com área coberta, ou a cobrir de 1000 m2.
Resp. a CRA — Rua do Telhal, 12-4.º Esq. Lisboa

PRECISA-SE
Para departamento governamental, na Zona do Alfeite, médico estomatologista.
Resposta ao n.º 10302

RESTAURANTES
TATU
PASTELARIA C/ FABRICO PRÓPRIO
SALÃO PARA BANQUETES E CASAMENTOS
AUTENTICA FEIJOADA A BRASILEIRA SÓ NO TATU
CAMPO GRANDE, 80
TELEFONE, 76 51 88 . 9
D. LUÍS
CHURRASQUEIRA
ABERTO TODOS OS DIAS
AR CONDICIONADO
RUA GENERAL TABORDA 9-B (CAMPOLIDE)
TELEFONE 68 12 20

GRUPO DE CAMPOLIDE • ACADEMIA ALMADENSE
TEATRO DE AMINAÇÃO DE SETÚBAL
«CREDORES»
A. Strindberg
6.ª e sáb. às 21.30 h. Dom. às 16 h.

atelier BELO MARQUES
R.da Trindade,5-2ºdto T:371254-Lisboa
MEDALHAS PROGRESSISTAS
5º ANIVERSÁRIO DA NACIONALIZAÇÃO da BANCA E SEGUROS
adulo 80 mm bronze ★ pedidos a JOÃO LOPES
RUA MARCHAL SALDANHA, 5-4º-1200 LISBOA
«SECRETARIADO DA SECÇÃO DE EMPRESA DA CGD»

Futebol italiano: escândalo e corrupção

A polícia deteve ontem, em Roma, um dos dois comerciantes que afirmam ter subornado 27 futebolistas italianos para conseguir determinados resultados em jogos dos campeonatos das 1.ª e 2.ª divisões.

A prisão de Álvaro Trinca, proprietário dum restaurante, foi feita cinco dias depois de ele e o comerciante de vegetais Massimo Cruciano não terem comparecido a uma audiência judicial em que seriam discutidas acusações apresentadas contra os futebolistas.

Cruaciani (de quem se continua a desconhecer o paradeiro) e Trinca acusam os 27 jogadores de não terem cumprido o acordo depois de terem recebido os subornos. Embora os futebolistas (entre os quais se conta o «internacional» Paolo Rossi) tenham desmentido as acusações, a justiça italiana pô-los sob investigação.

Os magistrados convocaram o árbitro Gino Menicucci, de Florença, para ser ouvido hoje e responder a acusações anónimas de que terá ajudado a «arranjar» o resultado dum jogo da 1.ª divisão. Menicucci, que arbitrou ontem o Roma-Catanzaro, recusou-se a responder a perguntas dos jornalistas no final do encontro.

Basquetebol: campeões frente-a-frente

A final da «Taça dos Clubes Campeões Europeus» de basquetebol (homens) oporá, no próximo dia 27, em Berlim Oeste, o Real Madrid (Espanha) ao Maccabi de Telavive (Israel). Este último assegurou a sua qualificação para a final ao vencer, ontem, no seu terreno, precisamente o Real Madrid por 110/100, na penúltima volta da fase final. O Real Madrid, embora tendo perdido o jogo, já estava qualificado para a final.

Portugal defronta a França na primeira jornada da Taça Latina de andebol

Portugal defronta a França na primeira jornada da décima Taça Latina de Andebol, a disputar no distrito de Braga entre 1 e 6 de Abril.

O sorteio, realizado segunda-feira à noite em Braga pela comissão organizadora, constituída pela Associação dos Desportos de Braga e pela Federação Portuguesa da modalidade, determinou os encontros Espanha-Bélgica e Roménia-Itália, para complemento da jornada inaugural, marcada para os pavilhões municipal de Braga e do INATEL, em Guimarães.

No dia 2, em Viana do Castelo, Portugal defronta a Roménia, enquanto em Braga se disputam os jogos França-Bélgica e Espanha-Itália.

A terceira jornada, dia 3, engloba os jogos Portugal-Itália (Guimarães) Roménia-Bélgica e Espanha-França (Viana do Castelo).

Após um dia de descanso, a competição prosegue com os encontros Portugal-Espanha (Braga), Itália-Bélgica e Roménia-França (Guimarães).

No dia 6 disputa-se a última jornada, com os jogos França-Itália (Viana do Castelo) e Portugal-Bélgica e Roménia-Espanha (Braga).

Paralelamente à Taça Latina, decorrerá o primeiro curso internacional de árbitros, no pavilhão gimnodesportivo de Braga.

MODALIDADES EM DESFILE

BASQUETEBOL: FUNCHAL ACELERA

Vinte e oito equipas de basquetebol constituídas por alunos dos estabelecimentos do ensino do Funchal disputam, a partir de amanhã, um torneio da modalidade denominado «Cesto 80», cujo objectivo é o do «convívio entre as escolas».

É organizado pelos serviços de desporto da Secretaria Regional de Educação e Cultura e divide-se nos escalões de infantis, iniciados e juvenis. As provas, que movimentam cerca de duas centenas e meia de jovens, prolongam-se até 7 de Junho e efectuam-se no pavilhão gimnodesportivo do Funchal.

ALEXANDRA DESTACA-SE

Alexandra Silva, nadadora distinguida pelo CNID com o título de «revelação do ano», conseguiu novo máximo português na prova de 800 metros, fazendo o tempo de 9 m. 14, 80 segundos. Ao mesmo tempo, a benfiquista Alexandra Nogueira torna-se recordista de juvenis da corrida de 200 metros mariposa, nadando a distância em 2 minutos 35,49 segundos.

NATAÇÃO: MÁXIMO

Um quarteto soviético melhorou o recorde europeu dos 4x100 metros livres, com 3 minutos e 24, 39 segundos, durante o «meeting» internacional URSS-RDA, a decorrer em Leninegrado. O anterior recorde (de 3.26,57 minutos) fora estabelecido em 1977, pela equipa alemã federal.

ALTO TÉNIS

Os Estados Unidos venceram a Europa, por 3-2, num encontro de ténis, em Copenhaga. Jimmy Connors e Vitas Gerulaitis asseguraram o sucesso para os Estados Unidos, ao vencerem o encontro de pares frente ao sueco Bjorn Borg e ao italiano Adriano Panatta, por 6-2- e 6-4.

COM VISTA A MOSCOVO

A Espanha venceu (em Almeria) a Bélgica, por 2-0, em jogo de qualificação para o torneio de futebol dos Jogos Olímpicos de Moscovo. Os golos foram marcados por Quique, e Rubio.

Radiodifusão Portuguesa

Radiotelevisão Portuguesa

ORQUESTRA SINFÓNICA DA RDP

1.ª SÉRIE INTERNACIONAL DE CONCERTOS

TEMPORADA 1979/80

Sábado, 15 de Março de 1980, às 18.30 horas
AULA MAGNA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Maestro: OTMAR MAGA
Solista: ANA BELA CHAVES (Viola)

Programa

Danças de Galanta — Kodaly
Concerto para viola e orquestra — William Walton
Sinfonia n.º 8, em sol maior, op. 88 — Dvorak

COLABORAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA E INSTITUTO ALEMÃO

Bilhetes à venda no Teatro S. Luiz, de 3.ª a 6.ª feira, das 14 às 20 horas, e no sábado, na Aula Magna da Universidade de Liusboa, a partir das 14 horas.
Preço único: 60$00. Desconto de 25% aos estudantes

Próximo concerto: no Teatro de S. Luiz, 20/Março/17.30 horas
Maestro: Silva Pereira — Solista: Fausto Dias (Harpa)

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA LEMBRA QUE

A partir de 1 de Janeiro de 1980 os veículos a motor utilizados na circulação rodoviária, isto é, automóveis ligeiros e pesados, motociclos, ciclomotores, tractores, máquinas agrícolas e industriais quando sujeitas a matrícula, carros eléctricos e, ainda, os reboques e semi-reboques só poderão circular com um seguro de responsabilidade civil.

Fazer esse seguro, mais do que uma imposição legal, é sobretudo um dever cívico.

Jotaeme

O MONTEPIO GERAL paga as mais elevadas taxas de juro em depósitos a prazo ou à ordem...
O dinheiro está bem seguro e sempre disponível...
Para além de muitas outras vantagens!

FAÇA OS SEUS DEPÓSITOS NO
MONTEPIO GERAL
CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA
ONDE A SUA CONTA **CONTA**!!

"Placard"

MÁXIMO NOS EUA

O irlandês Eamonn Cochlan estabeleceu a melhor marca nos Estados Unidos com 13 minutos 2,8 segundos na prova de três milhas dos campeonatos dos EUA, no Madison Square (Nova Iorque).

Cochlan, recordista mundial da milha em pista coberta, vencedor de quinze provas consecutivas esta temporada (de 1500 metros e milha) bateu por dois décimos a anterior marca do inglês Nick Rose obtida em Louisville (Kentucky, 1978). O belga Emil Puttemans possui a melhor marca mundial, com 12.54,6 minutos, desde 1976.

Cochlan (27 anos) bateu o britânico Tony Staynings, creditado com 13.03,7 minutos e o norte-americano Bruce Bickford, com 13.06,7 minutos.

Antes, o norte-americano Rod Milburn, medalha de ouro dos Jogos de Munique na prova dos 110 metros barreiras, conseguiu a sua primeira vitória com o estatuto de amador depois de nos últimos sete anos ter sido profissional. Milburn (32 anos) ganhou as 60 jardas barreiras (54,8 metros) com 7.09 segundos, batendo o seu compatriota Lance Babb, com 7,16 segundos.

A norte-americana Rosalyn Bruyant melhorou por duas vezes a marca do seu país nas 440 jardas (400 metros) conseguindo 54,31 segundos na eliminatória e 53,92 segundos na final.

AUSTRÍACOS EM MILÃO

Herbert Prohaska, médio do Áustria de Viena e da selecção nacional austríaca, envergará na próxima temporada a camisola do Inter (de Milão) se a Federação Italiana aprovar a contratação de futebolistas estrangeiros.

Para assegurar esta transferência, o Inter está disposto a pagar um bilião de liras (63 000 contos) ao Áustria e 600 milhões de liras (34 000 contos) ao jogador, por um contrato de três anos.

Também o Milan AC não descura o reforço do seu «plantel» e já está em negociações com Hans Krankl, ponta-de-lança da selecção austríaca.

GOLFE NO ALGARVE

conclui-se hoje, no Clube de Golfe Dom Pedro (Vilamoura) o torneio de golfe Algarve-80 com cerca de uma centena de jogadores nomeadamente de Inglaterra, Canadá, Itália, Escócia, Suécia e Alemanha. A prova está a ser jogada em 54 buracos e foi organizada pela Associação dos Profissionais de Golfe de Portugal.

Encontra-se em primeiro lugar, após 18 buracos, o profissional Sebastião Gil (da Quinta do Lago) com 75 pancadas. Em amadores, o primeiro é F. Puthill (inglês), à melhor bola c/ 65 pancadas; segunda – Mary Stenstrom (sueca) à melhor bola c/ 65 pancadas.

De hoje a domingo em Dortmund

Campeonatos do mundo de patinagem

Duas semanas após os Jogos Olímpicos de Inverno, o escol da patinagem artística volta a reunir-se, de hoje a domingo, em Dortmund, para disputar os campeonatos do mundo, os quais deverão constituir em princípio uma repetição de Lake Placid e também o fim de uma era, já que numerosas figuras habituadas ao pódio tencionam retirar-se este ano da competição.

Sabe-se, entretanto, que o título de pares, não irá para os vencedores de Lake Placid, a famosa dupla soviética Irina Rodnina e Alexandre Zaiteseev. Lesionada no ombro, Irina preferiu não comparecer em Dortmund. Conhecida a ausência do par americano Tai Babilonia-Randy Gardner (este último não se recompôs ainda de uma lesão na virilha que o obrigará já a renunciar à prova olímpica, o despique de pares vai assim perder algo do seu interesse.

A competição Rodnina – Zaitseev e Babilonia – Gardner, estes últimos detentores do título mundial conquistado o ano passado na ausência do par soviético, devia constituir com efeito um dos momentos culminantes de Dortmund. Aguarda-se agora com curiosidade a actuação dos jovens soviéticos Marina Cherkasova–Sergei Shakrai que poderão vir a revelar-se dignos émulos dos laureados olímpicos seus compatriotas.

Os crónicos campeões soviéticos Irina Rodnina-Alexandre Zaitseev são os grandes ausentes do Mundial 80. Resta a curiosidade de saber quem lhes vai suceder

A síntese da semana

A sexta edição do Rali de Portuga/Vinho do Porto, ganho de forma convincente pelo alemão federal Walter Rohrl, em Fiat 131 Abarth, dominou a semana desportiva nacional.

A prova foi dominada pela FIAT, que conseguiu os dois primeiros lugares da «geral».

O acontecimento mais importante, a nível internacional, foi o Cross das Nações, em Paris, onde os representantes portugueses tiveram actuação decepcionante, bastante aquém do que seria de esperar.

Fernando Mamede foi o melhor português, na décima sexta posição.

O Boavista, detentor da Taça de Portugal, foi domingo eliminado da competição pelo Marítimo, o mesmo acontecendo ao Setúbal, batido em «casa» pelo Varzim.

Porto e Benfica são os outros dois semifinalistas, ao vencerem o Beira-Mar e o Bragança, respectivamente.

As taças europeias voltaram a ter mais uma jornada, plena de surpresas, com as derrotas em «casa» do Nottingham Forest, actual campeão europeu de clubes, e Barcelona frente ao Dínamo de Berlim e Valência de Espanha.

O Olímpia do Paraguai sagrou-se campeão intercontinental de clubes, em futebol, ao vencer o Malmoe da Suécia, por 2-1, na segunda «mão» da final.

Na primeira «mão», os paraguaios venceram igualmente por 1-0.

No encontro internacional de natação, URSS-RDA, em Leninegrado, foram melhorados o recorde mundial dos 400 metros estilos e os recordes europeus dos 4x200 e 4x100 metros livres.

Petra Schneider estabeleceu o novo máximo «mundial», e dois quartetos soviéticos os máximos europeus.

O sueco Bjorn Borg, número umdo «ranking» mundial de ténis, foi batido em duas jornadas consecutivas pelo norte-americano Vitas Gerulaitis e pelo italiano Adriano Pannatta, vendo-se relegado para o quarto e último lugar do torneio «Copa Braun», em Munique.

Argentina, Alemanha Federal e França passaram à fase seguinte da Taça Davis, eliminando, respectivamente, os Estados Unidos, vencedores da competição nos dois últimos anos, a Espanha e a Finlândia.

O panorama ciclista internacional foi dominado pelo início da «clássica» Paris-Nice e da volta do Adriático, sem que, contudo, nelas participem os principais nomes da modadlidade.

Cem países já confirmaram a sua participação nas Olimpíadas de Moscovo, revelou o presidente do Comité organizador Ignaty Novikov citado pela agência Tass.

O italo-argentino Helénio Herrera, «Il Mago», como é conhecido no futebol europeu, voltou ao Barcelona, depois de uma ausência de vinte anos.

Ao serviço do Inter de Milão, Herrera conquistou duas taças dos clubes campeões europeus.

Vinte e sete futebolistas italianos, entre os quais o internacional Paolo Rossi, foram acusados por dois comerciantes de Roma de terem aceite subornos para favorecer determinados resultados finais de jogos das primeira e segunda divisões do campeonato da Liga italiana.

A Justiça italiana começou a investigar o caso.

Ténis

Argentina ganha final americana da Taça Davis

Com o triunfo de José Luís Clerc sobre o americano Brian Gottfried, por 7/5 e 6/3, a Argentina ganhou por 4-1 a final da zona americana da Taça Davis de Ténis.

Clerc obteve o 4.º ponto para a Argentina contra Gottfried, num jogo disputado em três «sets», depois do seu compatriota Guillermo Vilas ter vencido John McEnroe por 6/2, 4/6, 6/3, 2/6 e 6/4, obtendo ao mesmo tempo a qualificação para o seu país.

Durante a tarde de sexta-feira, Vilas conseguiu o primeiro ponto para a Argentina ao vencer Gottfried por 7/5, 6/4 e 6/3, quando do primeiro simples que abriu a final americana.

José Luís Clerc conseguiu depois, com surpresa geral, impor-se perante McEnroe por 6/3, 6/2, 4/6 e 13/11, durante uma partida encarniçada que começou na sexta-feira e que terminou no sábado, após seis horas de jogo.

Os Estados Unidos salvaram a honra do duplo, McEnroe/Fleming, dominando facilmente Carlos Gattiker/Ricardo Cano.

Depois desta surpreendente vitória sobre os Estados Unidos, a Argentina deverá defrontar o vencedor do jogo Austrália/Nova Zelândia.

A ELIMINAÇÃO DE UM GIGANTE

Os Estados Unidos, um dos dois «gigantes» (juntamente com a Austrália) da Taça Davis, foram prematuramente postos fora da competição de 1980. A equipa americana, se bem que representada por dois dos melhores jogadores do mundo, foi eliminada durante o passado fim-de-semana, em Buenos Aires, pela Argentina, conduzida por Guillermo Vilas e José Luís Clerc.

Vencedores da Taça Davis em 1978 e 1979, os Estados Unidos não poderão inscrever este ano o seu nome sobre a famosa taça que foi posta em jogo em 1900.

Já, em 1977, a equipa americana tinha sido eliminada em Buenos Aires, no final da zona, pela Argentina, que então alinhava Vilas e Ricardo Cano. Mas, nessa época, os Estados Unidos não estavam representados pela elite, já que jogavam Brian Gottfried e Dick Stockton.

Desta vez, o número um americano, John McEnroe, estava presente. Mas, actualmente, o campeão do «Us-Open» está a atravessar um período difícil, como o demonstram os resultados irregulares. Quanto a Brian Gottfried, já não possui a sua eficácia de antigamente.

A presença de Vitas Gerulaitis ou de Jimmy Connors, poderia, eventualmente, ter mudado o curso dos acontecimentos...

Futebol no mundo

Reeves: do Norwich City para o Manchester City por 140 mil contos

Kevin Reeves, tornou-se o quarto futebolista britânico a ser transferido por mais de um milhão de libras (106 mil contos), revelaram dirigentes do Manchester City.

Malcom Allison, «manager» do City, vai pagar um milhão e 250 mil libras (cerca de 140 mil contos) pelo internacional inglês Reeves, que alinha no Norwich City

Reeves, 22 anos, estreia-se sábado pelo City frente ao Arsenal.

Os outros jogadores britânicos a transferirem-se por mais de um milhão de libras foram Trevor Francis (Nottingham Forest), Andy Gray (Wolverhampton) e Steve Daley (Manchester City).

VIOLÊNCIA EM AMESTERDÃO

Onze feridos, dos quais quatro polícias, foi o balanço dos incidentes verificados domingo em Amesterdão devido ao encontro de futebol entre o Ajax e o Feyenoord, que terminou empatado a uma bola.

Um porta-voz da Polícia afirmou que a corporação foi obrigada a intervir várias vezes para serenar os ânimos dos adeptos do Feyenoord, vindos de Roterdão horas antes do desafio.

Os telespectadores holandeses foram também vítimas do vandalismo dos adeptos do Feyenoord. Ficaram privados de assistir à transmissão directa do encontro, porque aqueles adeptos destruiiram o camião emissor da Televisão.

Armados de barras de ferro e correntes de bicicleta, os exaltados simpatizantes da equipa visitante assaltaram no final do jogo as instalações do estádio, tendo sido, porém, repelidos pela Polícia.

COREIA DO NORTE VENCE A ÍNDIA

A Coreia do Norte venceu em Singapura a India, por 2-1, no último encontro do Grupo Três asiático de apuramento para a competição de futebol dos Jogos Olímpicos de Moscovo.

Jogos Olímpicos de Moscovo

Federação Internacional de Atletismo previne-se contra tentativa de boicote

Os dezoito conselheiros da Federação Internacional de Atletismo Amador (FIAA) reunidos em Paris, decidiram não sancionar qualquer competição durante o período previsto para os Jogos Olímpicos de Moscovo.

Fontes próximas do Conselho disseram que a resolução foi tomada deliberadamente para evitar que os Estados Unidos ou outros países ocidentais organizem uma competição paralela se se concretizar o boicote aos jogos.

Os atletas que competirem em provas entre 19 de Julho e 3 de Agosto ficam sujeitos a suspensão, mas os países poderão realizar competições internas para os atletas não inscritos nos Jogos Olímpicos.

O Conselho deu total apoio ao Comité Olímpico Internacional (COI), que insiste na realização da Olimpíada em Moscovo, apesar da intervenção soviética no Afeganistão.

No comunicado final do primeiro dos dois dias do Concelho, a FIAA declarou que «a decisão de organizar os jogos deve pertencer exclusivamente ao COI».

Amanhã, o Concelho vai discutir uma proposta controversa para alteração das regras do amadorismo na modalidade, subscrita pelos Estados Unidos, Inglaterra, Dinamarca e Noruega.

RFA NÃO QUER «CONTRA-OLIMPÍADAS»

A República Federal da Alemanha, demarcou-se da proposta norte-americana de realização de olimpíadas paralelas aos jogos do próximo Verão em Moscovo.

Totobola: 68 com 13

Sessenta e oito apostadores do Totobola, dos quais três de Moçambique, acertaram em treze resultados no concurso de domingo.

Cada «totalista» receberá 195.868 escudos e quarenta centavos.

Com doze resultados certos foram apurados 2.671 apostas, das quais 99 de Moçambique, correspondendo a cada uma o prémio de 4.986 escudos e cinquenta centavos.

Roteiro cultural

TEATRO

O público do Porto vai poder assistir nos próximos dias 13, 14, 15 e 16, na sala da Cooperativa do Povo portuense, e devido ao apoio da Seiva Trupe, ao mais recente espectáculo da companhia do Centro Cultural de Évora. Trata-se de «A bilha quebrada», peça do autor alemão Heinrich von Kleist, que tem encenação de Luís Varela e cenários e figurinos de Manuel Costa Dias. Estes espectáculos estão integrados numa longa digressão que levará a imagem do Centro Cultural de Évora a outros locais como Aveiro, Póvoa de Varzim, Leiria, Marinha Grande, Nazaré e Torres Vedras. A interpretação da «A bilha quebrada» está a cargo de Alexandre Passos, Álvaro Corte Real, Amélia Varejão, Argentina Rocha, Augusto Leal, Clara Joana, Fernando Mora Ramos, Figueira Cid, Rosário Gonzaga, Teresa Gonçalves, Vítor Santos e Vítor Zambujo.

MÚSICA

Apresentar-se-á no Porto, no próximo dia 13, pelas 21.30 horas, no Teatro Rivoli, a Orquestra Gulbenkian, em mais um espectáculo, que resulta da colaboração que vem sendo mantida entre a Câmara Municipal da capital nortenha e a Fundação Calouste Gulbenkian. A direcção estará a cargo de Cláudio Scimone, já bem conhecido do público portuense. O solista será Kenneth Gilbert (cravo). O programa é o seguinte: «Te Deum», de Sousa Carvalho, «Concerto para cravo e orquestra», de Haydn, «Concerto para cravo em ré menor», de Bach, e «Sinfonia militar», de Haydn.

CINEMA

De colaboração com a Juventude Musical Portuguesa e o Cineclube do Porto, o Instituto Alemão do Porto apresenta de hoje até ao dia 24 deste mês um ciclo de ópera filmada.

Parte do ciclo será exibida no Cinema Lumiere, às 18 horas: hoje, «Socorro, socorro, os Globolinks»; dia 18 «Os Mestres Cantores de Nuremberga, I»; dia 25 «Os Mestres Cantores de Nuremberga, II». A segunda parte do ciclo será apresentada na sede do Cineclube do Porto, Rua do Rosário 5-1.°, às 21 e 30: dia 21, «As Bodas de Figaro, I»; 22 «As Bodas de Figaro, II» e 24 «A Flauta Mágica». As entradas são gratuitas.

«Adeus Macho» será o filme em debate hoje à tarde no Centro Nacional de Cultura. A última obra do controverso autor de «A grande Farra» e «A última Mulher» será introduzida pela psicanalista Maria Belo e pelo crítico de cinema Vicente Jorge Silva. Estes debates realizam-se regularmente de quinze em quinze dias e contaram em sessões anteriores com a presença de Alberto Pimenta e Ricardo Averini.

Cena de «A Bilha Quebrada», pelo Centro Cultural de Évora

CONFERÊNCIAS

No âmbito da exposição documental sobre «O Futurismo Italiano», promovida pelo Centro de Arte Contemporânea e pelo Instituto Italiano de Cultura em colaboração com a Fundação Eng.° António de Almeida, realiza-se hoje, pelas 21 e 30, na sede da referida Fundação (Rua Tenente Valadim 231/57, Porto), uma palestra do prof. José Augusto Seabra, subordinada ao tema «Marinetti e o Futurismo em Portugal».

EXPOSIÇÕES

Por iniciativa do Centro de Arte Contemporânea e do Instituto Alemão do Porto, é inaugurada, no Museu Nacional de Soares dos Reis daquela cidade, pelas 18 horas de hoje, uma importante exposição documental sobre o movimento internacional «Arte Nova». Vinda expressamente da Alemanha, esta exposição será posteriormente apresentada em Lisboa, na Fundação Calouste Gulbenkian, devendo constituir entretanto um dos mais importantes acontecimentos da decorrente temporada artística portuense e atendendo, quer à qualidade estética e didática do material reunido, quer ao renovado interesse suscitado actual e internacionalmente pelo movimento «Arte Nova», autêntico preâmbulo às mais importantes flexões da arte moderna em domínios múltiplos, abrangendo não só a pintura e arquitectura como a decoração, mobiliário, joalharia, cerâmica, etc..

De hoje até 25 do corrente mês estará patente na Casa do Infante (Porto) uma exposição do livro da RFA, promovida pelo Instituto Alemão do Porto. A exposição será acompanhada de conferências a realizar nos dias 12 e 13, às 18 horas, na Faculdade de Letras, respectivamente por Jochen Vogt, sobre «O Terceiro Reich e a literatura alemã contemporânea», e João Barrento sobre a «Tradução de literatura alemã em Portugal desde 1945».

Isaac Pomié, nome conhecido de entre os artistas chamados «conceptuais», apresenta na Galeria Quadrum uma intervenção.

A exposição consiste em «jardinagens», constituídas por terra espalhada. Eis como o artista francês justifica a sua obra: «A pintura progressivamente libertada das suas finalidades figurativas deixou de ser logicamente uma técnica privilegiada». Pomié afirma que a sua obra «manifesta, o carácter ridículo e a pretensão do artista que se manifesta através da oposição entre limpidez e sujidade». Depois de terem estado em Tóquio e Alemanha Federal, Pomié apresentará as suas «jardinagens» em Londres.

Amanhã, às 18 horas, inaugura-se na Gulbenkian a exposição do antigo bolseiro da Fundação Pinto Coelho, que será constituída por 16 trabalhos sobre tela (a óleo), dois desenhos, 15 óleos sobre cartolina, 15 desenhos, 8 desenhos-colagens, 6 cerâmicas, 164 figuras em madeira e 13 fotografias. Pinto Coelho estudou pintura e escultura na Esbal e vive em Madrid.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS	(Por UNIDADE) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	55$25	60$25
ALEMANHA FED. (marco)	26$75	27$85
ÁUSTRIA (xelim)	3$85	3$85
BÉLGICA (franco)	1$583	1$683
BRASIL (cruzeiro)	$729	1$079
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	41$30	43$30
(notas de 5 a 1000)	41$80	43$80
DINAMARCA (coroa)	8$55	8$95
ESPANHA (peseta)	$681	$781
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	48$00	50$00
(notas de 5 a 1000)	48$50	50$50
FINLÂNDIA (marka)	12$70	13$30
FRANÇA (franco)	11$45	12$05
HOLANDA (florim)	24$4o	25$40
INGLATERRA (libra)	107$75	111$75
ITÁLIA (lira)	$050	$062
JAPÃO (iene)	$176	$206
NORUEGA (coroa)	9$65	10$15
SUÉCIA (coroa)	11$30	11$90
SUÍÇA (franco)	28$00	29$10
VENEZUELA (bolivar)	9$75	10$75

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado e o vento era fraco de Nordeste.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	11°
BRAGANÇA	3°
VILA REAL	9°
PORTO	11°
PENHAS DOURADAS	6°
COIMBRA	12°
CABO CARVOEIRO	12°
PORTALEGRE	13°
LISBOA	13°
ÉVORA	11°
SINES	11°
BEJA	10°
SAGRES	15°
FARO	16°
PONTA DELGADA	12°
FUNCHAL	15°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
10.09 **3,1 m**	3.26 **1,8 m**
22.49 **3,3 m**	16.05 **1,8 m**
Dia 12	
11.37 **3,3 m**	4.51 1,6 m
	17.22 **1,6 m**
Dia 13	
0.03 **3,5 m**	5.58 **1,3 m**
12.41 **3,5 m**	18.22 **1,3 m**

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco ou moderado de Nordeste; acentuado arrefecimento nocturno.

AMANHÃ
NASCER ÀS 6.52
OCASO ÀS 18.41

DIA 16 DIA 23 DIA 31 DIA 8

rádio

1.° PROGRAMA

17.00: Informação. Trajectória, programa da juventude; 19.00: Música Portuguesa; 19.30: Jornal da Noite; 19.50: Música Instrumental; 20.00: Retrospectiva; 20.30: Poemas e Poetas, por Hermínia Tojal; 20.45: 15 Minutos com...; 21.00: Música Variada; 22.00: Rádio Serviço; 23.00: Programa da Noite; 24.00: Jornal da Meia-Noite.

2.° PROGRAMA

18.00: Música Portuguesa; 19.00: Terra Viva, Planeta Azul, programa sobre ecologia; 19.30: O Flautista Hubert Barwahser, acompanhado pela Orquestra Sinfónica de Londres – Concerto n.° 1, em sol maior, K.313, de Mozart; 20.00: Ensaio Geral (RDP/NORTE); 20.30: Ciclo Brahms: – Quarteto em sol menor, op. 25 – Quarteto op. 92 pelo Quarteto Vocal do «Gachinger Cantorei»; 21.30 : Aspectos da Moderna Música Espanhola; 22.30: O Gosto pela Música, pelo dr. João de Freitas Branco; 23.00: Intercâmbio Musical. Temporada de 1978/79 das Orquestras da Rádio França – gravações cedidas por aquele organismo de radiodifusão; No Intervalo: Música da Renascença. – Obras Italianas de Johannes Ciconia, 00.32: Canções de Mozart; 01 00. Fecho

RÁDIO COMERCIAL (290m)

17.03: Contacto, 18.45: O Mundo da fórmula 1; 19.03: Carros roubados / SOS; 19.45: Teatro trágico; 20.03: Quando o Telefone Toca; 20.30: Cartaz; 21.03: Novas de Alegria; 21.30: Quando o Telefone Toca; 22.03: Quando o Telefone Toca; 22.30: Portugal e a CEE; 23.30: Jornal noticioso.

EMISSÃO ESTEREOFÓNICA (97,4 MHz)

16.03: Rock em Stock; 17.30: A história do rock inglês; 18.03: Círculo em FM; 19.03: Em Órbita; 21.03; Café Concerto; 23.00: Noticiário.

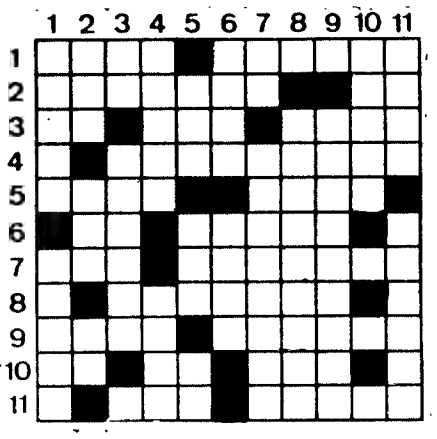
RÁDIO RENASCENÇA

18.08: Apelos; 18.15: Igreja em Notícia - Palavra do dia; 18.30: Transmissão do Terço da Igreja de S. João de Brito; 19.00: Programa da Liga dos Amigos de RR; 20.54: Apelos; 21.05: Espaço musical; 21.30: Temas Vivos; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Ao Encontro da Grande Música; 23.30: Dicionário de Economia; 23.55: Fecho.

Transportado pelos Caminhos de Ferro Portugueses

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.° 12 581



HORIZONTAIS:

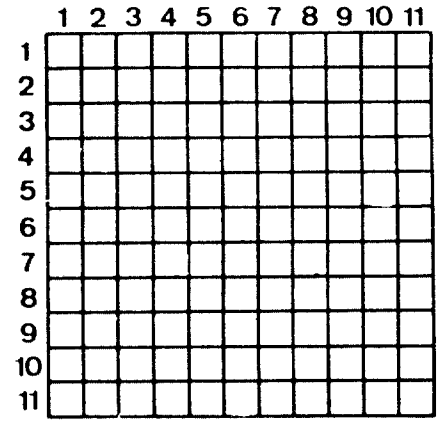
1 Criada de servir. Sombrio.
2 Lauto. Clima.
3 O mesmo que uma (ant. e pop). Escudeiro. Casta.
4 Pareceras bem.
5 Espeta o arpéu em. Metal precioso de cor amarela.
6 O sono das crianças. Árvore indiana de fibras têxteis.
7 Tens. MII e nove em romano.
8 Subira a.
9 Dai mios. Amas.
10 Érbio (s.q.). Amónio (s.q.). Fileira.
11 Artigo indefinido. Dance o samba (Bras.).

VERTICAIS:

1 Vila e concelho do distrito de Beja. Ser humano.
2 Capa sem mangas. Rate. Caminhar.
3 Cento e um em romano. Sustenta.
4 Some (fig.). Escameçam.
5 Oásis. Pronome relativo. Ruim.
6 Ressoa. O mesmo que betele.
7 Letra grega. O mesmo que douradas.
8 Carril, calha de ferro. Ave semelhante à pomba.
9 Encostaram.
10 Taco muito comprido.
11 Estavas. Vive.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.° 8641



HORIZONTAIS:

1 Pássaro brasileiro. Estimara.
2 Gostar muito de. Leal.
3 Ria. Preposição.
4 Irmão do pai. Deram urros.
5 Carta de jogar. Caminha.
6 Cobalto (s.q.). Um dos estados do Brasil.
7 Amante. Tempo do verbo ser.
8 Mau. Vossa Alteza.
9 Letra grega. Nome de Buda, na China.
10 Bário (s.q.). Queimavas.
11 Poisa no mar (o avião). Tempo do verbo ser.

VERTICAIS:

1 Saltão. Bário (s.q.).
2 Apreciais. Saram.
3 Cada fruto do cacho de uvas. Nome de mês.
4 Cantão da Suíça (inv). Prefixo de negação. Senhor.
5 Jamais.
6 Visto com farda. Bondosa.
7 Nesse lugar. Batráquio. Reis.
8 Montão. Semente de diversos frutos.
9 Avisara do perigo. Caminhar.
10 Batráquio. Autores.
11 Alojasses em tendas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.° 12 580

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Saltamos. O	1 Saba. SEGURO.
2 Acartou. Sãs.	2 Acamparam.
3 Baco. Amos.	3 Laça. Sãs. OC.
4 Amaçaram. Só.	4 Troça. Grã.
5 Ateais.	5 AT. Atrairam.
6 Sãs. Rumai.	6 MORREU. DE.
7 Erada. Leva.	7 Ou. Aam. Agás.
8 Gas. Ida. Ser.	8 Amial. Ás.
9 Um. Grega. Lr.	9 SM. Sies.
10 Ora. Ás. Ha.	10 Aos. VELHO.
11 Orçamos. Sós.	11 Ossos. Arras.

Provérbio: O SEGURO MORREU DE VELHO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.° 8640

HORIZONTAIS:	VERTICAIS
1 Cá. Aa. Sabão.	1 Cavara. Maga.
2 Acampa. Seco.	2 Açor. Mortal.
3 Votou. Asar.	3 Atadas. Uso.
4 Ará. Remotos.	4 Amo. Mat.
5 Doara. Aba.	5 Apura. Im. Am.
6 Ama. Adi. Al.	6 Eram. Ida.
7 Os. Imo. Ato.	7 Amados. Om.
8 Mr. Mm. Socai.	8 Asso. Oira.
9 Atua. Ia.	9 Beata. Aca.
10 Gastador. VS.	10 Acrobata. VA.
11 Alo. Mimara.	11 Oo. Saloios.

farmácias

Lisboa

PERMANENTE (Hoje)

PAIS – Rua Abade Faria, 22-A T. 883965; **SANTO AMARO** – Rua Filinto Elísio, 29-A/B T. 537070; **BRISÁLIA** – Av. Rio de Janeiro, 66-66/A T. 882368; **FÁTIMA** – Av. 5 de Outubro, 147-A T. 763107; **SIRIUS** – Rua Fialho de Almeida, 38-A T. 44000; **BARRAL** – Rua Augusta, 225 T. 361534; **REBOCHO** – Rua Ten.-Cor. Ribeiro Reis, 12-B T. 743871; **PINHEIRO** – Rua Campo de Ourique, 135 T. 686640; **ALAMEDA** – Alm. Linhas Torres, 201-B T 790942; **FONTOURA DE CARVALHO** – Rua Santos-o-Velho, 12 T. 662075; **BRANCO** – Av. Comb. Grande Guerra, 29 T. 2112081; **JOLENI** – Rua Dr. Alexandre Braga, 3-B T 910812; **CRUZ CORREIA** – Est. St. Eloi, 41-A T. 992453.

REFORÇO

PEREIRA, SUC. – Rua Paraíso, 98-100 T. 863224; **BOM SUCESSO** – Rua Bartolomeu Dias, 63-A T. 611454; **NOVA** – Rua de Campolide, 297-C T. 687475; **AVIS** – Av. de Roma, 56-B/C T. 895370; **MORGADO LOURENÇO** – Lg. D. Estefânia, 4-5 T. 554808; **ANDRADE RIBEIRO** – Av. Infante Santo, 66-B T. 666971; **FERNANDES BORGES** – Rua Cidade Benguela, Lt. 300 T. 311091; **HIGIÉNICA** – Rua Heliodoro Salgado, 20-A T. 844361; **MARLUZ** – Cc. da Picheleira, 140-B/C T. 880703; **SÃO MAMEDE** – Rua Escola Politécnica, 82-B T 660280; **BRITO** – Rua do Colégio, Lt 32-B T. 993351; **NOVA** – Rua Açores, 11-A T. 910305; **MATOS** – Tv. Prioras (Viv Morgadinho), 2519939; **VAZ MARTINS** – Rua António Ferro, 6-A T. 970660

Outra Banda

ALMADA – Castro Rodrigues – R. Capitão Leitão, 21-A (T. 2750076); **COVA DA PIEDADE – Garcia Reis** – R. dr. Alberto Araújo, 19-A; **LARANJEIRO – Oliveira Sérgio; COSTA DA CAPARICA – Higiénica** – Av. da República, 23 (T. 240002); **SESIMBRA – Lopes** – R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **BARREIRO – Higiénica** – R. D. Manuel I, 178 (T. 2073017); **AMORA – Matos Lopes** – R. 1.º de Maio, Lote 401 (T. 2216355); **SEIXAL – Godinho** – L. da Igreja, 51 (T. 2218580); **MONTIJO – Giraldes** – R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008); **MOITA – Silva Rocha** – P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS – Portugal** – Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE – Nunes** – L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

Linha de Cascais

TIRES – Guimarães. Até às 21 horas; **ALCABIDECHE – Carvalho.** Até às 21 horas; **PORTO SALVO – Ferreira Bastos.** Até às 21 horas; **CARCAVELOS – Central.** Até às 22 horas; **CARCAVELOS – Vilar.** Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA – Godinho da Silveira** – Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS – Trindade Brás** – R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS – Godinho** – R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS – Leal** – Até às 21 horas; **PAREDE – Macau** – R. J. Elias Garcia, 60-C (T. 2471785). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAREDE – Junqueiro-Mendes** – Até às 21 horas; **AMOREIRA – Amoreira** – (T. 282313/267314) Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL – Suiça** – Cruzeiro (T. 260087). Até às 21 horas; **CASCAIS – Misericórdia** – R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Até às 21 horas; **CASCAIS – Cascais** – R. Conde Monte Real – B.º Cabras (T. 282407). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA – Girassol – R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Permanente; **Holândia** – R. Elias Garcia, 2 (T. 933303). Até às 22 horas; **DAMAIA – Confiança** – R. D. Maria II, Lote D (T. 9710231); **QUELUZ – GH** – Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117); **CAMARATE – Batalha** – R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669); **CACÉM – Rodrigues Garcia** – Av. dos Bons Amigos, Lote, 5-D; **MEM MARTINS – Miranda Garcia** – Est. Mem Martins, 173-B (T. 2914103). Até às 24 horas; **AGUALVA – CACÉM – Mira Sintra** – P. N-Torre, 310. Até às 20.30 horas; **MERCÊS – Claro Russo** – Até às 21 horas; **RIO DE MOURO – Riomouro** – Av. Óscar Mont.º Torres, 8 (T. 2960194). Permanente; **SINTRA – Marrazes** – Estefânia (T. 2930058). Permanente; Colares – Abreja – (T. 299088).

MOSCAVIDE: St.ª Bárbara, R. Francisco Beato, 75 (T. 2518918). Permanente; **SACAVÉM: Lourenço**, R. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

CAMPOS, R. Padre Luís Gabral, 943, Foz (T. 680113); **ALVES MOREIRA**, Av. Rodrigues de Freitas, 167 (T. 51889); **MAIA**, R. do Campo Alegre, 192 (T. 64450); **Monte dos burgos**, R. do Monte dos Burgos, 802 (T. 62279); **ALIANÇA**, R. da Conceição, 2 (T. 24203); **BOTELHO**, R. da Alegria, 363 (T. 480069); **ESTÁCIO**, R. Sá da Bandeira, 120 (T. 22664); **LIDADOR**, R. do Lidador, 265 (T. 683739).

DE DIA E TODA A NOITE

MENESES DE LIMA, P. Dr. Pedro Teotónio Pereira, 277 (T. 51764); **CLÉRIGOS**, R. dos Clérigos, 36 (T. 31539); **CRUZ**, R. de Costa Cabral, 1082 (T. 48004); **GUARANI**, R. de Pedro Hispano, 367 (T. 62250).

Coimbra

(Das 9 horas, às 9 do dia seguinte)

FIGUEIREDO, R. da Sofia, 107 (T. 51889); **DIAS FERREIRA**, Bairro da Solum (T. 72120).

teatros

VARIEDADES – «Isso É que Era Bom», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
ÁDOQUE «Querias mas não Te Dou», às 21.45 (18 anos)
MARIA MATOS – «Filomena Marturano», às 21.45 (13 anos)
TRINDADE – «A Invasão», às 20.30 e 22.45 (13 anos)
A BARRACA – «O Preto no Branco», às 21.30 (13 anos)
LAURA ALVES – «O Gato», às 21.45 (13 anos)
COMUNA – «O Dragão», às 21.45 (13 anos)

Outros Espectáculos Lisboa

CAPITÓLIO – «Na Praia é que é Bom», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLIMPIA – «Sessões permanentes «Os Desejos de Medoldy in Love», (18 anos)
CITY CINE – «A Aventura Começa em Cabo Blanco», às 21.15 (13 anos)
PROMOTORA – «A Freira Diabólica», às 21.30 (18 anos)
CINEARTE – «Golpe Mortal», às 21.30 (18 anos)
ROYAL – «Os Saqueadores», às 21.30 (13 anos)
PARIS – «O Xerife», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Um Homem e Três Mulheres», às 21.30 (13 anos)
PAREDE – Royal-cine – «Assassinos sobre rodas», às 21.15 (18 anos)

outros cinemas

PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Contrato para Matar», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Super Inframan», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «E o Amor Triunfou», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «As Caravanas», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

CACÉM – Estúdio Flores – «Eutanásia de um Amor», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS – Cine Chaby – «Gizzli – Monstro da Floresta», às 21.30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «O Regresso de Robin Hood», às 21.30 (6 anos)
SACAVÉM – S. José – «O Assalto à 13.ª Esquadra», às 21.30 (13 anos)
ALHANDRA – Salvador Marques – «A Noite em que a Terra Tremeu», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «O Lutador Invencível», às 21.15 (18 anos)
ALMADA – Academia – «Meteoro» às 21.30 (13 anos)

Porto

CHAPLIN – «O Beijo do Adeus», às 21.30 (13 anos)

FOCO – «Arroz Amargo», às 21.30 (13 anos)

OLIMPIA – «Homens Perigosos», às 21.45 (13 anos)

JÚLIO DINIS – «As Duas Eram Dinamite», às 21.30 (18 anos)

RIVOLI – «Drácola o Principe das Trevas», às 21.30 (18 anos)

PASSOS MANUEL – «Sonata de Outono», às 21.30 (18 anos)

VALE FORMOSO – «Amor Perdido», às 21.30 (13 anos)

ESTÚDIO – «Mario Precisa-se», às 21.30 (13 anos)

TRINDADE – «Uma Mulher de Sonho», às 21.30 (18 anos)

CHARLOT – «Sonata de Outono», às 21.30 (18 anos)

BATALHA – «Cactus Jack – o Vilão», às 21.45 (6 anos)

BEBÉ – «E a Ternura? Uma Ovoa» 21.45 (13 anos0

CARLOS ALBERTO – «Basta que não se Saiba», às 21.45 (13 anos)

LUMIÈRE-A – «Uma Aventura para Dois», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-L – «Um Amor em Nova Iorque», às 21.45 (13 anos)

ÁGUIA – «O Campeão», às 21.15 (13 anos)

COLISEU – «Loucuras Americanas», às 21.30 (18 anos)

S. JOÃO – «O Campeão», às 21.45 (13 anos)

VINHO CASAL DA PONTE PARA QUEM É EXIGENTE

Sociedade dos Vinhos do Sul, L.da

ARMAZENISTAS EXPORTADORES – WINE EXPORT –

SEDE AZAMBUJA | ESCRITÓRIO CENTRAL AV. ALMIRANTE REIS 45-4.º Dto. | TELS. LISBOA – 843391/2 AZAMBUJA 053 – 42150 TELEX – 12346 SULVIN P

centros de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade
SALA A 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45 – N. ac. men. 13 a.
AS ASAS DA ÁGUIA
Um filme de Anthony Harney
SALA B às 15, 17, 19, 21.30 e 23.45 – 13 a.
MANHATTAN

ALVALADE 897480
Av. de Roma
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 – Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
O GATO QUE VEIO DO ESPAÇO
c/ Ken Berry, Sandy Duncan e Harry Morgan
Falado em português

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
Sessões às 13.30 15.30 17.30 19.30 21.30
Não acons. men. de 13 anos
JOGO BAIXO
Hoje e todos os dias às 23.30 horas
Não acons. a men. de 18 anos
O GRANDE CONQUISTADOR
com Woody Allen

AVIS 547163
Av Duque D'Avila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men 18 anos depois de **A Liceal** e **Garota Para Todo o Serviço**
Glória Guida surge mais perturbante em
PECADOS DA JUVENTUDE

BERNA 776098
Av Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 – Int. men. 13 a.
O CAMPEÃO
c/ Jon Voight, Faye Dunaway e Ricky Schroder
Um filme de Franco Zeffirelli

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
AEROPORTO 80
c/ Alain Delon, Susan Blakely
16.ª Semana

CASTIL 530194
Rua Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
O sistema de justiça é uma gigantesca e complexa máquina
Al Pacino em
E JUSTIÇA PARA TODOS
Um filme de Norman Jewison

CINE 222 Tel. 579460
Av Praia da Vitoria 37 (Ao Saldanha)
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Maiores 13 anos
INÊS VAI MORRER
(Considerado filme de qualidade)
Às 23.45
Não acons. mens. 18 anos
IVES O TEMERÁRIO

CINEBOLSO 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19. e 21.30
Int. men. 18 anos
Encontros sexuais de todos os graus
PERVERSÕES SEM LIMITES
pornográfico Hard Core
Às 24 – N. ac. men. 13 a.
O BELO ANIMAL

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15
Às 14.15, 16.30 e 21.30 – Int. men. 18 a.
SÓ SE SALVAM OS VALENTES
c/ Chen Hui Min e Chin Fu Uan
Um filme de Wei Hay Feng

CONDES 322523
Av da Liberdade, 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 – N. ac. men. 18 a.
A FERRO E FOGO
c/ Sophia Loren e James Coburn
Um filme de Michel Wimmar
3.ª Semana

DOIS MIL 2100055
Av Bombeiros Voluntarios Lote 113 - Algés
Às 15.30, 18 e 21.30
Não acons. men. 13
OS FUGITIVOS DE ALCATRAZ

D. JOÃO V 971794
Praça Centro Comercial – Damaia
Às 21.30 – Int. men. 13 a.
O TERROR DOS ABISMOS

EDEN 320768
P dos Restauradores, 21
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
OS FUGITIVOS DE ALCATRAZ
c/ Clint Eastwood, Patrick McGoohan e Robert Blossom
Um filme de Don Siegel
3.ª Semana

ESTUDIO 555134
Av Afonso Henriques, 35
15.30, 18.30 e 21.30 – N. ac. men. 18 a.
ESCÂNDALO DE PRIMEIRA PÁGINA
c/ Isabelle Adjani e Gerard Depardieu
Um filme de André Techine
3.ª semana

ESTUDIO 444 779095
Av Defensores de Chaves, 83
15.30, 18.30 e 21.30 – Int. men. 13 a.
E A TERNURA?... UMA OVA
Complexados, ternos, românticos, obcecados e feministas já rebentaram de riso com o triunfo do ano em França
e Bernard Giraudeau
2.ª Semana

EUROPA 661016
R Almeida e Sousa, 35
Às 21.30 – Int. men. 13 a.
CARAVANAS
c/ Anthony Quinn, Jennifer O'Neill e Michael Sarrazin
Às 15.15 – N. ac. men. 18 a. – Última
ASSALTO À 13.ª ESQUADRA

IMPÉRIO 555134 5
Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
A ficção científica faz uma nova descoberta
O HUMANÓIDE
Um filme de George B. Lewis
2.ª Semana

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A
14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Um filme de Martin Ritt com Sally Field
1.º prémio Cannes
NORMA RAE
Filme de qualidade
9.ª Semana
Às 24 h - N. ac. a men. 18 a
AMOR E BALAS

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
15.15, 18.15 e 21.45
Não acons. men. 13 anos
LAÇOS DE SANGUE
Audrey Hepburn, Ben Gazzara, Romy Schneider, Omar Sharif
Projecção do filme 10 minutos após o início da sessão

MONTECARLO Tel. 681117
A. Pedro Alvares Cabral, 37
Às 15, 17, 19 e 21.45 – N. ac. men. 13 a.
ESCÂNDALO DE PRIMEIRA PÁGINA
c/ Marie France Pesier, Julien Guiomar e Jean-Claude Brialy
Um filme de André Techine

MUNDIAL 538743
R Martens Ferrao, 12-A
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 – Int. men. 13 a.
O CAMPEÃO
c/ Jon Voight, Faye Dunaway e Ricky Schroder
Um filme de Franco Zeffirelli
2.ª SEMANA

NIMAS 574362
Av 5 de Outubro 42-B
Às 14, 17 45 e 21 30
A ARVORE DOS TAMANCOS
Um filme de Ermanno Olmi
Palma de Ouro do Festival de Cannes
Melhor filme da década de 70, considerado unanimemente pelos críticos americanos e italianos, como um dos melhores filmes do ano

NOVOCINE 840678
Av General Roçadas, 7
As 15.15 e 21.30 – Int. men. 18 a.
A força incontrolável de um amor obsessivo
A MULLHER DE MEU PAI
c/ Carroll Baker e Adolfo Celi

ODEON 326283 4
R Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Int. men. 13 anos
PICANTE... MAS NÃO MUITO!
Com as esculturais Ursula Andress e Barbara Bouchet
Colorido

PATHÉ 821933
R Francisco Sanches, 122
Às 14.15, 16.30 e 18.45 – N. ac. men. 18 a. – Ultimas
A FERRO E FOGO
Estreia às 21.30
A BOMBA H DESAPARECIDA
c/ Olivia Hussey e Chris Mitchum

POLITEAMA 326305
R. Portas de St.º Antao
Às 14.15, 16.30, 19 e – Int. men. 13 a.
A AVENTURA COMEÇA EM CABO BLANCO
c/ Charles Bronson, James Roberds e Fernando Rey
2.ª Semana

RESTELO 610375
Av. Torre de Belém
Às 15.30 e 21.30 – N. ac. men. 18 a.
ATENÇÃO ÀS CURVAS

ROMA 887778
Av. de Roma, Lote JRB
Estreia às 21.30 – Int. men. 13 a.
Um festival de gargalhada
JÁ SE VIU TUDO
c/ Pierre Richard e Miou-Miou
Uma alegre comédia de Georges Leutner
Às 15.30 e 18.30 – Últimas
O HOMEM QUE MATOU O PASSADO

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30
Int. men. 13 anos
E JUSTIÇA PARA TODOS
Um filme extraordinariamente importante
Col. Al Pacino, Jack Warden e John Forsythe

SÃO JORGE 579144-579344
Av da Liberdade, 175
Às 15 15, 18, 15 21 30
Não acons men. 13 anos
Suspense e Aventura em
O MISTÉRIO DA DAMA DESAPARECIDA
Com Elliot Gould e Cybill Shepheard

SATÉLITE 562632
Av Fontes Pereira de Melo 61
4 sessões.
15 00 17.00 19.00 21.45h
Não acons. men. 18 anos
PROCESSO ARQUIVADO POR ORDEM REAL
Christopher Plummer, James Mason, Donald Sutherland
8.ª semana

STAR 804210
Av Guerra Junqueiro 14-C
14.30, 16 45 19 e 21.30 n.
– N. ac. men. 13 a.
Um grande êxito mundial
ACONTECEU EM PARIS
c/ Wayne Rogers e Gayle Hunnicutt
7.ª semana

TERMINAL 371573
Estaçao do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
Classif.: n/acons. m/18 anos
UMA MULHER DE SONHO
«10»
UM HOMEM NÃO PODE VIVER SÓ DO AR...

TIVOLI 570595
Av da Liberdade 188
Às 14, 16 30, 19 21 30 – N. ac men 13 a
OS BONS E OS MAUS
c/ Burt Reynolds, Sally Field e Jerry Reed
Um filme de Hal Needham e Robert L. Levy

VOX 880808
Av Fr Miguel Contreiras Lote 879
Às 15, 18.15 e 21.30 – Int. men. 13 a.
O mais espectacular Charles Bronson
A AVENTURA COMEÇA EM CABO BLANCO
c/ Charles Bronson, Dominique Sanda e Fernando Rey
2.ª semana

ZODÍACO 570151
Rua Conde de Redondo, 5
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
FEBRE DE PRIMAVERA
c/ Rajesch Khanna e Zennat Amad

QUARTETO R. Flores de Lima, 16 771378
SALA 1 às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 – Int. men. 13 a.
O HOMEM QUE MATOU O PASSADO
de: Stuart Cooper
SALA 2, às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 e 23.30
NOITES DE SINGAPURA
SALA 3, às 14, 16.30, 19, 21.30 e 23.30 N. ac. men. 18 a.
O AMIGO AMERICANO
SALA 4 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.30 – N. ac. men. 18 a.
ADEUS MACHO
de: Marco Ferreri

DL

PROPRIEDADE DA:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

Padre Adriano Botelho

Faleceu o padre Adriano Botelho. O seu funeral realizou-se hoje, ao meio-dia, para o cemitério de Cascais, depois de ter sido rezada missa de corpo presente na Igreja da Parede.

O padre Adriano Botelho foi prior de Alcântara nos anos 50. A sua acção em favor da população, e principalmente dos desfavorecidos, motivou a hostilidade e a perseguição da PIDE que culminou com o seu desterro, consentido pela Igreja, para a Argentina donde, anos depois, regressou doente.

Carácter íntegro de cristão, o padre Adriano Botelho foi testemunha, quando do julgamento no Tribunal Militar de Santa Clara, em 1960, de dois jovens comprometidos na tentativa revolucionária da Sé, em Março de 1969, Jaime Conde e Amândio Silva. Então declarou desassombradamente: «Sr. Doutor, se eles se meteram em alguma coisa, pode o sr. dr. Juiz estar certo que foi para bem do povo português.» Quando o padre Adriano Botelho, prestado o seu depoimento, se retirou da sala de audiências, os advogados da defesa – entre os quais Mário Soares, Salgado Zenha, Duarte Vidal, Artur Cunha Leal – ergueram-se e inclinaram-se manifestando-lhe o seu respeito.

Morreu Vasco de Lima Couto

O actor e poeta Vasco de Lima Couto, morreu segunda-feira à noite, em Lisboa, em consequência de doença súbita.

Autor de vários livros de poemas – entre os quais «O Silêncio das Palavras». Vasco de Lima Couto, de 47 anos, escreveu letras para intérpretes como Amália Rodrigues e Carlos do Carmo.

Começou a carreira de actor no Teatro Experimental do Porto, cidade onde nasceu. Sob a direcção de António Pedro, representou em encenações de peças de Arthur Miller, Eugene O'Neill, William Faulkner e outros autores.

Em Lisboa, esteve no Teatro-Estúdio de Luzia Maria Martins e no Maria Matos, integrado na cooperativa de Armando Cortês, tendo participado em «O Encoberto», de Natália Correia.

Gravou discos com poesia de Fernando Pessoa, Camões, Bocage.

O corpo de Vasco Lima Couto está no Instituto de Medicina Legal, realizando-se o funeral em data a marcar.

(Hoje 32 páginas)

O director da Comissão de Protecção contra a Radioactividade do Estado da Pensilvânia observa «a unidade 2» da central nuclear de Three Mile Island, deserta ainda, após o acidente ali verificado no ano passado. (Foto UPI-ANOP-DL)

Nuclear

Fissuras nas turbinas americanas de 10 centrais

A Comissão de Regulamentação da Energia Nuclear (NRC) ordenou a inspecção de 10 centrais nucleares em funcionamento nos Estados Unidos na sequência de «importantes fissuras» nas turbinas, noticiou o «Chicago Sun-Time».

Não foi ordenado o encerramento de nenhuma central, declarou um porta-voz NRC em Washington, precisando que as possíveis fugas não representavam «um perigo sério».

Fissuras foram descobertas, em quantidade, o ano passado, nas turbinas construídas pela «Westinghouse Electric Corp», na central de Surry, na Virgínia, e uma turbina «desintegrou-se parcialmente «em 14 de Fevereiro passado na central de Iankee Rowe, no Massachusetts, acrescenta o mesmo jornal.

Entretanto, a opinião pública norte-americana continua muito sensibilizada pela ameaça que representou o acidente verificado há poucos meses na «unidade 2» da central nuclear de Three Mile Island.

Sucedem-se, em todo o território dos EUA, as manifestações contra a incúria geralmente atribuída aos responsáveis norte-americanos no domínio do «nuclear».

Assembleia da República

Reforma Agrária volta a Antes da Ordem do Dia?

A Reforma Agrária, o recente comunicado do Conselho de Ministros, poderá criar alguma polémica esta tarde na Assembleia da República, no período de Antes da Ordem do Dia. A violência crescente no Alentejo, com a entrega de reservas, consideradas ilegais pelos trabalhadores e o comunicado do PS sobre o teor do texto do Conselho de Ministros, poderá levar a intervenções do PC e PS, UDP ou MDP. Intervenções essas, tanto mais justificáveis, quanto a presença e discurso de João Goulão, secretário de Estado do MAP, na interpelação ao Governo, originou o repúdio da Oposição e o embaraço da Maioria ao afirmar que o MAP «irá entregar a terra a quem sempre a teve».

Para além disso, já no período da Ordem do Dia, vai ser apreciado um projecto sobre controlo de incêndios nas florestas. Os fogos postos, os madeirenses, etc., serão temas a discutir esta tarde em S. Bento. A AR ouvirá ainda um relatório da Comissão da Condição Feminina e estão ainda agendadas mais três ratificações de decretos do Governo de Lurdes Pintasilgo.

Portugal volta aos segredos da NATO

Portugal acaba de informar os seus parceiros da NATO que se prepara para participar de novo no Grupo de Planeamento Nuclear (GPN), que define a estratégia nuclear daquela aliança militar. Esta informação, atribuída a diplomatas da NATO, foi divulgada ao fim da manhã de hoje, em Bruxelas, pela agência noticiosa Reuter.

Portugal abandonou o grupo, altamente secreto, em 1974, após os EUA terem objectado a que um Governo em que estivessem representados comunistas tomasse parte em discussões desse tipo.

Os ministros da Defesa de 12 países da NATO participarao na próxima sessão do GPN, marcada para a próxima Primavera na Noruega.

A França, que abandonou a estrutura militar integrada da NATO em 1964, o Luxemburgo e a Islândia, cujas Forças Armadas são insignificantes, não participam no GPN.

Indústria automóvel: "Renault" na Covilhã?

COVILHA, 11 – Responsáveis da Covilhã têm feito diligências e desenvolvido contactos no sentido da Renault aí vir a instalar uma das suas fábricas. Esses contactos e diligências, segundo o presidente da Câmara Municipal da Covilhã, Lopes Teixeira, processam-se com o Ministério da Indústria e da empresa Régie Renault.

De acordo com Lopes Teixeira, a situação da cidade e a própria candidatura estarão em condição prioritária para Álvaro Barreto, o ministro da Indústria e Energia do Governo de Sá Carneiro e o responsável pelo acordo assinado entre Portugal e a Renault para instalação da empresa no nosso país, culminando assim negociações iniciadas aquando do IV Governo Constitucional, quando também era titular da pasta da Indústria.

A concretizarem-se as aspirações covilhanenses será razão para dizer que os seus autarcas ganhariam a «batalha» pela terceira unidade de fabrico da Renault em Portugal, à qual se candidataram, além da Guarda (até por ser a mais antiga da Renault em Portugal), Pombal e Castelo Branco, ao que parece. A Covilhã acompanhará, assim, Setúbal e Cacia (Aveiro), onde serão instaladas as duas outras unidades para o fabrico de motores, baterias, peças e outros acessórios.

Os responsáveis covilhanenses encaram a instalação da Renault na sua área como um apreciável ao estímulo ao arranque do parque industrial da cidade e um importante contributo para a solução do problema na região-tese que o presidente da CM da Guarda, Abílio Curto igualmente defende para a sua população ao reivindicar o alargamento da Renault naquela cidade.

Emigrantes

Extrema-direita francesa lança campanha hostil

O Partido das Forças Novas, da extrema-direita francesa, lançou uma campanha de opinião com o objectivo de expulsar os emigrantes estrangeiros da Alsácia.

Aquele partido pretende aproveitar-se do descontentamento existente na região devido à crise económica e ao desemprego.

«Há emigrantes a mais na cidade», «Queremos viver entre franceses num bairro calmo» e «40 por cento de imigrantes em Hohberg é demasiado» são alguns dos «slogans» lançados pelo partido, que além de se queixar do facto de quase um em cada dois habitantes da cidade de Koenigshoffen, na perferia de Estrasburgo, ser de origem estrangeira, responsabiliza os estrangeiros por estros e actos de vandalismo verificados.

De acordo com o partido da extrema-direita, existem hoje na Alsácia cerca de 20 mil desempregados e 60 mil trabalhadores estrangeiros, que, na lógica daquele partido, roubam o trabalho aos alsacianos. O PFN (Partido das Forças Novas) afirma ainda que de acordo com estudos sociológicos 10 por cento é o limite máximo possível de emigrantes, enquanto que em Koenigshorfen atingem-se os 40 por cento.

Um abaixo-assinado posto a circular pelo PFN exige a saída dos emigrantes da região e a expulsão dos que sejam delinquentes.

Entretanto, a administração socialista da cidade reagiu à campanha denunciando o seu conteúdo racista. De acordo com uma carta que o conselheiro-geral Jean Oehler enviou aos seus eleitores, o problema é um pouco diferente. Uma sociedade de construções, de que é accionista principal a cidade de Estrasburgo, construiu Koenigshoffe, mas as casas são de tão baixa qualidade que os alsacianos não querem lá viver. Este «ghetto», criado pela municipalidade de Estrasburgo, foi por isso ocupado por emigrantes. A administração socialista defende a demolição de todas as casas existentes e a construção de moradias independentes onde se possam alojar as grandes famílias de emigrantes, normalmente muito numerosas.

11 de Março

Mais um capitão de Abril vai responder no CSD do Exército

Por simples coincidência, ou por ironia do destino, o capitão Belo, que prestou serviço no Depósito Geral de Material de Guerra, vai hoje, dia 11 de Março, responder perante o chamado Conselho Superior de Disciplina do Exército por actos que não praticou ou que não têm a mínima consistência para sobre eles se basear uma acusação de falta de ética para pertencer às Forças Armadas, pretexto de que a actual hierarquia se serve para fazer os mais escandalosos saneamentos políticos.

Há precisamente cinco anos, elementos da Força Aérea bombardearam o Ralis provocando um morto e diversos feridos enquanto esta unidade militar era cercada por pára-quedistas. O desfecho deste acto é subejamente conhecido. Soldados dos dois lados que estiveram à beira do confronto acabaram abraçados, dando origem a um dos factos mais ricos do período revolucionário.

Depois, Spínola e mais alguns oficiais da sua confiança fugiram. Levaram dois helicópteros para Espanha, levaram armamento.

Tornaram-se, à face da lei, desertores e responsáveis pelo extravio de material de guerra. Não de pequenas pistolas ou de ligeiras G-3. De helicóperos, que são grandes, pesados e caros.

Onde estão estes oficiais? Foram amnisitados, receberam retroactivos chorudos, muitos deles estão colocados em lugares de confiança. Para eles funcionou a Lei da Amnistia e até mesmo uma pré-amnistia.

Entretanto, Varela Gomes, Durand Clemente, e alguns outros, que não bombardearam nem atacaram nenhum quartel, nem levaram helicópteros para o estrangeiro, viram-se a seguir ao 25 de Novembro de tal modo ameaçados que tiveram de seguir o caminho do exílio.

Regressaram confiantes de que existiria um mínimo de justiça ou pelo menos de igualdade. Foram expulsos do Quadro Permanente e neste momento são oficiais milicianos. Não receberam qualquer vencimento e nem eles nem as suas famílias têm qualquer tipo de assistência social apesar de para isso terem descontado longos anos.

Por isso é oportuno perguntar neste 11 de Março em que mais um capitão de Abril vai ao CSD, onde estão os homens que fizeram o 11 de Março. Se já foram também ao CSD e qual o resultado dos respectivos julgamentos. A menos que atacar uma unidade militar seja um acto de gravidade menor e não ofenda a ética militar e o bom nome da instituição.

MOBÍLIAS
TROCAM-SE

AS SUAS USADAS POR NOVAS, FACILIDADES DE PAGAMENTO.
ARMAZENS MÓVEIS JORGE Tel. 832161

Av. Almirante Reis, 35
(Junto igreja dos Anjos)

TERRA SANTA

VISITANDO: JERUSALEM BELEM JERICO MAR MORTO NAZARE TIBERIADES CAFARNAUM HAIFA TEL-AVIV
★ 1 SEMANA DE ESTADIA ★
INCLUINDO
Viagens e Visitas
Hotéis de 1ª (pensão completa)
PARTIDAS:
17/2, 9 e 23/3, 3 e 22/4
15/5, 3 e 10/6
CONDICOES ESPECIAIS PARA GRUPOS
PROGRAMAS E INSCRICÕES
abreu
fundada em 1840
UMA EMPRESA PRIVADA DINAMICA E COMPETENTE AO SEU SERVICO
PORTO Av. dos Aliados 207 • Telef 31 79 21
LISBOA Av da Liberdade 190 • Telef 37 11 41
COIMBRA Rua da Sota 2 • Telefs 270 11/2
FARO Av da Republica, 124 • Telefs 25035/6
FUNCHAL Rua do Gorguilho, 2 • Telefs 31077/8

EXCLUSIVO

SUPLEMENTO
Síntese
da vida
internacional

Le Monde
Prensa Latina
Interpress
Novosti

N.º 11/80
Terça-feira, 11 de Março de 1980

Europa: O logro do "caminho duplo"

Porto Rico: A presença das multinacionais

El Salvador: Um povo decidido a conquistar a liberdade

Índia: Um precedente a favor de Indira

Holanda: Uma certa monarquia

RODÉSIA:
A vitória explosiva da "Frente Patriótica"

A recompensa dos guerrilheiros

☐ **Le Monde**

Embora os resultados das eleições tenham surpreendido os peritos em sondagens, eles mostram, à sua maneira, a lógica da insurreição contra o poder branco. Antes do cessar-fogo de 4 de Janeiro, a guerrilha de Mugabe infiltrara-se em dois terços do território. Ela obteve os dois terços dos sufrágios e a maioria absoluta dos lugares. Os partidários armados de N'Komo tinham-se manifestado no resto do país; conseguiram praticamente o resto dos votos. Os nacionalistas africanos – a começar pelo bispo Muzorewa – que não se tinham levantado contra o regime minoritário europeu foram afastados, apesar dos apoios financeiros e militares recebidos de Salisbúria e de Pretória.

O veredicto das urnas recompensou portanto aqueles que se bateram com mais ardor contra Ian Smith. Mugabe, o «inimigo mais perigoso» para os colonos europeus, socialista e portanto odiado pelos brancos, foi convidado pelo governador britânico, Lord Soames, a constituir o primeiro Governo do Zimbabwe independente. Assim, a operação lançada em Setembro por Lord Carrington para pôr termo a catorze anos de revolta contra a Coroa e a um conflito armado de sete anos, entra na sua fase mais delicada: a transferência real do poder dos colonos brancos (rebeldes contra a sua metrópole em 1965) para os guerrilheiros negros nacionalistas.

Há pois que agradecer aos britânicos o facto de terem conseguido silenciar as armas e organizar eleições em condições geralmente consideradas «livres e honestas». A tarefa não era fácil, tanto mais que Lord Soames, instalado sem grande preparação em Salisbúria, só podia contar com um pequeno contingente da Commonwealth para apoiar a sua acção. Quanto ao resto, o governador britânico limitou-se a solicitar a boa vontade de todos aqueles sobre quem exercia o seu efémero pró-consulado.

Os britânicos e os próprios sul-africanos cedo sentiram que a vitória de Mugabe se aproximava. Tomaram então, de acordo com este último, as precauções indispensáveis à manutenção da ordem depois do escrutínio. Nos últimos dias multiplicaram-se os contactos, com a assistência de Moçambique, que sempre protegeu Mugabe, a fim de acalmar os receios dos brancos da Rodésia, tranquilizar o gigante sul-africano e temperar o eventual entusiasmo dos negros.

A moderação que o próprio Mugabe mostrou – principalmente ao indicar que o general Walls se manteria à frente do Exército e garantindo os interesses dos europeus – mostra até que ponto ele está preocupado em não provocar gestos inconsiderados por parte dos extremistas brancos e até dos partidários desconsolados de N'komo, ao qual as urnas recusaram o papel-chave que todos lhe prometiam. A mais longo prazo, Mugabe deverá também prever um êxodo europeu que poderia ser ruinoso para o Zimbabwe.

É pois lógico que Mugabe, que apregoa a reconciliação, se pronuncie por um Governo de união, reservando mesmo uma ou duas pastas para deputados brancos da frente rodesiana de Smith. Mas uma tal orientação, a confirmar-se, será suficiente para assegurar a coexistência de forças que se chocaram numa luta constante, durante tantos anos?

O futuro da África Austral depende hoje da paz no Zimbabwe.●

Robert Mugabe: um marxista pragmático

Apesar de um longo passado de militante no seio do movimento nacionalista, Robert Mugabe surgiu durante muito tempo como uma personalidade misteriosa. Ninguém pode, no entanto, ficar indiferente perante ele e suscita curiosidade ou admiração entre os negros, inquietação ou ódio entre os brancos. Isto não é um acaso.

Com efeito ele precipitou mais do que qualquer outro as principais mutações no seu país, principalmente ao dar a prioridade absoluta à luta armada. Se Nkomo passa, com razão, por **«Pai do Zimbabwe»**, Mugabe é o seu parteiro. A sua inteligência brilhante, a firmeza das suas convicções, impressionaram todos os

◗ 2

Joshua Nkomo: o pai renegado do nacionalismo

Há trinta anos que Joshua Mqabuko Nyongolo Nkomo passeia a sua figura imponente e a sua truculência jovial ao serviço de um único combate: a ascensão da maioria negra num Zimbabwe independente. Nkomo nasceu em 1917 na reserva de Semokwe (província do Matabeleland) onde os pais trabalhavam por conta de uma sociedade missionária. O facto de pertencer à minoria ndebele – menos de 20% da população – será o seu maior handicap num país onde os reflexos étnicos continuam vivos. Durante a juventude tem várias profissões: motorista, carpinteiro, moço de recados. Um dia, de 1941, toma o comboio de Durban. Leva consigo um pequeno pecúlio e inscreve-se num colegio em Johanesburgo. Depois estuda ciências sociais. De regresso ao país, em 1947, entra para os caminhos-de-ferro rodesianos como «traba-

◗ 2

A EUROPA NO LIMIAR DOS ANOS 80

O logro do "caminho duplo"

■ Novosti

Nos anos 80, afirmam os «atlantistas», a Europa entra por um «caminho duplo»: de rearmamento e de negociações sobre o controlo dos armamentos.

Esta fórmula enferma, à partida, de um vício com o objectivo evidente de confundir a opinião pública: apresenta-se como avanço o que é um retrocesso, como uma bifurcação o que não passa de um recuo num caminho esforçadamente aberto pela lógica da história e a imposição dos povos em busca de uma vida melhor num mundo mais seguro.

As decisões dos dirigentes da NATO de estacionar novos mísseis na Europa ocidental são apenas uma barreira no caminho da consolidação da paz. Barreira erguida por um país, os EUA, que se propõe encurralar a Europa numa dependência política e militar, ainda maior, em relação a Washington.

Não é só a União Soviética que denuncia os alvos dos novos mísseis Pershing e Cruzeiro. Também a Europa ocidental os compreende.

«É impossível não desconfiar – escreve o jornal «Le Monde» – da campanha de rearmamento promovida pelos EUA, no âmbito da NATO, para reforçar a sua hegemonia sobre os aliados que sentem uma tentação cada vez maior de seguir o seu caminho independente...»

Guerra nuclear «limitada»

O Pentágono criou a doutrina da guerra nuclear «limitada» à Europa e a outros teatros regionais.

A essência desta doutrina (talvez para consumo interno) reduz-se à intenção dos EUA de limitar, no caso de conflito nuclear, a guerra ao território alheio.

À primeira vista, um plano astuto. Só que não leva em linha de conta a circunstância muito importante: os conflitos regionais tendem a transformar-se em conflitos globais.

Deduz-se da teoria americana que a decisão do primeiro golpe nuclear caberia ao Pentágono e à NATO, enquanto a resposta afectaria a Europa. Para carregar no botão, Washington «consultaria», na melhor das hipóteses, os seus parceiros. Mas poderia iniciar a guerra mesmo sem consultas.

Certas personalidades europeias tentam tirar vantagens desta situação, o que, em última análise, evidencia a dependência dos aliados em relação aos EUA. Os dirigentes da República Federal da Alemanha, por exemplo, sublinharam que não empurrariam o botão, dado que o seu país não é uma potência nuclear. No entanto, foram estes mesmos dirigentes que abriram o caminho à instalação de novos mísseis nucleares americanos no continente europeu.

A decisão sobre o estacionamento dos Pershing e Cruzeiro na Europa foi, como é do conhecimento geral, aprovada com as pressões de Washington sobre os seus parceiros. Alguns recusaram-se a votar ao lado do Pentágono. Outros porém, para se justificar, inventaram a fórmula do «caminho duplo» e asseveram que a corrida aos armamentos e o desanuviamento constituem duas facetas de um só processo.

A Europa entra nos anos 80 com o pesado fardo das decisões nucleares. Elas revelam o egoísmo político de Washington e os interesses retrógados dos grandes fabricantes de armas dos complexos militares industriais.

São decisões contra os interesses dos povos e, como tal, precisam de ser apresentadas por detrás de conceitos viciados ou de pretextos forjados. Por isso se inventaram fórmulas, doutrinas, ameaças fictícias destinadas a confundir e fazer hesitar pessoas que, potencialmente, se encontram ao lado das forças empenhadas na paz e no progresso.

Até quando conseguirão os seus obscuros objectivos?●

Rodésia: A vitória explosiva da "Frente Patriótica"

Robert Mugabe

1 ⏵

que têm contactado. As suas qualidades colocam-no hoje na primeira fila dos dirigentes negros da Rodésia.

Com os seus óculos de intelectual protegendo um olhar vivo mas um pouco triste, a sua aparência severa, os seus gestos muitas vezes crispados, parece mais um professor tímido do que um condutor de povos. Ele não tem nem o à-vontade natural nem a eloquência fogosa do tribuno. Mas, à beira do poder, o seu sorriso é mais frequente e tem mesmo um certo calor. Dizem-no doutrinário. Ele não nega, de resto, as suas opiniões marxistas, admitindo ainda **ter ido buscar algumas ideias ao maoísmo.** Ao mesmo tempo nunca renegou, afirma, a fé cristã que marcou a sua infância. Aí reside, segundo uma linguagem que lhe é querida, a sua **principal contradição**.

Robert Gabriel Mugabe nasceu em 1924 na missão de Kutama, a noroeste de Salisbúria. Seu pai era trabalhador agrícola na «reserva» de Zvimba. Pertencente à tribo dos Zerusus, subgrupo étnico da grande família dos Shonas, cresceu, como todos os nacionalistas, **à sombra das Igrejas**. Teve uma educação religiosa dada pelos missionários maristas do Quebeque, que ainda recordam essa criança muito dotada.

Tornando-se professor nos anos 40, completa a sua formação secundária antes de frequentar a universidade sul-africana de Forthare, onde se diplomou em 1951. Aí dá entrada na Liga dos Jovens, filiada no Congresso Nacional Africano, o principal movimento nacionalista. Desconsolado com o baixo salário auferido no seu país, exila-se na Rodésia do Norte, actual Zâmbia, onde obtem por correspondência um novo diploma da Universidade de Londres, antes de ir, em 1956, ensinar no Ghana. Foi aí que conheceu, na bela época de Nkrumah, a sua futura mulher, também professora que, ao que se diz, o iniciou no marxismo.

Em Julho de 1960, os organizadores de uma mamifestação convindam-no a tomar a palavra. É a sua verdadeira entrada na política. O movimento nacionalista, a que faltam intelectuais da sua envergadura, solicita-o instantemente. Abandona então o ensino e torna-se secretário da Informação do National Democratic Party (NDP), que acaba de ser criado por Nkomo. Opõe-se pela primeira vez ao seu chefe, surgindo à testa de uma oposição interna que obriga Nkomo a rejeitar um projecto constitucional considerado demasiado tímido. Esforça-se então por radicalizar o partido. Depois da interdição do NDP entra para a ZAPU, no seio da qual lhe confiam as mesmas funções. É preso mas consegue fugir para a Tanzânia.

Dez anos de prisão

Em Agosto de 1963 rompe com Nkomo e torna-se secretário de uma nova formação, a União Nacional Africana do Zimbabwe (ZANU), dirigida pelo pastor Sithole. Novamente preso em 1964, é mandado para o campo de Wha-Wha e depois condenado a doze meses de prisão.

Ficará aí dez anos, fazendo com êxito, durante essa longa reclusão, vários exames. Mugabe é um dos raros dirigentes políticos do mundo a ser eleito na prisão. Uma maioria de seis membros do comité central, todos eles presos, elegeram-no, com efeito, para a presidência da ZANU. O reverendo Sithole, afastado, contestaria mais tarde a validade deste voto.

Depois da sua libertação, em Novembro de 1974, Mugabe tem choques com os seus futuros «padrinhos», os presidentes Kaunda (Zambia) e Nyerere (Tanzânia), que o constrangem a aceitar a autoridade de Sithole. Em 1975 é mesmo preso, durante um certo tempo, em Moçambique. No entanto, nessa época, os chefes da guerrilha, cansados com os jogos estéreis dos seus dirigentes políticos, recusam-nos. Segundo alguns documentos então redigidos nos campos de treino, só Mugabe parece escapar às suas censuras. Em 1976 escolhem-no como porta-voz. Depois da rejeição das propostas de solução de Kissinger, Mugabe cria com Nkomo a Frente Patriótica, com o objectivo de **prosseguir a luta armada até à vitória final**. Durante a efémera conferência de Genebra, representa a ZANU com o título de presidente.

Chega o tempo das viagens e das entrevistas. Mugabe adquire a pouco e pouco uma estatura internacional. Obtem auxílio material e apoio político da China e de alguns países de leste, como a Roménia e a Jugoslávia. Mas sabe poupar Moscovo, que protege Nkomo. Não cede um milímetro no problema rodesiano. **Quer a sua cabeça seja negra ou branca, o regime dos colonos é sempre um monstro,** declara ele logo após a instalação em Salisbúria de um regime birracial. Durante a conferência de Lancaster House, ele é, em face de Lord Carrington, o mais coriácio dos negociadores. A confiança, aparentemente nunca desmentida, que têm nele os chefes militares, é o seu trunfo principal.

Confiante, e com razão, na audiência popular do seu partido – rebaptizado ZANU – PF; – escolhe surgir sozinho nas eleições, pondo entre parêntesis a aliança política com Nkomo. Ele quer que na hora da verdade cada um possa medir a força dos seus partidários. Mas continua a assustar os brancos, que não acreditam nas suas palavras tranquilizadoras. Seguirá ele os conselhos de moderação que lhe foram dados pelo seu melhor aliado, Samora Machel, a quem ele chama afectuosamente o «presidente Samora»? Saberá resistir à pressão popular, em favor de mudanças rápidas e profundas, aspirações essas que estão muito de acordo com a sua consciência e as suas convicções? – J.P.L.

A vitória da ZANU – Frente Patriótica já era certa. Na sua residência, nos arredores de Salisbúria, Robert Mugabe fala aos jornalistas.

Joshua Nkomo

1 ⏵

lhador social», estudando ao mesmo tempo economia e sociologia. Aos trinta anos é o primeiro africano titular de uma tal função.

Em 1951 torna-se secretário do Sindicato dos rodoviários, que reorganiza com êxito. Do sindicalismo à política é um simples passo. Dá-o rapidamente. Eleito presidente do African National Congress, Joshua Nkomo participa em todas as conferências constitucionais que Londres reúne em vão para solucionar o problema rodesiano. Já célebre no estrangeiro, sensibiliza os dirigentes africanos para a sorte dos seus irmãos de raça. Depois dos motins de Salisbúria e de um longo período de perturbações, cria, em Dezembro de 1961, a União Popular Africana do Zimbabwe (ZAPU), de que se torna presidente.

INDEPENDÊNCIA TOTAL

Depois da interdição do seu partido, pensa um momento em dirigir um governo no exílio. O presidente Nyerere dissuade-o de tal. Contestado pelos fundadores da ZANU, excomunga os dissidentes. Preso Em Abril de 1964, fica detido durante mais de dez anos. A declaração unilateral de independência reforça o seu desejo de não fazer concessões e continuar exigindo «um homem um voto». «Depois de ter sofrido durante tantos anos» diz ele, «seria tolo se aceitasse outra coisa que não fosse a regra da maioria». Sai por três vezes da prisão a pedido dos dirigentes britânicos.

Em Novembro de 1974, é, por fim, libertado. A série de negociações infrutíferas com Ian Smith contribui para endurecer a sua posição. «Nós queremos a independência total sem demora e sem nenhumas condições», declara ele em Junho de 1976. Admite ter pedido aos países socialis-

⏵ 8

PORTO RICO: A PRESENÇA DAS MULTINACIONAIS

Uma entrevista concedida por Neftali Garcia à revista «Multinational Monitor», de Washington.

NOVA IORQUE – O debate sobre o futuro político de Porto Rico está a entrar numa nova fase. O seu estatuto actual como uma espécie de Commonwealth dos Estados Unidos está a enfrentar uma oposição crescente por parte de organismos internacionais e do próprio povo portorriquenho.

Em Agosto de 1979 o comité especial de descolonização das Nações Unidas declarou que a ilha era na verdade uma colónia dos Estados Unidos. Pediu por isso uma mudança e considerou a conversão da ilha no 51.º Estado da União, uma alternativa inaceitável.

Tanto os líderes políticos de Washington como os de San Juan pediram um plebiscito que decidisse a sorte da ilha. O governador Carlos Romero Barceló pensa realizar um referendo no próximo ano e o presidente Carter disse apoiar a autodeterminação do povo da ilha.

O elemento crucial das relações entre os Estados Unidos e Porto Rico consiste nas actividades das multinacionais que investiram 18 mil milhões de dólares na economia de Porto Rico.

Segue-se uma entrevista com o doutor Neftali Garcia, químico e activista proeminente ligado a um grupo interessado no meio ambiente, que tem patrocínio industrial e sede em Hato Rey. A missão industrial tem investigado desde 1968 o impacto no meio ambiente da actividade dos grupos americanos em Porto Rico.

As relações económicas entre os Estados Unidos e Porto Rico foram frequentemente conflituosas. Recentemente fomos testemunhas dos investimentos crescentes das multinacionais norte-americanas em indústrias pesadas, que produzem poluição mas poucos empregos. Historicamente, qual foi o esquema da presença económica dos Estados Unidos na ilha?

N.G. – O investimento de capital norte-americano em Porto Rico foi feito em três fases. A primeira incluiu o investimento em cana-de-açúcar, tabaco e produção de cítricos. Esta comercialização da produção agrícola para exportação trouxe consigo uma contradição, visto ter destruído a agricultura de subsistência na ilha e ter levado Porto Rico a ter de importar alimentos para consumo.

Ora os preços dos alimentos básicos importados eram demasiado elevados para os baixos salários dos trabalhadores. Houve pois uma contradição que teve de ser resolvida em um ou dois anos. Ou as companhias tinham de sair de Porto Rico para regiões com uma agricultura capaz de satisfazer as suas necessidades a mais baixos preços, ou tinham de mecanizar os seus trabalhos em Porto Rico. O que fizeram foi partir para Hawai, para a República Dominicana e para Cuba. O que fizeram foi matar a indústria açucareira de Porto Rico, que tinha empregado grande quantidade de mão-de-obra.

Entre 1950 e 1965 houve um investimento em indústrias leves, com baixos investimentos em maquinaria e edifícios e grandes investimentos no total de salários pagos a um grande número de trabalhadores empregados. A corporação queria pagar salários baixos mas em meados dos anos 60 Porto Rico foi controlado pelos monopólios agrícolas dos Estados Unidos. Para o abastecimento alimentar, as companhias ou tinham que subsidiar as indústrias ou que as mecanizar ou então que partir. Partiram pois para Taiwan e para a República Dominicana.

Em 1965 o investimento incidiu de maneira crescente na indústria farmacêutica, na petroquímica e nas refinarias, indústrias altamente mecanizadas que utilizam grande quantidade de água, electricidade e terras, são fortemente poluidoras e criam poucos postos de trabalho. Por exemplo, com um investimento de 1,6 milhões de dólares, as instalações petroquímicas e as refinarias só criaram 8000 postos de trabalho, 2000 dos quais, de resto, desapareceram em 1974 quando começou a crise económica nos EstadosUnidos e em Porto Rico. Presenciámos uma tendência para incrementar o montante do capital usado em maquinaria, matérias-primas e materiais auxiliares, e uma relativa redução no total do capital destinado a salários. Isto numa ilha com uma densidade populacional de 1000 pessoas por milha quadrada.

Muitos norte-americanos vêem Porto Rico um refúgio de bem estar e «tickets» de alimentação. Que papel têm agora esses programas de bem estar na economia portor-riquenha?

N.G. – Primeiro devemos considerar que o papel político se caracterizou entre 1968 e 1974 por um elevado número de greves muito combativas e pela actividade estudantil nas universidades. A crise económica de 1974-75 ainda tornou mais activos os problemas sociais. Os tickets de alimentação foram introduzidos em 1975. Desde então houve menor número de greves, menos horas de trabalho perdidas e menor combatividade.

Todos os anos as companhias dos Estados Unidos repatriam de Porto Rico dois mil milhões de dólares. Os contribuintes norte-americanos deixam o mesmo todos os anos. Através dos tickets de alimentação e de outros programas de serviços sociais, os contribuintes norte-americanos estão a subsidiar a presença na ilha das companhias dos Estados Unidos e estão a permitir que elas consigam maiores lucros. Os tickets de alimentação permitem aos americanos menter os salários baixos, e desactivar as lutas por mais altos salários que satisfaçam as necessidades das famí lias que muitas vezes têm ou dois dos seus membros desempregados. Os tickets de alimentação e outros programas tornam menos forte a contradição que existe entre as indústrias altamente mecanizadas que requerem grande capital, proporcionando poucos empregos, e os altos níveis de relativa superpopulação.

Os programas de bem-estar não resolvem o problema do desemprego, e o subemprego afecta 50% de todos os porto-riquenhos. Os números dos delitos são muito elevados e os problemas sociais imensos. Quem está a ganhar com tudo isto? Os grupos. E quem está a pagar? Os trabalhadores dos Estados Unidos e de Porto Rico.

Diz portanto que são os grupos e não o povo de Porto Rico os principais beneficiários das transferências de pagamento.

N.G. – Exactamente. O principal sistema usado pelas companhias dos Estados Unidos como «Gran Union» e «Pueblo Supermarkets» para destruir a estrutura económica de Porto Rico, foi o «dumping», isto é, a venda a Porto Rico de alimentos que os Estados Unidos têm em «superavit». Logo que as companhias conseguem grande parte do mercado, começam a subir os preços a níveis de monopólio. A produção de frangos desapareceu da parte central de Porto Rico há já uns quatro anos. A agricultura foi aniquilada.

Pode dar-nos porme-nores sobre o investimento norte-americano nas indústrias petrolíferas petroquímica e farmacêutica de Porto Rico?

N.G. – Como lhe disse os investimentos em refinarias e empresas petroquímicas é aproximadamente de 1,6 mil milhões de dólares. Nesta área os investimentos foram principalmente feitos pela companhia refinadora da Commonwealth (CORCO), que também possui empreendimentos petroquímicos e outros. Outras empresas com investimentos incluem a Philips, a Sunoil e a Gulf.

A ilha produz 15 por cento de toda a benzina feita nos Estados Unidos e mais de 15 por cento do glicol etileno. Em geral mais de 15 por cento de muitos outros produtos químicos perigosos para a saúde durante o seu processo de produção, são elaborados em Porto Rico.

Em que condições trabalham os operários?

N.G. – Os problemas são numerosos. A missão industrial fez recentemente alguns inquéritos e encontrou-se uma correlação importante entre a leucemia e o trabalho nos complexos petroquímicos, principalmente nos aromáticos, wue produzem benzina e afins. 90% dos trabalhadores da CORCO e uma maioria dos da Carbide ensurdeceram, aparentemente devido às condições de trabalho.

Qual foi o impacto ambiental e na saúde destes complexos sobre as comunidades circundantes?

N.G. – A missão industrial dedica-se principalmente ao estudo das funções respiratórias.

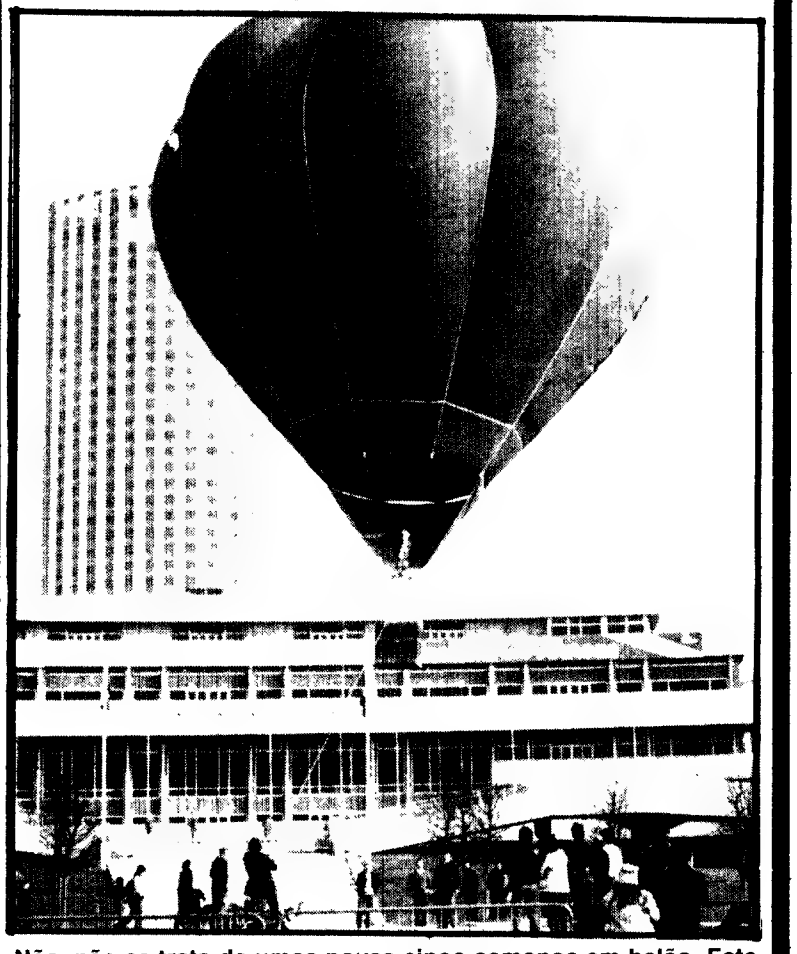
Num estudo controlado de dez comunidades verificamos que as doenças ligadas à dificuldade de respirar são 10 a 25 vezes mais frequentes nas comunidades afectadas pela contaminação do que em comunidades não contaminadas.

Qual a comparação entre a taxa de doenças respiratórias em Porto Rico e no território continental dos Estados Unidos?

N.G. – Segundo estatísticas do Governo norte-americano, entre 0,3 e 0,4 por cento da população do continente sofre de doenças respiratórias. Localizámos comunidades porto-riquenhas onde 5 por cento da população (dez vezes mais do que a percentagem obtida nos Estados Unidos) sofre de problemas respiratórios. Por exemplo em Yabucoa, onde se encontra o complexo Carbide, verificámos que 3,5 por cento da população

FOTO EXCLUSIVO

É voz corrente que com o correr dos anos os cães se vão assemelhando aos donos e vice-versa. Contudo, não se vê como este cão e este homem poderão evoluir de modo a chegarem algum dia a ser semelhantes. A foto foi obtida na exposição canina mais importante do mundo, em Earls Court, Londres. O pequeno caozinho foi um dos concorrentes, dado que se trata de um puríssimo exemplar chihuahua. Conhecendo-se a tradicional loucura dos britânicos por cães, não é de surpreender que essa exposição tenha atraído nove mil espectadores, para grande benefício de quem a organizou.



Não, não se trata de umas novas cinco semanas em balão. Este subiu ao céu da capital francesa, mas com finalidades puramente turísticas, convidando as pessoas à viagem, na véspera da abertura do Palácio dos Congressos da Porte Maillot e da quinta semana mundial do turismo e das viagens

El Salvador

Um povo decidido a conquistar a liberdade

■ Mário Vidal Saura

☐ IPS

MÉXICO – Dirigentes das Forças Populares de Libertação «Farabundo Marti», uma das organizações que neste momento enfrentam a Junta Militar salvadorenha, afirmaram que a sua luta visa estabelecer, em substituição do Governo, um regime popular e democrático. Sublinharam também a necessidade de unificar os mais variados sectores da população salvadorenha numa vastíssima frente, como condição indispensável para assegurar o êxito da luta empreendida contra a Junta.

Formularam estas apreciações numa entrevista concedida ao diário «Excelsior» desta capital, o máximo líder da Frente Popular de Libertação «Farabundo Marti», Salvador Cayetano Carpio, e o ex-ministro da Educação da junta cívico-militar Salvador Samayoa, o qual passou a integrar esta organização no passado dia 8 de Janeiro.

«Não há poder no mundo, por grande que seja, que possa derrubar todo um povo que está decidido a conquistar a liberdade», disse o ex-ministro Samayoa ao «Excelsior», diário que está a publicar uma série de artigos sobre a situação de El Salvador. Por sua vez, Carpio afirmou que «o Governo popular revolucionário que porá fim ao domínio das catorze famílias e os guardiães da sua riqueza, assim como o saque e a opressão imperialista, não teria um carácter socialista».

Segundo Carpio – cuja organização concertou uma unidade de acção com o Exército Revolucionário do Povo, a Resistência Nacional e o Partido Comunista – um governo único de trabalhadores e camponeses não poderia levar à prática as tarefas fundamentais da revolução salvadorenha, descrita por ele como essencialmente «anti-imperialista e anti-oligárquica».

«E se estas tarefas são extensas e profundas, para as levar a cabo é imperativo a colaboração, o decidido e entusiástico apoio dos mais vastos sectores sociais. Daí, então, a necessidade da aliança popular revolucionária, essa imensa base social que garanta o regime de liberdades e a mais ampla democracia».

«Nessa aliança – disse Carpio – além de trabalhadores e camponeses, participarão os médios e pequenos produtores, comerciantes, professores, estudantes, empregados, profissionais e técnicos, os sacerdotes e militares comprometidos com o povo. Não se tratará, pois, do governo de uma classe – apesar de os trabalhadores, em aliança com os camponeses terem um papel preponderante – mas o governo de todos os sectores sociais, excluídas as «catorze famílias», o imperialismo e os seus aliados».

Os objectivos da revolução salvadorenha na sua primeira etapa, segundo Carpio, incluem: pôr fim à dominação imperialista das 14 famílias nos campos político, militar, económico, cultural e social. Passar para as mãos do povo os meios fundamentais da produção que permitam assentar as bases para uma nova sociedade: as refinarias, o comércio externo – café, algodão, acúcar, camarão e outros – elevar o nível geral de vida da população. Impulsionar o desenvolvimento de programas de saúde pública e educação, criar fontes de trabalho, construir habitações e terminar com o analfabetismo e com a desocupação».

Entre os objectivos assinalados por Carpio figuram também a destruição dos «instrumentos de opressão militares e paramilitares das classes governantes, construindo o exército popular no qual serão aceites todos os oficiais do antigo Exército que desejem lutar juntamente com o povo». Procurar-se-á ainda, «organizar o povo e desenvolver órgãos de poder popular», disse o líder da Frente Popular de Libertação «Farabundo Marti».

Em alusão a denúncias sobre a presença de equipamento militar norte-americano numa base próxima de El Salvador, Carpio afirmou que foi assim que começou a intervenção militar norte-americana no Vietname, com assistência técnica, assessores e um pouco de equipamento. Porém, neste caso, segundo Carpio, a situação seria muito distinta, já que «numa luta política e social como a que se trava em El Salvador, os Estados Unidos ver-se-iam muito mais envolvidos».

Carpio disse que a luta anti-imperialista, todavia, não tomou muita força nesse país centro-americano, mas que a ajuda militar norte-americana despertaria um novo sentimento de luta pela independência nacional contra a intervenção.

Na entrevista realizada com o ex-ministro Salvador Samayoa, este refere-se à unidade das forças revolucionárias nestes termos: «A unidade é condição necessária para levar por diante o processo revolucionário. Creio que chegamos a uma fase da luta tão superior e polarizada, que o ataque dos inimigos do povo se vai dar em breve, numa forma total e aberta. A guerra de contra-sublevação, sem nenhuma máscara nem cobertura está a desencadear-se. E se nesse momento as forças revolucionárias não estiverem unidas militarmente, no campo político e no orgânico, nenhuma delas separadamente será capaz de resistir ao ataque total e aberto dos inimigos do povo».

Posteriormente, numa referência a amplos sectores sociais, Samayoa disse: «As nossas organizações político-militares e de maneira muito especial as forças populares de libertação «Farabundo

Violência em El Salvador

Mari-Sol fala de

"Não há soluçã

Mari-Sol Galindo, da Comissão Política das «Ligas Populares 28 de Fevereiro», declarou na Cidade do Panamá, com alguma zanga das autoridades locais (Mari-Sol chegou a estar detida) que «a luta do nosso povo, o povo de El Salvador, não visa uma solução reformista, mas, sim, uma autêntica revolução».

A guerrilheira das «L-P-28» denunciou acções da extrema-direita contra a ocupação da sede do Partido de Democracia Cristã, partido actualmente mal identificável na conjuntura política salvadorenha.

As acções das «Ligas Populares» – disse também Mari-Sol – têm em vista acusar o brutal assassínio de Júlio Salinas, «membro da Comissão Política da nossa Organização, operário electricista», por cuja morte Mari-Sol responsabiliza o actual Executivo: a Junta Militar.

Mari-Sol Galindo considera que o reformismo não tem quaisquer possibilidades em El Salvador e que, pelo contrário, a única solução para este pequeno país da América Central

de El Salvador

ão reformista"

é «uma autêntica revolução que tem de ser antioligárquica e anti-imperialista».

A uma pergunta sobre as características das Forças Armadas Salvadorenhas, a dirigente das «Ligas Populares» assinalou: «Nós reconhecemos que existem no Exército núcleos de oficiais jovens com tendências progressistas, enquadrados, porém, por força e mando de carreiristas dominados por ideologias fascizantes».

Mari-Sol acrescentou: «De qualquer modo, a nossa luta pela liberdade precisa da solidariedade militante internacional, por parte dos governos que entendem como justa a nossa causa».

Quanto às perspectivas para o povo de seu país, Mari-Sol Galindo advertiu que o «imperialismo, uma vez esgotada a receita reformista, tratará, por todos os meios, de intervir para evitar o triunfo do povo. Por nossa parte, estamos na disposição de lutar. Necessitamos, no entanto, da ajuda fraterna de todos os povos dispostos a ajudarem-nos na luta pela liberdade».

Marti» estão interessadas em captar toda a contribuição eventual de todos os sectores, porque de outra forma não podemos lutar em benefício do povo. Aos professores universitários, ao sector liberal, assim como aos pequenos e médios proprietários, produtores, empresários, quero dizer-lhes que a revolução não é dirigida contra eles».

«A nossa revolução está contra o poder oligárquico capitalista, está contra os aparelhos repressivos que defendem esse poder e está contra a intervenção imperialista que esse poder também alimenta e defende. Não está contra os sectores médios nem contra unidades económicas de baixa produtividade. Nós, pelo contrário, gostaríamos de somar a maior quantidade possível de sectores sociais. Na medida em que seja mais ampla, mais decidida e mais sólida a incorporação, esta terá menores custos e poderá realizar-se com maior rapidez, para o bem-estar do povo.» ●

India

Um precedente a favor de Indira

■ **Chakravarthi Raghavan**

□ **IPS**

GENEBRA – A dissolução de nove assembleias estaduais e o controlo da administração dos Estados pelo Governo central à espera das eleições locais, constituem não só uma demonstração de força da primeira-ministra Indira Gandhi, como também a consequência lógica do mandato que obteve do povo nas eleições de Janeiro último para a Câmara Baixa do Parlamento Federal. Após algum debate interno no partido e no gabinete, a senhora Gandhi deu este passo, um passo que já havia sido antecipado pelo povo.

O que mais pesara na escolha dos votantes em Janeiro, para devolver o Poder à senhora Gandhi, por esmagadora maioria, foi um grande desencanto pelo desgoverno do partido «Janata» e a sua facção dissidente, o «Lok Dal», tanto a nível nacional como no dos Estados por eles governados.

A população queixava-se – entre outras coisas – de que a administração se imiscuia nas suas vidas diárias – e nesse nível estavam basicamente em contacto com as administrações estaduais e não tanto com o Governo central de Nova Deli. No entanto, nos últimos 30 anos, a população dos Estados buscara sempre no Governo central a solução dos seus problemas e reclamações.

Em muitas partes do país, ao devolver o Poder à senhora Gandhi, o povo compreendeu e previu que, apesar da eleição ser somente a nível nacional, a senhora Gandhi, se regressasse ao Poder, introduziria alterações nas administrações estaduais, ordenando novas eleições, tal como fez o «Janata» em 1977.

Ao assumir o Poder central, a primeira-ministra ganhou em três Estados que pertenciam à oposição e instalou Governos leais a ela e ao seu partido. Contudo, isto não foi um êxito noutros Estados.

Paradoxalmente, a acção de dissolução da assembleia de nove Estados governados pelos seus opositores significaria que, apesar de ter recebido um mandato para governar, a senhora Gandhi terá que ganhar tempo, e tomar algumas decisões, pelo menos na frente económica, até às eleições das assembleias estaduais e se possam instalar as novas administrações.

A própria Constituição indiana não é a de uma autêntica federação, mas a de uma união de Estados, com um Governo central que possui consideráveis poderes sobre eles e investido em última instância de autoridade para assumir a administração dos Estados e ordenar novas eleições. Isso era feito antes na base de que a lei e a ordem haviam sido violados ou que a administração do Estado não podia funcionar de acordo com a Constituição.

Foi o partido «Janata» quem, na crista da esmagadora derrota sofrida em 1977 pelo Partido do Congresso da senhora Gandhi, utilizou o argumento de que os resultados das eleições a nível nacional tinham demonstrado que os Governos estaduais dirigidos pelo Partido do Congresso tinham perdido o seu mandato e que o povo deveria ter a possibilidade de eleger novos Governos.

Como um precedente que a senhora Indira invoca agora, o Supremo Tribunal apoiou este direito constitucional do Governo central, aduzindo que era uma questão política que devia ser decidida pelo povo, e não uma questão legal.

Indira Ganahi com o presidente Giscard

O «Janata», tal como a senhora Gandhi agora, foi influenciado pelo facto de que, apesar da sua esmagadora maioria na Câmara Baixa do Parlamento, a Câmara Alta controlada pelo Partido do Congresso e o colégio eleitoral que elege o presidente era também controlado por este partido. Os membros da Câmara Alta, a nível nacional, são também eleitos pelas assembleias estaduais, com um terço que termina ao fim de dois anos e o presidente é designado por um período de cinco anos por um colégio eleitoral dos membros das duas câmaras do Parlamento e pelas assembleias estaduais.

As eleições de um terço da Câmara Alta, a nível nacional devem celebrar-se em Março/Abril e se o processo normal for cumprido, o partido da senhora Gandhi, já em minoria na Câmara Alta, não só teria perdido lugares, como também estaria em minoria ainda depois das eleições bienais de 1982. O presidente também é eleito em 1982.

Com a dissolução das nove assembleias estaduais, a senhora Gandhi e o seu Governo central poderiam tomar medidas através das quais as administrações de Estado sobre problemas imediatos de segurança que inquietam o povo, especialmente as minorias e os trabalhadores rurais sem terra. Do mesmo modo, a sr.ª Gandhi tem também agora muitas esperanças de que o seu partido recupere o Poder nas eleições das assembleias estaduais, assegurando-se assim do controlo futuro tanto da Câmara Alta como dos Estados.

Nas eleições de Janeiro, pelo menos nos Estados mais populosos, os do Uttar Pradesh e Bihar – a importante zona de língua hindu da Índia – o partido da senhora Gandhi ganhou porque os seus opositores se encontravam divididos. O «Janata» e o Lok Dal atacavam-se tanto entre si como atacavam o Partido do Congresso de Gandhi.

Há agora esforços de ambos no sentido de retornarem juntos ao Poder, apesar de se terem dividido após inflamadas lutas internas, apenas em Julho do ano passado. Se bem que isto talvez seja impossível, há alguns esforços para evitar pelo menos as lutas triangulares, por meio de acordos sobre a distribuição de lugares, impedindo assim que os candidatos do Partido do Congresso, da sr.ª Gandhi ganhem com uma minoria de votos.

Neste momento esta acção é considerada difícil e a senhora Gandhi procura claramente forçar os acontecimentos, antes de que os seus oponentes tenham a possibilidade de se unir.

Porém, o processo de outra campanha eleitoral, que levaria pelo menos outros dois meses, significará que o centro não poderá actuar na esfera económica e tomar medidas através de atribuições orçamentais e impostos, para remediar o que a senhora Gandhi tem chamado de «economia em escombros».

A economia indiana, embora mista e com um forte sector privado, é uma economia planificada em que os gastos centrais e estaduais no sector público e a infra-estrutura social são determinados por um plano. Dentro dos parâmetros de um plano quinquenal, as atribuições anuais são normalmente decididas por meio de consultas até meados de Dezembro ou começos de Janeiro.

Durante o regime provisório de Charan Singh, do Governo do Lok Dal, isso não aconteceu. O novo ministro das Finanças do Governo de Indira Gandhi está a tentar acelerar o processo a fim de apresentar um orçamento regular e enunciar um programa económico que defronte a situação. Esperava fazê-lo com um projecto de orçamento a apresentar em meados deste mês.

Esta ideia teve que ser abandonada, e apenas um esquema de orçamento para a administração central – e para as administrações assumidas por aquela – deverá ser apresentado em meados de Março e obtida a aprovação parlamentar dos gastos a realizar a partir de 1 de Abril, até que se apresentem os orçamentos regulares.

Até agora, apesar do seu decisivo mandato, a senhora Gandhi não preencheu importantes pastas do Governo central como: Defesa, Indústria, Aço e Minas, Trabalho, Comunicações e Saúde. Mas com as eleições, todos estes passos e medidas económicas deverão concretizar-se ●

Evolução da crise internacional

A França e as suas opções

■ **Rodolfo Mattarollo**

□ **IPS**

PARIS – Não obstante as fortes pressões que antecederam a visita relâmpago efectuada recentemente a Paris pelo secretário de Estado norte-americano, Cyrus Vance, a França reafirmou a sua posição de levar por diante a «détente» e a procura de uma via original no seio da Comunidade Europeia, a fim de se tentar superar a perigosa crise internacional que actualmente se verifica.

Essas pressões tinham sido declaradamente exercidas pelo embaixador norte-americano em Paris, Arthur Hartman, que, falando recentemente no American Club, declarou que as afirmações de certas personalidades políticas, de acordo com as quais a França deveria encontrar «uma nova via entre as duas superpotências» não podem qualificar-se senão como «vício de absurdos neutralistas».

Hartman não fez a mínima referência à França e reconheceu que os Estados Unidos da América tinham tido problemas com vários dos seus aliados europeus, como resultado da crise mundial. Escolheu, no entanto, como principal alvo dos seus ataques o país em que está acreditado, como embaixador.

Há, no entanto, que ter sempre em mente que, em virtude da oposição da França, não foi efectuada a reunião europeia-norte-americana que os Estados Unidos tinham proposto para a discussão das formas de luta a utilizar face à crise.

A sua condenação do que considerou como «neutralismo absurdo» levou Hartman a relembrar um episódio passado imediatamente antes da Segunda Guerra Mundial. O embaixador em Paris lembrou que em 1939, antes de Hitler ter desencadeado a agressão, a Bélgica organizou manobras militares dirigidas contra a França «para evidenciar a sua neutralidade» O fundamental é não esquecer nunca «de que lado estamos» concluiu energicamente.

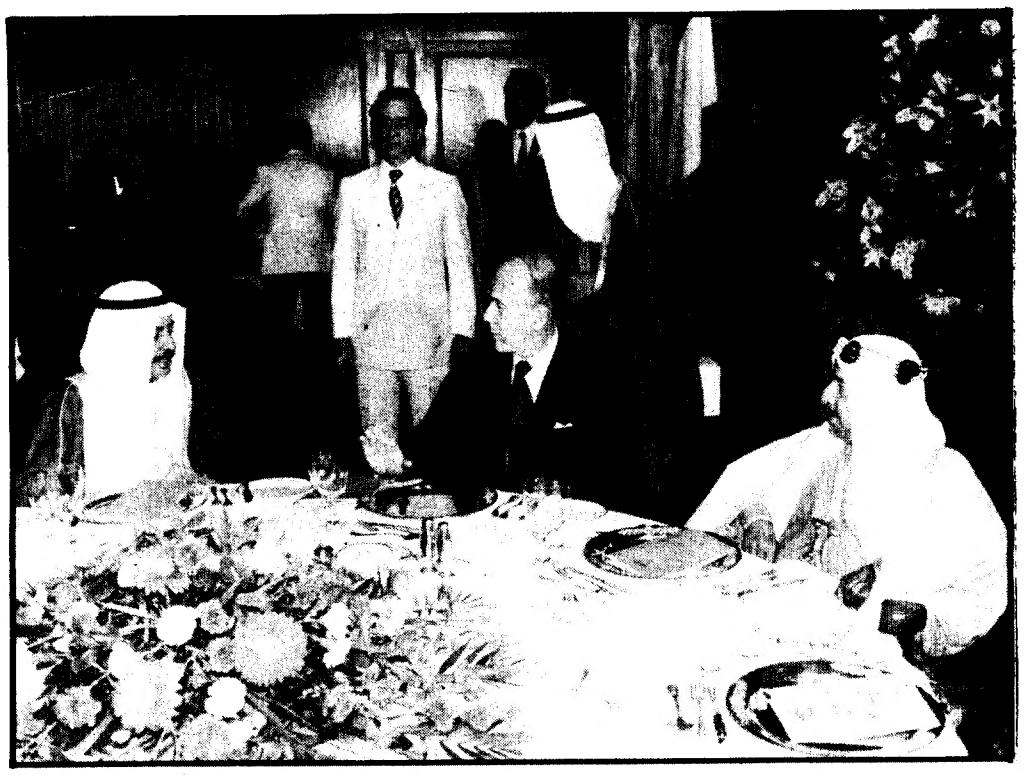
A reacção do Quai d'Orsay foi bastante calma. O porta-voz do primeiro-ministro François-Poncet esforçou-se por minorar o alcance do que descreveu como uma «nota falsa» e que se deve entender, além disso, isolada.

É claro que a análise da imprensa é ainda mais severa: enquanto a esquerda chega a falar de «ingerência inadmissível» a do governo considera ainda com maior indulgência que se está perante uma tentativa de intimidação «tipicamente norte-americana», que dá vontade de rir.

De qualquer modo estava criado o clima, se não de confronto pelo menos de polémica, em redor da visita a Paris do secretário de Estado Cyrus Vance – escala de uma viagem entre Bona, Roma e Londres.

Segundo parece, teve como efeito um animado intercâmbio de pontos de vista entre os chefes da

6



Não é o ouro amarelo, que por assim dizer, cobre o emir Saimar Al Khalifa, emir do Barhein, mas outro ouro, o negro, que faz correr muitos países, na pessoa dos seus presidentes. Durante a passada semana foi a vez de Giscard d'Estaing percorrer seis países da área do golfo procurando por um lado acentuar a influência francesa e da CEE na região e por outro assegurar os fornecimentos de petróleo à França, sobretudo em caso de agravamento da crise do Médio Oriente. Estes dois objectivos parece terem sido largamente conseguidos graças à abertura manifestada por Giscard em relação aos direitos do povo palestiniano e ao futuro reconhecimento formal da OLP (pela França e pelos seus parceiros da CEE).

Evolução da crise internacional

5 ▸

diplomacia americana e francesa, que, coincidindo nas origens da crise e nos objectivos a alcançar para superá-la, não parecem estar de acordo nos métodos a utilizar.

Qualquer princípio de coincidência e a este respeito terá de ser encontrado na iniciativa dos nove países membros da Comunidade Europeia que propuseram em Roma a neutralização do Afeganistão.

Calcula-se que o ministro dos Negócios Estrangeiros francês terá explicado ao seu interlocutor americano que essa fórmula deixava aos soviéticos uma saída elegante para a crise actual, não obstante o irado comentário com que, logo a seguir, a Agência Tass reagiu.

Pelo contrário, e segundo a perspectiva de Paris, as represálias económicas são geralmente ineficazes e raras vezes unânimes e podem ser ignoradas com a maior facilidade.

No seio dos dirigentes franceses é grande a convicção de que essas medidas são definitivamente contraproducentes para obter o que se espera da União Soviética.

O matutino «Le Figaro» – o diário mais influente entre os que apoiam o Governo – afirma que o secretário de Estado Cyrus Vance não terá sido «totalmente insensível» aos argumentos franceses, mas que, no entanto, não está disposto sequer a abandonar a «Via norte-americana»

O que é evidente, é que existe a convicção generalizada, nos círculos da política francesa, de que o desafio actual da política internacional, diz essencialmente respeito aos problemas do Terceiro Mundo.

Por isso os responsáveis da política externa não manifestam uma especial preocupação, neste difícil momento, por zonas antigamente distantes como Berlim, nem sequer pelo subtil equilíbrio jugoslavo, cuja fragilidade ou força é difícil de prever nas horas decisivas que se vive nesse país.

No entanto, para os homens que se ocupam da política em França, o que deve definir-se como uma urgência que alguns consideram «dramática» – é o caso de Michel Rocard que no partido socialista contesta em nome da ala direita a linha do dirigente histórico François Mitterrand – e uma nova e adequada relação entre a França e o Ocidente com os países em vias de desenvolvimento.

Certamente que há uma grande diversidade de respostas em relação ao que pode considerar-se mais justo a este respeito.

No que se refere ao Afeganistão, existe nas esferas oficiais uma consciência clara da complexidade da proposta neutralista. Porém, precisamente, na parte que se refere ao governo do presidente Giscard d'Estaing pode afirmar-se que se teve em conta o facto dessa iniciativa poder corresponder aos aneios de grande parte dos países não-alinhados – que defendem a independência e a soberania de um desses pares – e não só as necessidades de um Ocidente empenhado em encontrar saídas imaginativas para uma situação perigosa.●

Brasil

Um boicote boicotado

■ **Arnaldo César**

☐ **PS**

Rio de Janeiro – O general Andrew Jackson Goodpaster enviado do presidente James Carter a Brasília com a missão de conseguir a adesão brasileira ao boicote alimentar contra a União Soviética, regressou seguramente frustrado a Washington. Os contactos que manteve aqui, a nível presidencial e ministerial, resultaram infrutíferos. O máximo que conseguiu foi uma vaga promessa de que o Brasil não aumentará as suas exportações para a União Soviética, mantendo o mesmo índice de 1979.

A verdade é que as autoridades brasileiras elegeram uma posição de neutralidade perante o conflito entre os Estados Unidos e a URSS.

Ou, como o definiu um funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros: «O Brasil não está a favor nem contra o boicote, mas antes pelo contrário».

A imparcialidade, contudo, não chegava a tanto, Mal acabado de partir o esforçado Goodpaster de solo brasileiro, chegou ao Rio de Janeiro Alexander Naumov, director da empresa soviética «Exportkhelb», com o propósito de concluir contratos de aprovisionamento de soja, açúcar, alimentos para animais e forragens. Os argumentos de Naumov (na maioria dos casos pagou em dólares e acima dos preços internacionais dos produtos em questão) resultaram sem dúvida mais convincentes. Embora um véu de descrição tenha coberto as suas deslocações pelo Rio, Brasília e São Paulo, pensa-se em geral que teve muito mais êxito que Goodpaster.

As conversações do norte-americano e do soviético serviram para extraír alguns ensinamentos importantes do chamdo «pragmatismo diplomático brasileiro». A primeira e mais significativa é de facto que «indissolúveis laços de amizade que unem o Brasil e os Estados Unidos» já não são tão indissolúveis como se pensava. A segunda é a de que existe uma marcada contradição entre as posições político-ideológicas internas do regime brasileiro e os seus compromissos externos. A identidade ideológica entre ambas as áreas, muito visível até final dos anos 60, está a desaparecer.

Ao mesmo tempo que era empreendida uma sangrenta luta contra o comunismo interno, por exemplo, a ditadura militar brasileira não titubeou em estabelecer relaçoes diplomáticas com a China de Mao Tse Tung. Os estrategas da política externa brasileira compreenderam que uma população, e portanto um mercado, de quase mil milhões de pessoas, não podiam ser desprezados por meras divergências ideológicas.

O mesmo princípio presidiu ao reconhecimento da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) e à autorização concedida à OLP para estabelecer um escritório em Brasilia. Empenhados desde, 1964 em derrotar o «comunismo marxista», e aprovando inclusivé como táctica o extermínio esquerdista no Chile, Argentina e Uruguai,os lideres brasileiros apressaram-se a reconhecer a independência de Angola de Agostinho Neto, abertamente marxista. As habilidades do general Goodpaster não foram suficientes para obter proveito de um terreno tão contraditório.

O enviado norte-americano segundo informaram funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros, baseou as suas conversações na presunção de que o Brasil vivia ainda no período da «indissolúvel amizade». Esquecendo que desde 1974, quando foi denunciado o acordo militar Estados Unidos-Brasil, as relações entre os dois países alteraram-se consideravelmente, em particular depois que o presidente Carter empreendeu a sua campanha pelos direitos humanos contra os regimes totalitários. Além disso foi também muito mal recebido neste país o esforço norte-americano para impedir a assinatura do acordo nuclear concluído entre o Brasil e a Alemanha Federal.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Saraiva Guerreiro, interrogado sobre esta mudança nos princípios que guiam a política externa do país, deixou claro que o Brasil já não discrimina entre adversários e aliados com o mesmo critério que utilizava antes.

As transacções internacionais, afirmou, serão levadas a cabo de acordo com as necessidades momentâneas do país. O exemplo mais claro desta mudança assim definida é o comportamento do Brasil face aos grandes fornecedores de petróleo.

«O Iraque que fornece 70 por cento do petróleo consumido pelo Brasil, é sem dúvida o nosso maior amigo», disse um assessor de Saraiva Guerreiro, que pediu para manter o anonimato. Sob o prisma dos «interesses momentâneos», havia boas razões para atribuir ao enviado soviético maiores possibilidades de êxito que ao norte-americano. O próprio ministro do Planeamento, o virtual «czar» da economia brasileira, Delfim Netto, advertiu já que «um país com uma inflação de 77 por cento anual não pode permitir-se o luxo de escolher parceiros comerciais».

Por outro lado, desde que Delfim Netto vem desempenhando funções muito próximas das de primeiro-ministro, o Brasil viu-se invadido pela «febre das exportações». O défice da sua balança de pagamentos é enorme e, para a equilibrar, o ministro do Planeamento fixou como meta para este ano 20 000 milhões de dólares em exportações, ou seja o dobro do nível atingido em 1970.

Quem pode estar interessado em comprar ao Brasil?

Se a pergunta tivesse sido formulada há cinco anos, a resposta teria sido, sem dúvida: «Os Estados Unidos». Mas acontece que as exportações para os Estados Unidos diminuiram de um modo alarmante, já que caíram durante o quinquénio de 40 para 20 por cento do total das vendas brasileiras no exterior. Coincidindo com este processo, as exportações do Brasil para o Terceiro Mundo aumentaram de 5 para 25 por cento.●

A rainha Juliana abdicará a 30 de Abril

O fim de uma certa monarquia

■ Martin van Traa
☐ Le Monde

A princesa Juliana nasceu a 30 de Abril de 1909. Filha única do príncipe Hendrik e da rainha Guilhermina, a sua infância decorre numa atmosfera «victoriana». Protegida do mundo por governantes e perceptores vigilantes, nem mesmo tem o direito de brincar com outras crianças. É-lhe reservada uma zona no tanque do palácio para patinar no Inverno. Mais ninguém tem acesso a essa zona. Com uma mãe severa e um pai distante, não é uma criança como as outras.

Quando em 1927 começa os seus estudos em Leyde, habita numa casa de campo com algumas jovens de boas famílias. Vive afastada dos outros estudantes. Em 1937 é-lhe encontrado um bom partido na pessoa do príncipe Bernardo, príncipe de Lippe-Biestefeld, protestante como ela. Na altura não é admissível que um príncipe não protestante ou alguém da pequena nobreza possa casar com a princesa Juliana. A mãe, que reina desde 1898, não é na realidade amada pelo povo: é respeitada, isso sim, como o símbolo da monarquia.

Uma monarquia que, antes de 1940, só é contestada pelos socialistas. Em contrapartida, os protestantes têm uma concepção religiosa do trono: para eles a autoridade real emana directamente de Deus. Por seu lado os católicos respeitam a rainha: esqueceram a origem muito protestante da dinastia de Orange.

Essa situação muda profundamente em 1940. Quando os alemães invadem o país, Guilhermina toma a decisão de abandonar o reino e de se instalar em Londres com o governo. Os seus ministros, no entanto, hesitam até ao último momento em partir. Assim, os dramas provocados pelo rei Leopoldo dos belgas, que se manteve na Bélgica sob a ocupação alemã ou pelo marechal Pétain, em França, não se deram nos Países Baixos: o governo e a rainha representam em Londres o legítimo governo dos Países Baixos.

Quanto à princesa Juliana vai para o Canadá com os filhos, Beatriz, nascida em 1938, e Irene, em 1939. Terá mais duas filhas.

A rainha Guilhermina e a família tornam-se o símbolo da resistência aceite por todos os holandeses, mesmo os socialistas e os comunistas. Depois da guerra a rainha tem dificuldade em se resignar às suas funções limitadas de rainha constitucional. Em Londres fizera muitas vezes escolhas políticas junto de um primeiro-ministro bastante dócil, e sem controlo parlamentar.

O segredo de Soestdijk

A partir de 1945, o novo governo e o novo Parlamento fazem sentir-lhe os limites das suas iniciativas pessoais. Constitucionalmente, a rainha não pode tomar nenhuma iniciativa política, salvo para a nomeação de um novo primeiro-ministro. No entanto, em várias ocasiões, a rainha Guilhermina recusa subscrever decisões governamentais, o que cria tensões entre a coroa e o governo. Em 1947 retira-se para o seu palácio de Hetloo, perto de Apeldoorn.

A princesa Juliana assume a regência e, em 1948, sobe ao trono. O grande mérito da rainha Guilhermina terá sido, aos olhos da história, o de ter assegurado «a unidade do nosso povo contra o tirano alemão durante a guerra», declara então o primeiro-ministro Drees.

A rainha Juliana adquire imediatamente um profundo conhecimento dos «dossiers» do Estado. O primeiro-ministro visita-a todas as segundas-feiras pela manhã, em Haia. Ela tem o direito de ser informada e pode tentar inflectir a acção do governo. Mas não pode deixar de concordar com uma decisão governamental já tomada. Tem, no entanto, um papel importante na formação dos governos de coligação, que a multiplicidade dos partidos holandeses torna necessários: designa pois o primeiro-ministro mas tendo em conta a maioria parlamentar.

Ainda hoje todas as conversas entre a rainha e o primeiro-ministro são cobertas pelo «segredo de Soestdijk» (o nome do palácio da família real). Portanto as opiniões da rainha nunca são conhecidas do público. Tendo em conta a sua posição constitucional inviolável, as suas opiniões não podem efectivamente ultrapassar as paredes do palácio nem os ouvidos do ministro. Mas a soberana conhece tão bem os «dossiers» como os políticos e tem opiniões bem definidas.

Em 1973, por exemplo, era claramente favorável a um governo de centro-esqueda e fez com que a escolha do primeiro-ministro fosse favorável ao líder socialista Den Uyl. Na altura os socialistas estavam havia catorze anos na oposição e a rainha preocupava-se com a polarização da vida política entre socialistas e liberais conservadores. Esse aspecto constitucional da monarquia mostra que a rainha dos Países Baixos dispõe de um pouco mais de poderes do que, por exemplo, a rainha de Inglaterra, que deve aceitar o chefe da maioria parlamentar.

Depois da independência da Indonésia, em 1949, a monarquia conhece uma grande popularidade. O entusiasmo pela rainha é ilimitado e as suas frequentes des-

Juliana e Gustavo

locações são seguidas por milhares de pessoas. A abertura do Parlamento pela rainha na terceira terça-feira de Setembro dá então lugar a manifestações de dedicação, que hoje estão um pouco esquecidas.

Mas certos acontecimentos desconhecidos do grande público já mostram a posição muito difícil de uma rainha constitucional moderna que deve ser um exemplo para todo o mundo. Assim, a rainha recusa assinar a aplicação da pena de morte a um criminoso de guerra. E a sua decisão venceu.

Depois do nascimento da sua quarta filha, Cristina, em 1948, a rainha começa a consultar uma vidente, Grete Hofmans, devido a uma doença ocular muito grave da criança. Grete Hofmans, que habita no palácio de Soestdijk, adquire a pouco e pouco influência política. Por vezes faz com que a rainha tenha em público estranhas opiniões sobre política internacional. Em 1952, o ministro dos Negócios Estrangeiros intervém no sentido de a rainha modificar um discurso considerado demasiado neutralista e anti-NATO, que ela deve pronunciar nos Estados Unidos. O jornal alemão **Der Spiegel** revela então o caso Hofmans. Alertada por um amigo do príncipe, Sefton Delmer, director do jornal inglês «Daily Express», a senhora Hofmans abandona o palácio.

A Imprensa holandesa não fala do caso: o primeiro-ministro pediu aos jornais que impusessem a si próprios uma quase absoluta autocensura. Os jornais obedecem.

Em 1964, o casamento da princesa Irene com um católico, o pretendente espanhol carlista Carlos-Hugo de Bourbon-Parma, cria outros problemas. O governo insiste em que a princesa abandone os seus direitos ao trono. A rainha só muito dificilmente consente. Mas é principalmente o movimento muito amplo que começa em 1965-66, após o anúncio do casamento da princesa herdeira Beatriz com Claus Von Amsberg, que começa a mudar as coisas. Os meios provenientes da resistência não podem aceitar que um antigo militar alemão case com a futura rainha. O casamento, realizado no dia 10 de Março de 1966, dá origem a grandes manifestações em Amsterdão, e o coche real atravessa nuvens de gases lacrimogéneos. Alguns dirigentes socialistas põem de novo em causa a instituição monárquica.

Com o aparecimento dos Provos (1), a ideia da república grassa pelo país, mas essa tendência depressa desaparece, à medida que o príncipe Claus vai ganhando popularidade.

Embora a existência da monarquia já não esteja no centro dos debates, o carácter da instituição muda definitivamente a partir de 1966. A antiga veneração afasta-se perante a aceitação de um sistema considerado o melhor possível para os Países Baixos.

Em 1973, por ocasião do vigésimo quinto aniversário do reinado de Juliana, a monarquia havia adquirido de novo um certo crédito: **«Isto dá-nos força para continuar»**, declarava nessa altura a soberana. Mas a crise mais grave estalava em Agosto de 1976, quando um relatório oficial desonraria seu marido, implicado no caso das luvas da firma Lockheed. Juliana aceitara as conclusões da comissão de inquérito, mas a ferida tinha ficado...

Uma princesa voluntariosa

Enérgica e de riso alegre, a princesa Beatriz, de quarenta e dois anos de idade, forma com seu marido, o príncipe Claus, aquilo a que habitualmente se chama um casal dinâmico. Tanto um como outro multiplicam, juntos ou isolados, os seus aparecimentos em público.

Esta política de presença fez mesmo com que as más línguas atribuíssem aos príncipes uma ambição impaciente. E uma parte da Imprensa holandesa não hesitou em pretender que a rainha se mantivera no trono para além dos sessenta anos, a fim de dar uma lição à filha.

Beatriz apagara-se um pouco após a provação que o seu casamento constituíra para a monarquia holandesa. A opinião pública mantinha um vivo ressentimento para com a Alemanha. Quando a jovem princesa anunciara que tencionava casar com um alemão, tinham-se multiplicado as profissões de fé republicana.

Filha mais velha da rainha Juliana e do príncipe Bernardo, Beatriz nasceu a 31 de Janeiro de 1938 no palácio real de Soestdjk, perto de Utrecht. A 15 de Maio de 1940, perante a invasão nazi, deixava os Países Baixos com a família a fim de se refugiar em Londres e depois no Canadá.

De regresso aos Países Baixos fez estudos ecléticos: escultura e música, direito, economia, história parlamentar, sociologia. A Universidade de Leyde deu-lhe em 1961 uma licenciatura de estudos livres.

Em 1962 deu uma volta ao mundo, interrompida pela morte de sua avó, a rainha Guilhermina. A última viagem de Beatriz e Claus foi a Pequim, em 1977.

Beatriz tem três filhos: Alexandre, nascido em 1967; Friso, em 1968; Constantino, em 1969.

A princesa é dotada de excelente gosto artístico e transformou o austero palácio de Drakesteyn, onde se instalou em 1963, numa espécie de clube para jovens intelectuais. Tendo herdado de sua avó uma devoção calvinista muito forte, pertence à ala liberal da Igreja reformada holandesa.

(1) O movimento «provocador» de contestação da sociedade burguesa e industrial reuniu numerosos jovens holandes em 1965 e 1966.

PORTO RICO

3 ↓

sofre desses males. Em Catano, perto de San Juan onde há complexos termo electricos alimentados a petróleo e também uma refinaria, 5 por cento da população tem problemas respiratórios diagnosticados. Também encontrámos dez casos de cancro da garganta e do nariz em El Ingenio, um bairro de 2000 pessoas, em Yabucoa.

Até agora parece claro através dos seus comentários que crê que a participação norte-americana na economia porto-riquenha deteriorou a qualidade de vida da maioria da população da ilha. Descobriram-se importantes recursos minerais e reservas potencialmente grandes de petróleo submerino. Poderão estes recursos ser a chave de um futuro económico mais brilhante para a população da ilha?

N.G. – Sim, mas só se as descobertas levarem à independência de Porto Rico. Há um descontentamento político e social. Os estatuto colonial actual é atacado por todos os sectores, incluindo os que o defendiam, no passado.

As forças favoráveis à «estadidad» ou à independência aumentaram nos últimos dez anos. Tradicionalmente nestes casos a descoberta de petróleo aumenta as perspectivas da «estadidad». Foi o que aconteceu com o Alasca. Eu diria que o descobrimento do petróleo, juntamente com os depósitos de cobre e níquel, cobalto, ouro e outros metais, favorece tanto a «estadidad» como a independência.

Porquê a independência? Porque depois de tudo nos disseram que somos um país sem recursos naturais. Sempre se diz aos povos colonizados que não têm recursos. A descoberta de petróleo e de minérios pode ajudar a descolonizar um povo, a superar as carências. Por outro lado as forças pro-Estado dizem agora que os nossos recursos nos asseguram uma base económica para pagar os impostos norte-americanos.

Haverá então em Porto Rico uma grande mudança política? Quem ganhará?

N.G. – Diria que os Estados Unidos terão de avançar para a solução do problema de Porto Rico nos tribunais internacionais. Os Estados Unidos tratarão de assegurar o controlo dos nossos recursos renováveis e os 18 mil milhões de dólares investidos na ilha. A acção para a independência será um processo grande e difícil após 500 anos de vida colonial. Diria que as forças da «estadidad» perderam terreno nos dois últimos anos.

A reacção cultural, a reacção política e a reacção económica dos porto-riquenhos das empresas norte-americanas em Porto Rico não foi totalmente, favorável a uma aceleração da marcha para o estatuto de Estado. Os porto-riquenhos temem que aquilo que aconteceu em termos de contaminação e destruição económica continue sob o estatuto de Estado.

É difícil de prever os resultados, mas uma coisa é certa: os conflitos políticos aumentam na ilha e temos um lapso de tempo de quatro a cinco anos para que Porto Rico decida o seu caminho e para que os Estados Unidos reajam. Penso que as forças pró-independentistas vão aumentar nos próximos anos quando as pessoas vejam que a independência é a única solução concreta para os problemas de Porto Rico.

PELO MUNDO

Joshua Nkomo

tas, e obtido deles, uma importante assistência militar, «visto o Ocidente não ter querido ajudar-nos».

Ao tornar-se co-presidente da Frente Patriótica, instala o seu quartel general em Lusaka. Encontrar-se-á, no entanto, ainda secretamente – em Agosto de 1978 – com o chefe dos colonos brancos, que o considera o seu melhor interlocutor, mas que lhe chamará «monstro» depois dos guerrilheiros da ZIPRA (braço armado da ZAPU) terem abatido dois aviões civis rodesianos. A seguir à ruptura da Frente Patriótica, atribui ao seu partido a antiga sigla comum.

Nkomo fez uma campanha eleitoral activa, inteligente e moderada. Advogado da reconciliação racial, campeão da paz e da estabilidade, comportou-se como homem de Estado, evitando cuidadosamente atacar os rivais. Recusando concretizar com antecedência a sua posição em face de futuras coligações possíveis, esperava tornar-se, depois do escrutínio, o homem-chave com quem todo o vencedor devia contar. Mas a amplidão do êxito do seu antigo aliado deu-lhe o segundo papel, veredicto da história, que talvez lhe dê uma certa amargura. – JPL.

O MOVIMENTO PACIFISTA NOS ESTADOS UNIDOS

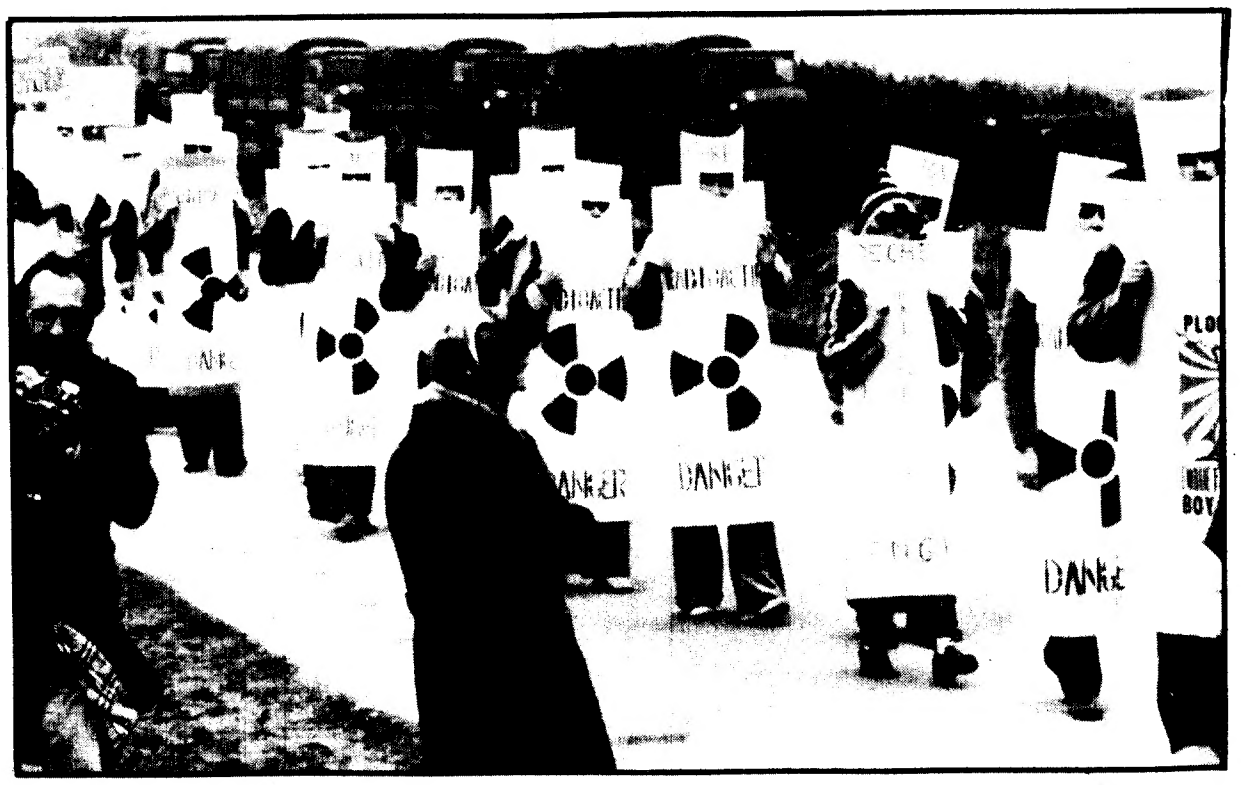
A Administração Carter acordou um monstro adormecido. Não o urso soviético, mas um monstro doméstico, o movimento pacifista. Na Universidade da Califórnia, onde em 1963 se desenrolou um movimento liderado por Mario Savio e que foi cena de violentos choques com a Polícia entre 1967 e 1975, três mil e quinhentos estudantes reuniram-se para escutar o anti-herói do Vietname, Daniel Ellsberg, descrever o histerismo mostrado por Carter, desejoso de ser reeleito e pelas companhias petrolíferas, desejosas de maiores lucros. A certa altura Ellsberg declarou: «Ninguém – nem mesmo Jimmy Carter – pode exigir de nós que matemos outro ser humano.»

REUNIÃO DOS PS DA CEE

Bettino Craxi, do Partido Socialista italiano e Felipe Gonzalez do Partidco Socialista Operário Espanhol presidiram em Paris a uma conferência de Imprensa a propósito da «cimeira» dos partidos socialistas e sociais democratas dos países da CEE e candidatos à adesão a essa Associação, que se realizou em Estrasburgo no princípio da passada semana. Nessa reunião foi reafirmado o «projecto europeu» desses partidos e o papel que a seu ver a Europa deve desempenhar no aprofundamento da política de desanuviamento entre os blocos políticos e militares.

A ITÁLIA DE NOVO EM CRISE

Bettino Craxi, secretário-geral do Partido Socialista Italiano encontrou-se na passada sexta-feira com o seu homólogo do PCI, Enrico Berlinguer. O objecto das conversações tem a ver com a actual crise que atinge o governo italiano na sequência dos escândalos financeiros que atingiram ministros e responsáveis da Democracia Cristã Italiana e da eleição para o secretariado geral da DC e para a sua presidência de dois homens ligados aos sectores mais conservadores do partido. Para os socialistas e comunistas trata-se de tentar encontrar uma estratégia comum face a um governo e um partido que se mostram cada vez mais à direita.



BATALHA ANTINUCLEAR EM FRANÇA

Há várias semanas que em Plogoff (Finisterra) os manifestantes antinucleares se opõem às forças da ordem instaladas na ilha onde a EDF projecta construir uma central nuclear. Desde o início das «hostilidades» a polícia desmantelou numerosas barricadas erguidas pelos manifestantes. Na foto um desfile em que se chama a atenção para o perigo da radioactividade. «Trabalho para os coveiros» lê-se numa bandeirola.

EXCLUSIVO
N.º 11/80